

2º CICLO DE ESTUDOS  
ARQUEOLOGIA

# **Caminho da Memória: território, identidade e arquitetura vernacular em Sebolido (Penafiel)**

Inês da Rocha Lopes

# **M**

2024





Inês da Rocha Lopes

**Caminho da Memória:  
território, identidade e arquitetura vernacular  
em Sebolido (Penafiel)**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Arqueologia

orientada pelo Professor Doutor Francisco Manuel Veleza Reimão Queiroga

e pela Professora Doutora Maria Teresa Cordeiro de Moura Soeiro

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2024



*Para o meu irmão, o meu pilar!*

# Sumário

Declaração de honra .....	6
Agradecimentos .....	7
Resumo.....	9
Abstract .....	10
Introdução .....	11
1.Métodos e Fontes .....	14
1.1. Abordagens.....	14
1.2. A importância da Interdisciplinaridade: Contribuições da Arqueologia .....	19
2. Enquadramento fisiográfico.....	19
2.1. O espaço.....	19
2.2. Características geológicas .....	20
2.3. Rede hidrográfica .....	21
2.4. Clima.....	23
3.Raízes da identidade.....	25
3.1. O território antes da freguesia .....	25
3.2. A criação da paróquia/freguesia de Sebolido em 1805 .....	29
3.3. A igreja paroquial .....	31
3.4. O que se diz da freguesia na segunda metade do século XIX .....	35
3.5. A comunidade em números: recenseamentos gerais da população (1864-1970) .....	37
3.5.1. Os censos de 1864 a 1970 .....	40
4.Território, recursos e atividades económicas.....	41
4.1. A distribuição das profissões .....	44
4.2. O monte.....	48
4.3. As terras de lavoura.....	52
4.4. O rio .....	57
4.4.1. Pesca.....	58
4.4.2. Transporte fluvial .....	63
4.5. As minas.....	65
4.5.1. As minas do Pejão .....	68
4.6. Outros ofícios .....	70
5.Arquitetura Venacular da Habitação .....	72

5.1. Casa Pátio .....	74
5.2. Complexos Adjacentes e Anexos.....	77
5.2.1. Aparelhos de elevar a água.....	78
5.2.2. Lojas, Cortes, Celeiros, Palheiros e Currais.....	79
5.2.3. Espigueiros.....	79
5.2.4. Lagar do Vinho .....	80
5.2.5. Lagar do Azeite .....	81
5.3. Casa Térrea .....	85
5.4. Materiais e Técnicas de Construção.....	87
Considerações Finais .....	91
Bibliografia .....	96
Fontes Arquivísticas .....	98
Fontes Impressas.....	100
Cartografia.....	101
Anexos.....	103
Anexo I. Sebolido: recenseamentos para fins militares e eleitorais (1831-1970) .....	104
Anexo II. Relatos Orais .....	143
Anexo III. Documentação Trancrita.....	160
Anexo IV. Registos Fotográficos .....	166
Anexo V. Inventário do Património Edificado .....	175

## **Declaração de honra**

Declaro que o presente trabalho de dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

[Porto, 2024]

[Inês da Rocha Lopes]

## **Agradecimentos**

Inicio estes agradecimentos expressando a minha mais profunda gratidão ao povo da região de Sebolido. Crescer e viver nesta terra foi fundamental para moldar quem sou hoje. A cultura, a simplicidade e a generosidade do povo de Sebolido sempre foram uma fonte inesgotável de inspiração. Este trabalho é, em muitos aspetos, um reflexo dos valores que aprendi com os Sebolidenses. Cada conversa, cada gesto de bondade e cada história compartilhada contribuíram de alguma forma para a realização desta dissertação. São uma parte essencial deste capítulo, e dedico este trabalho a todos os sebolidenses que me apoiaram diretamente ou indiretamente.

Agradeço de coração ao meu irmão, que é o meu maior apoio e motivação. Sem a tua presença constante, as tuas palavras de encorajamento e o teu exemplo de determinação, este trabalho não teria sido possível. Estiveste ao meu lado nos momentos mais desafiadores, oferecendo-me sempre uma palavra amiga. Esta dissertação é para ti, como um pequeno reconhecimento de tudo o que representas para mim.

À minha família, cuja paciência e amor foram fundamentais ao longo deste percurso, expresso o meu agradecimento. A compreensão e o suporte emocional que me deram foi inestimável. Cada um de vós contribuiu de maneira única para a concretização deste sonho, desde os incentivos diários aos sacrifícios silenciosos.

Aos meus amigos, que me acompanharam nesta jornada com entusiasmo e apoio, o meu sincero obrigado. Estiveram presentes nos momentos de celebração e nas horas de dificuldade, oferecendo sempre palavras de incentivo e apoio incondicional. A amizade foi uma fonte constante de alegria e motivação, lembrando-me de que nunca estava sozinha nesta caminhada.

Gostaria também de agradecer profundamente à Professora Doutora Teresa Soeiro e ao Professor Doutor Francisco Manuel Veleza Reimão Queiroga. A orientação, o apoio e os conselhos valiosos que me forneceram ao longo deste processo foram cruciais para a realização deste trabalho. As críticas construtivas, o incentivo contínuo e a sabedoria compartilhada foram essenciais para a conclusão da dissertação.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta dissertação, os meus mais sinceros agradecimentos. Este trabalho é o resultado de um esforço coletivo e, sem esse apoio, não teria sido possível chegar até aqui. Muito obrigado a todos!

## Resumo

O objetivo da dissertação é estudar, de forma multidisciplinar, o território e a vida na aldeia de Sebolido, recorrendo a diversas fontes, como a arqueologia, etnoarqueologia e memória oral, a fundos arquivísticos, fotografia, cartografia e bibliografia disponíveis, que nos permitam recuperar os principais traços históricos desta comunidade, depois de caracterizar o espaço geográfico em que Sebolido está inserida, como um elemento fundamental para compreender a relação da gente com a paisagem. A serra da Boneca é um importante marcador, bem como a posição do sítio na vertente para o Douro, estrada fluvial que facilita a relação com o Porto, por vezes mais chamativa do que a interação com a distante sede do concelho.

Tentamos, de seguida, conhecer melhor a vida da gente que viveu e trabalhou neste lugar, a diversidade social, as atividades económicas e a hierarquia na aldeia, o quotidiano dos habitantes e mulheres, o destino dos que migraram para a cidade ou partiram para o Brasil.

Focamo-nos, por fim, na arquitetura doméstica, com destaque para a tipologia casa-pátio, que é comum em Sebolido, entre as famílias ligadas à agro-pecuária, importa compreender a composição do edificado, a organização dos elementos construídos em torno dos pátios, que funcionam como uma espécie de espaço protegido ao ar livre, onde se realizam diversos trabalhos, circulam os animais e se guardam bens. Estas casas de lavoura representam a fixação do lavrador junto ao local onde cultiva a terra, formando organismos unifamiliares de produção e consumo, idealmente autossuficientes.

Mas não esquecemos que há famílias sem terra que se abrigam em habitações pequenas e tiram parte do sustento do monte comum e do trabalho assalariado, ou que procuravam os meios de subsistência no rio, como pescadores e marinheiros. Foi na ocupação do espaços marginais ou do baldio que encontraram o lugar para habitar.

**Palavras-chave:** Sebolido - Penafiel, rio Douro, serra da Boneca, história local, arquitetura vernacular.

## **Abstract**

The objective of the dissertation is to study, in a multidisciplinary way, the territory and life in the village of Sebolido, using various sources, such as archaeology, ethnoarchaeology and oral memory, archival funds, photography, cartography and bibliography available, which allow us to recover the main historical features of this community, after characterizing the geographical space in which Sebolido is inserted. as a fundamental element to understand the relationship between people and the landscape. The Serra da Boneca is an important marker, as well as the position of the site on the slope to the Douro, a river road that facilitates the relationship with Porto, sometimes more striking than the interaction with the distant seat of the municipality. We then tried to get to know better the life of the people who lived and worked in this place, the social diversity, the economic activities and the hierarchy in the village, the daily life of the inhabitants and women, the fate of those who migrated to the city or left for Brazil.

Finally, we focus on domestic architecture, with emphasis on the house-patio typology, which is common in Sebolido, among families linked to agriculture and livestock, it is important to understand the composition of the building, the organization of the elements built around the patios, which function as a kind of protected outdoor space, where various works are carried out, animals circulate and goods are stored. These farmhouses represent the settlement of the farmer near the place where he cultivates the land, forming single-family organisms of production and consumption, ideally self-sufficient. But we do not forget that there are landless families who take shelter in small dwellings and derive part of their livelihood from the common mountain and from wage labor, or who sought their means of subsistence on the river, as fishermen and sailors. It was in the occupation of marginal spaces or the wasteland that they found the place to live.

Keywords: Sebolido - Penafiel, Douro River, Serra da Boneca, local history, vernacular architecture.

## Introdução

A opção pelo estudo do espaço geográfico da freguesia de Sebolido, pertencente ao concelho de Penafiel, deve-se ao interesse pessoal e conhecimento direto deste território, do qual sou natural, o que permitiu um mais fácil acesso ao objeto de investigação e entrosamento com a comunidade, embora tentando sempre salvaguardar a alteridade necessária ao método científico e trabalho de investigação. Acresce que este será um dos poucos espaços em Penafiel onde ainda não foram realizados muitos trabalhos de arqueologia histórica, à exceção de temas como a pesca, o lagar de azeite ou a indústria de cera, estudados por Teresa Soeiro. Penso ser de extrema importância prestar uma maior atenção a estes contextos de época Moderna e Contemporânea, porque têm sido constantemente ignorados, perdendo-se assim fontes de informação, marcadores de território, perceções e vivências da comunidade que foram significativos na configuração e desenvolvimento da freguesia em estudo.

A povoação de Sebolido é definida, essencialmente, pela sua rua principal, com as habitações distribuídas em banda e para ela voltadas, havendo, em meados do século XX, núcleos secundários antigos derivados deste eixo: uma área que cresceu à margem do entroncamento com a estrada marginal do Porto para Entre-os-Rios e outra, no extremo oposto, de casas dispostas em torno da igreja. Mais recente é a expansão ao longo da estrada e para a encosta da serra, no baldio. Verificam-se transformações também nas cotas baixas, próximas ao rio, posição onde se destaca o vetusto lugar de Cancelos. Entre as casas da lavoura, em banda mas sem imbricarem as paredes ou quase se tocarem entre elas, e os campos e quintais que acompanham as ruas, nem sempre é possível saber o início e o fim da aldeia, do lugar, até da freguesia. Tentámos documentar e fazer uma leitura diacrónica desta realidade construída ao longo de séculos.

Contudo, para tornar o trabalho de campo viável em tempo útil, tivemos de nos limitar à área da atual freguesia de Sebolido, resultante da desanexação da freguesia de Rio Mau em 1985. Esta opção respeita o diferente quotidiano e vivência das duas comunidades, ao longo dos séculos XIX e XX. Sebolido era constituído, até aos anos 1960, essencialmente, pelos lugares da Abitureira, na vertente da serra sobre o rio; Cancelos, característico de

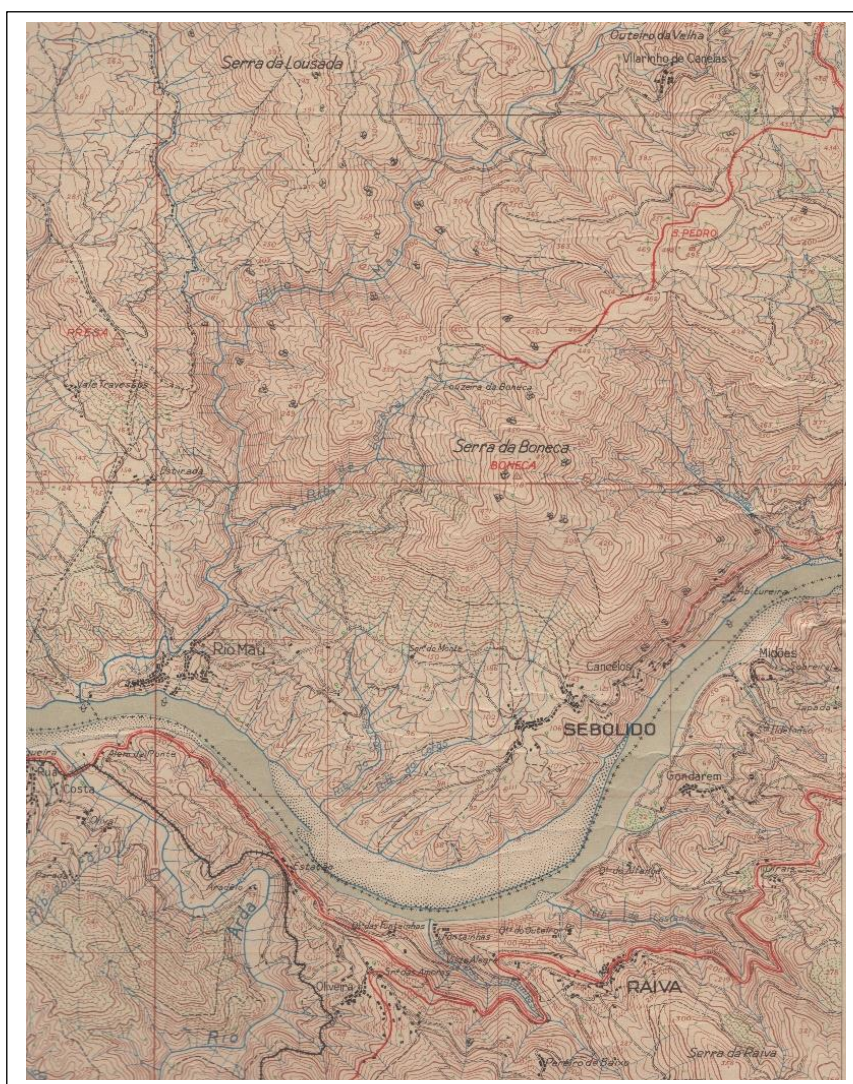
gente virada para as lides do Douro, sendo a pesca o seu maior sustento; Outeiro, onde os habitantes se viravam para a pastorícia, criando rebanhos de ovelhas e cabras que se alimentavam no monte da Boneca e nas bordas do rio Douro; e o Lugar (de Sebolido subentende-se), a área mais importante da freguesia, onde se encontravam as casas dos senhores que mandavam em tudo, tendo criados para todos os serviços, desde o amanho das terras, ao cuidado dos animais e aos trabalhos domésticos. Lugar foi o nome dado ao aglomerado em torno do caminho público central, ladeado pelas casas de lavoura, as quais possuíam, por vezes, quinteiros públicos com servidão de passagem para a igreja ou para os campos envolventes. As casas dos senhores de Sebolido pertenciam à família Trindade (ordenaram a construção da capela do Sr. Monte), às famílias Sá, Vieira, Rocha, eram do Lopes e das Laranjeiras. Esta organização social e económica, vincada no território, agrupa a comunidade que dominou, no passado, todo o trabalho de exploração de terra e, em menor escala, do rio (Ribeiro, 1991: 302).

Desde tempos recuados que Sebolido se apresenta naturalmente delimitada, com uma área contigua (ou não) destinada a campos, e o monte. Na malha agrícola, a terra pertencia ou era explorada por cada lavrador ou caseiro que a arrendava aos senhores (laicos ou religiosos) e cada qual tinha o direito de usufruir do espaço comum baldio, para aproveitamento de pastos, recolha de lenhas e mato, de pedra e saibro, a busca de água, a plantação de árvores que pertenceriam ao próprio, ainda que o chão fosse comum (Almeida, 1986: 122).

O povoamento desta região está regido por um sistema antigo, instalavam-se as casas perto da mancha dos campos e os caminhos da missa estruturavam a sua disposição. A casa de lavoura, com as suas construções adjetivas específicas, era considerada residência e unidade de trabalho, idealmente autossuficiente, onde se destaca a área da cozinha como o espaço mais utilizado por toda a família, servindo ainda para atender os vizinhos; já os atos sociais de cerimónia, receber gente grada ou vinda da cidade, mesmo fazer o velório ou acolher a visita pascal, tinham lugar na sala, que raramente se abria (Almeida, 1986: 123).

Mas nem só de proprietários, lavradores e lavradores caseiros se fazia a comunidade. Também integram a arquitetura vernacular as pobres habitações dos jornaleiros e

despossuídos, bem como as da gente que tirava o sustento do rio, arrais, marinheiros, barqueiros e pescadores, com características próprias para o seu trabalho, ainda que no horizonte de quase todos se valorizasse a posse de terra, ao menos para a horta e a ramada. Em contracorrente, enaltece-se a importância do rio Douro e da inóspita serra da Boneca, que deram identidade a Sebolido, ao ritmo de ciclos económicos, das dificuldades de acesso por estrada à sede do concelho e facilidade em encontrar trabalho no transporte fluvial ou chegar ao Porto para se empregar na indústria, ou simplesmente cruzar o rio para ir para a mina, modos de vida a par das limitações e vantagens inerentes à posição e natureza do local (Soeiro, 2013: 8).



**Fig. 1.** Sebolido. (IGE – Carta Militar de Portugal: Folha 134 Foz do Sousa (Gondomar), 1945)

# 1. Métodos e Fontes

## 1.1. Abordagens

Como indicamos, a dissertação visa estudar, de forma multidisciplinar, o território e o quotidiano de Sebolido. Para isso, recorreremos a diversas fontes, desde a memória oral local, à bibliografia, fundos arquivísticos, fotografia e cartografia disponíveis. O objetivo é recuperar os principais traços da história desta comunidade, na sua relação fundamental com um território específico e articulação com o município e a região durienses.

Primeiramente, esboçamos a caracterização fisiográfica do espaço geográfico em que Sebolido está inserido, destacando a serra da Boneca e a posição da aldeia na margem do rio Douro, que facilita a relação com o Porto, muitas vezes mais importante do que a interação com a distante sede do concelho (cap. 2). Em seguida (cap. 3), fomos procurar informação histórica, sobretudo em fontes publicadas e na bibliografia, para melhor compreender a surgimento e afirmação da comunidade e a definição do seu território até se tornar freguesia autónoma no início do século XIX. Neste ponto e na questão da igreja paroquial, particularmente sensíveis, tentamos fundamentar as afirmações em documentação arquivística. Recordamos, ainda, o que os autores de dicionários e descrições corográficas disseram de Sebolido e, procurando objetividade, fomos verificar os valores inscritos nos recenseamentos gerais da população.

A vivência do tempo histórico que se seguiu (cap. 4) será de plena afirmação e reforço das identidades, em que se torna mais nítida a diferenciação entre Sebolido e Rio Mau, a qual haveria de levar à autonomização desta nova freguesia, que ocorreu já fora do limite temporal que escolhemos, o final do Estado Novo. Tentamos conhecer melhor o quotidiano da gente que viveu e trabalhou neste local, na sua diversidade social e hierarquização da aldeia, nas atividades económicas, no quotidiano das mulheres e destino dos que migraram para a cidade ou partiram para o Brasil, recorrendo mais sistematicamente à documentação do Arquivo Municipal de Penafiel e, pontualmente, ao Arquivo Distrital do Porto. Existem ainda muitas fontes de produção estatal que estão disponíveis online, particularmente no INE, e outras que foram publicadas e puderam ser consultadas em bibliotecas.

Por sua vez, o trabalho de campo focou-se na arquitetura doméstica (cap. 5, Anexo V), com destaque para a tipologia casa-pátio, comum em Sebolido entre as famílias ligadas à agropecuária. Importa compreender a composição do edificado e a organização dos elementos construídos em torno dos pátios, que funcionam como espaços protegidos ao ar livre, onde se realizam diversos trabalhos, circulam os animais e se guardam os bens. Essas casas representam a fixação do lavrador junto ao local onde cultiva a terra, formando organismos unifamiliares de produção e consumo, idealmente autossuficientes.

Porque nem todos foram proprietários e lavradores, o estudo apresentado também aborda a realidade das famílias sem terra, que se abrigam em habitações menores e dependem do monte comum e do trabalho assalariado, ou que procuram meios de subsistência no rio, como pescadores e marinheiros. A ocupação de espaços marginais ou baldios será analisada para entender o zonamento do espaço edificado e a forma de habitação desses grupos.

A par deste registo de campo recorreremos à recolha de memórias dos habitantes, para melhor penetrar no quotidiano vivido. Nesta vertente, agradecemos a Manuel Pinheiro a cedência da recolha de memória que efetuou em 1982, bem como a autorização para a publicar (Anexo II). Com estes registos, realizei uma exposição em memória da gente da terra:

<https://www.facebook.com/watch/?v=1944520785751482&ref=sharing>

<https://www.facebook.com/juventudesebolidense22/posts/pfbid0ew5nrbtTmzmwrvhKNWkmPMXruRLfyVfuVRxYDpDPoZXbuVAiBwNJYfriJ8BNmtm7l?rdid=TledkaBseewVF1m9>

<https://www.facebook.com/juventudesebolidense22/posts/pfbid0cunsiwJWhwYHqptfTd nRCXYMYAYGRGcpfkXL6SHBgujPwtXQhtzVJt3g6GsGeNxJl?rdid=KuWewYrMncx0DKye>

Também me foi particularmente útil a obra literária de Manuel Araújo da Cunha, que nos seus contos nos leva a um passado vivido nesta freguesia.

Assim, o estudo pretende oferecer uma visão abrangente e detalhada do território e da vida na *aldeia* de Sebolido, recorrendo a um leque diversificado de fontes de informação, combinando-as de maneira integrada, e de perspetivas para a sua interpretação.

Ao longo desta pesquisa, tive a oportunidade de estagiar, no decurso do primeiro ano de mestrado em Arqueologia, no Museu Municipal de Penafiel, sob a supervisão da Dra Helena Bernardo, o que me permitiu acompanhar a revisão do Programa de Desenvolvimento Municipal (PDM) do município de Penafiel então em curso, tomando assim conhecimento das dinâmicas utilizadas para preservação e gestão do património arqueológico e construído do concelho. Dado que o Museu é responsável pela proposta de Carta do Património, instrumento crucial de inventário e mapeamento de todo o património, durante o meu estágio acompanhei saídas de campo e elaboração de fichas necessários à revisão dessa Carta, a ser inserida no PDM de 2022, que seguiu para discussão e análise das alterações a serem aprovadas.

Neste contexto, foram-me cedidos exemplos de fichas de inventário relativas ao núcleo de Sebolido, que incluíam uma breve caracterização das casas da lavoura de grande renome, como a Casa dos Sá. Também me disponibilizaram cartografia de pormenor para conseguir mapear o inventário presente no Anexo V, respeitando a ordenação das casas pelo número registado na polícia e por zonas, sugestão que tentei executar a partir das indicações da Dra Helena Bernardo, uma vez que o método fora por ela usado na sua dissertação de mestrado em Arqueologia (Arqueologia Moderna e Contemporânea), apresentada na FLUP em 2012 e publicada nos *Cadernos do Museu* 19 (2023) com o título: *Do lugar de Arrifana de Sousa à cidade de Penafiel. Urbanismo e arquitectura (séculos XVI-XVIII)*.

Este anexo foi ainda inspirado na dissertação de Mauro Carlos Ribeiro Correia, *Arqueologia e História das Grandes Propriedades do Vale do Baixo Sabor: as Quintas da Laranjeira, de Crestelos e Branca (da Baixa Idade Média ao século XXI)*, também apresentada para obtenção do grau de mestre em Arqueologia na FLUP, ano de 2019.

Todo o processo de recolha de informação arquivística foi feito com apoio da coordenadora Professora Teresa Soeiro, que tem conhecimento direto da região de Sebolido e experiência nas vias a explorar para obter a informação.

Durante o processo de prospeção de campo, para conhecer melhor a área em estudo, percorri as ruas de Sebolido com o Senhor Albano Pereira Barbosa, ex-presidente da Junta de Freguesia, que tem profundo conhecimento das vivências e saberes da região, assim

como de todo o património existente e do que desapareceu no século XX. Manuel Pinheiro, estudioso da freguesia de Sebolido, também foi uma ajuda crucial, pois forneceu-me registos inéditos, escritos por si, sobre as atividades da população, autorizando a sua publicação (Anexo II). Por fim, recorri à Junta de Freguesia, para procurar documentação e outra informação para a história de Sebolido (capítulo 3).

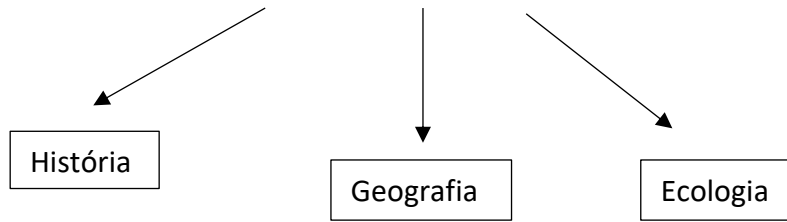
## **1.2. A importância da interdisciplinaridade: contribuições da Arqueologia**

A interdisciplinaridade é crucial no avanço do conhecimento. A colaboração entre diferentes áreas permite abordar problemas complexos de forma mais ampla. A arqueologia, em particular, oferece exemplos práticos de como a integração de diversas disciplinas pode levar a descobertas significativas e práticas.

«Para uns, «minimalistas», a arqueologia só existe quando se fazem escavações, quando se exuma, do solo ou da água, algum objeto ou estrutura do passado que estava previamente escondido(a). Arqueologia, nesta visão, é essencialmente o estudo de restos, ruínas, vestígios. Que se destinam, antes do mais, a completar a «outra» história, a que se faz com os documentos escritos. (...) “É não só uma forma alternativa de história, como uma herança peculiar no modo de ver o mundo. E, portanto, o seu objeto é todo esse mundo, material, e prenhe de significações, que nos rodeia: a paisagem, o território, desde a escala local à global – o que vai entroncar necessariamente com valores ambientais e outras envolventes» (Jorge, Vítor Oliveira, 2003. *Olhar o Mundo como Arqueólogo*, Coimbra, Quarteto, pp. 22-23).

Vítor Oliveira Jorge enriquece-nos com duas perspetivas distintas acerca do papel da arqueologia, por um lado caracteriza os “minimalistas”, de defenderem que esta ciência social é o estudo dos restos materiais dos solos ou da água. Por outro lado, defende a complementação que a Arqueologia tem na história, uma perspetiva que vai para além do básico, defendendo esta ciência social como uma fonte de história e herança única, que influencia a forma como descrevemos o passado.

## Paisagem e Território



A interdisciplinaridade destas áreas de estudo permite-nos conhecer o território, aferindo como as sociedades interagem com o seu meio ambiente.

Assim sendo, as arquiteturas vernáculas/ populares/ tradicionais são registos edificados presentes na paisagem de uma região, nos qual são materializados novos saberes, como a agricultura presente, a criação de gado, o sistema das relações patentes na região que nos permite descobrir o espaço doméstico, o território e o modo de vida, o tipo de construção feita, que assenta nos recursos naturais dados pelo monte, ou seja, são uma parte integrante nas evidências arqueológicas.

## 2. Enquadramento fisiográfico

### 2.1. O espaço

A freguesia de Sebolido, com uma área de 5,15 km<sup>2</sup>, integra o concelho Penafiel (distrito do Porto) e fica situada na margem direita do rio Douro, num meandro a cerca de 25 km da sua foz. A norte, a inóspita serra da Boneca, cujo cume (vértice geodésico) atinge os 518 m e a vertente sul chega ao Douro, isola-a das demais freguesias e também da sede do município, tendo propiciado, ao longo dos tempos, uma maior relação com terras ribeirinhas e, em particular, com o Porto, capital nortenha. Sebolido e Canelos são as zonas habitacionais com ocupação secular, ficam nesta área sul, em cotas baixas e menos declivosas. As suas ruas estruturantes davam acesso ao rio Douro, principal via de circulação de gente e mercadorias, e meio onde se desenvolviam importantes atividades piscatórias e de transporte.



**Figura 2.** Carta administrativa: localização de Sebolido no município de Penafiel (CMPNF)

Queremos ressaltar desde já que, como veremos em próximo capítulo, até 1984 a área da atual freguesia de Rio Mau, contígua a poente e ainda mais vinculada ao rio, também fazia

parte de Sebolido, não sendo possível desagregar a respetiva informação em muitas das fontes que consultámos, nem interpretar uma sem lembrar a outra.

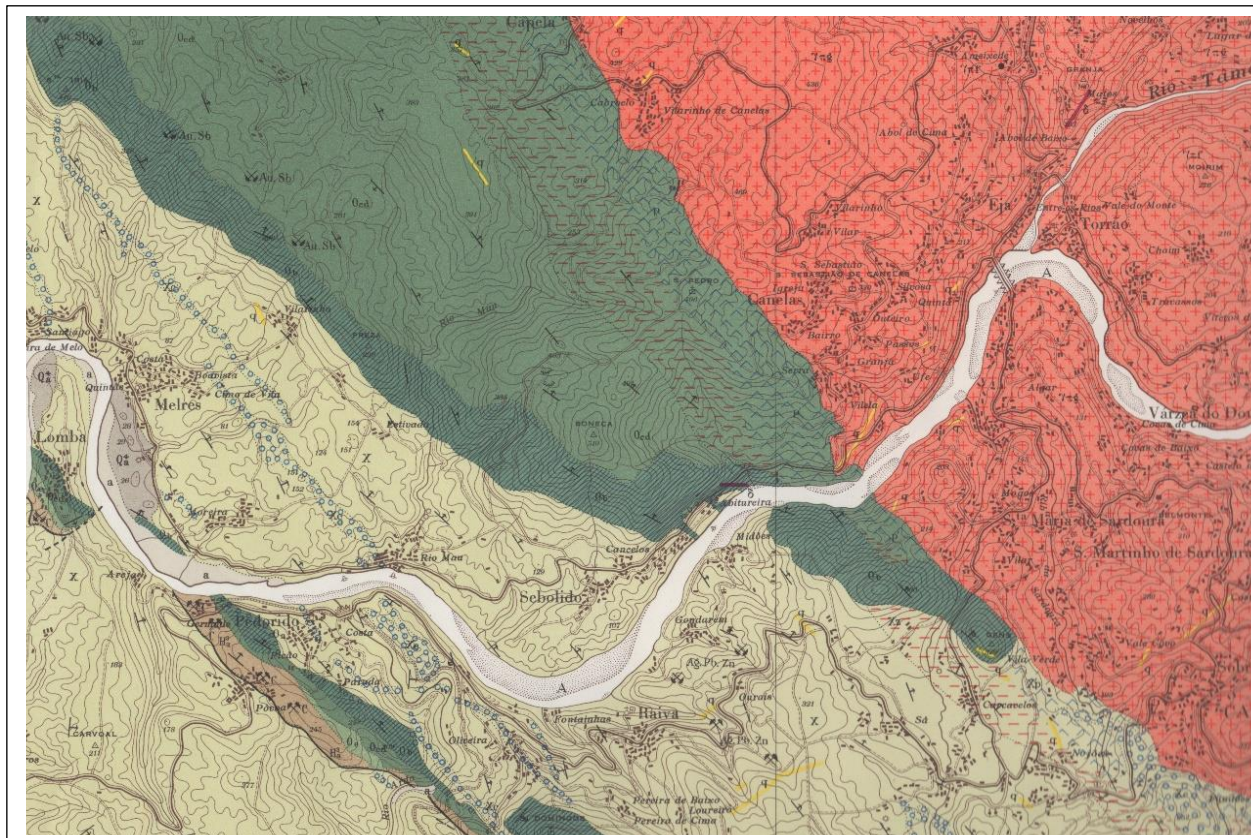
## **2.2. Características geológicas**

Na paisagem das serras do Douro é perceptível um número elevado de quartzitos, grauvaques e xistos, que, de acordo com Fernando Rebelo (1975:7), são os “materiais em que se talhou o relevo”. Relativamente aos dois primeiros, importa evidenciar que se trata de rochas duras, encontradas numa área considerável destas serras, de Valongo a Castelo de Paiva, “responsáveis pelas cristas alongadas que se erguem acima dos relevos essencialmente xistosos” (Rebelo, 1975:7-8).

Marcante para a paisagem de Sebolido é a serra da Boneca: «serra de xisto, onde, subindo pela vertente SW [Rio Mau], se passa dos quartzitos aos xistos sem que corresponda ao material duro nada mais que pequenas rechãs ou saliências» (Rebelo, 1975: 35). Caracteriza-se pela grande densidade de xistos, com bons afloramentos de xistos ardosíferos e ardósias do landeiliano (Medeiros; Pilar; Fernandes, 1964: 10), com cristas secundárias (apresentam-se como pequenas saliências nas vertentes) de xistos gresoso-quartzíticos. Os declives, em parte da área da serra e da marginal do Douro são muito fortes, ultrapassando os 20% (Comissão Municipal, 2021: 12).

Os xistos presentes na Boneca apresentam pendores fortes e regulares extensões, o que facilita a penetração da água, tornando-se mais permeáveis e resistentes à erosão. Assim, os xistos ardosíferos, sendo rochas mais resistentes aos agentes erosivos, podem marcar a morfologia do local, ou seja, explicar «a diferença flagrante entre as formas apagadas talhadas nos xistos muito dobrados do complexo xisto-grauváquio ante ordovício, e as formas nítidas, por vezes com alinhamentos rígidos, na maior parte dos xistos de pendores subverticais, ordovícios ou silúricos, onde se encontram ardósias, mas também leitões de quartzitos ou de grauvaques» (Rebelo, 1975:12-13). Esta dissemelhança das variedades de xisto também será parcialmente responsável pela diferente resistência à erosão, como no caso serra da Boneca, com bons e acessíveis afloramentos de xistos ardosíferos e ardósias (Rebelo, 1975:12-13), muito utilizados na arquitetura vernacular, a par do granito proveniente da mancha contígua, dominante em quase todo o concelho de Penafiel, de

onde, por sua vez, se vinha aqui procurar/recolher as *lousas* para beirais, pavimentos de eira, poiais, etc. Entre a segunda metade do século XIX e a primeira do XX, a ardósia tornou-se objeto de exploração industrial na chamada *Louseira da Boneca*.

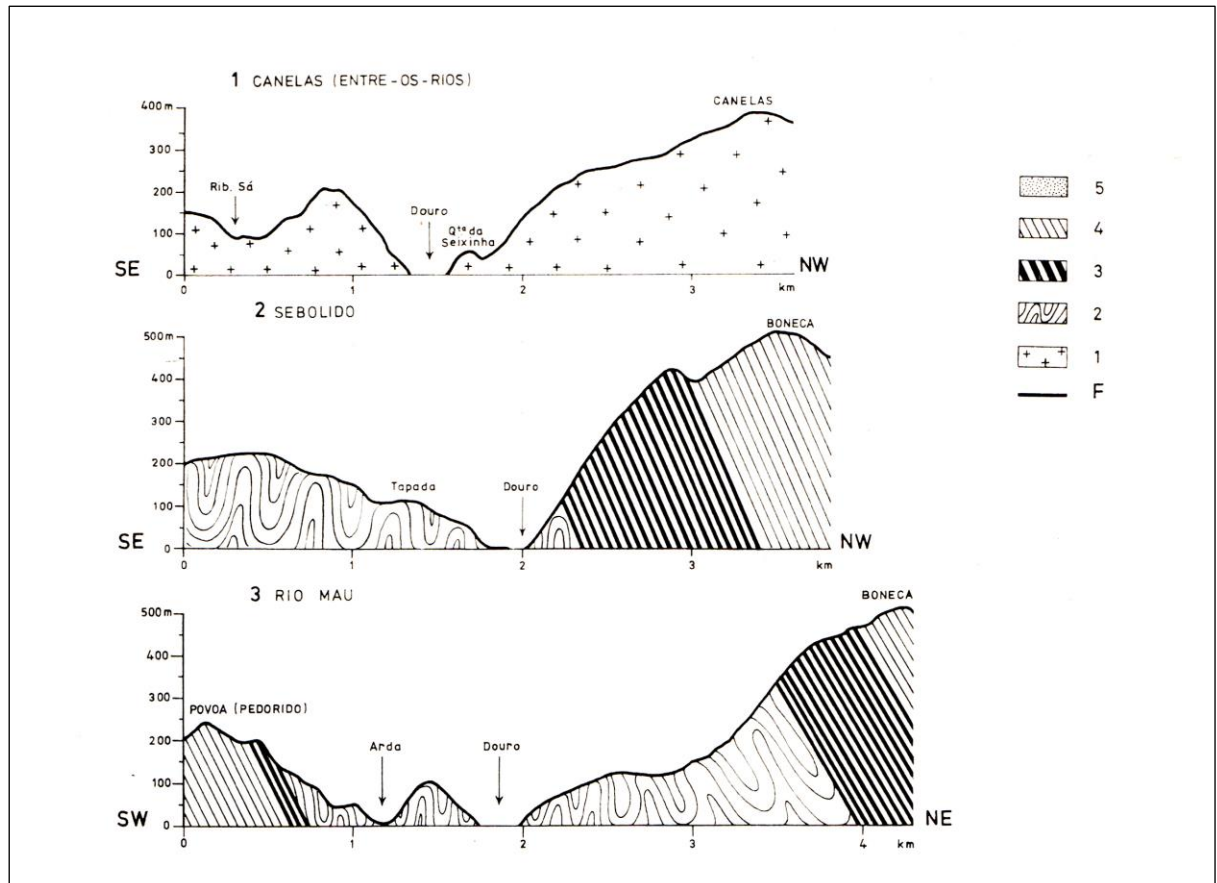


**Figura 3.** Carta geológica da área envolvente de Sebolido. (DGMSG/Serviços Geológicos de Portugal – Carta Geológica de Portugal: Folha 13-B Castelo de Paiva, 1963)

### 2.3. Rede hidrográfica

Segundo Fernando Rebelo: «pouco depois de receber, pela margem direita, um dos seus principais afluentes, o Tâmega, o rio Douro atravessa os quartzitos skidavianos do flanco E do anticlinal, quartzitos de dureza considerável e, no local (Sebolido), com grande largura de afloramento. O facto que imediatamente ressalta é o da dissimetria das vertentes naquele ponto do vale. Na margem direita, a abruptuosidade, a verticalidade da forma, a característica típica do canhão quartzítico. Na margem esquerda, pelo contrário, a vertente habitual do Douro quando talhada nos xistos das proximidades — abrupta ainda, sem dúvida, mas não tanto como na outra margem» (Rebelo, 1975: 128). O Douro é, pois, como afirma, o “marco mais notável” (Rebelo, 1975: 128) da representação de toda a drenagem que afeta as cristas quartzíticas principais. O rio passa pelas cristas quartzíticas, às quais

não se adapta, nem as corta, mas fá-lo em relação aos acidentes tectónicos. No caso de Sebolido: «estamos perante uma fractura NE-SW que só pode entender-se formada na sequência de movimentos muito importantes, mas que pode ter rejogado em tempos relativamente recentes» (Rebello, 1975: 130). O rio Douro não é, assim, afetado pelos quartzitos, os quais não criaram grandes problemas à regularização do seu perfil longitudinal.



**Figura 4.** Rio Douro: perfis transversais e respetivos cortes geológicos esquemáticos elaborados de montantes para jusante desde a área de Entre-os-Rios. F- Falhas; 1- Granitos; 2-Rochas ante-ordocícias (predomínio de xistos); 3- quartzitos skidavianos (igualmente predomínio de xistos); 5- depósitos superficiais (Rebello, 1975: 129).

No entanto, podemos senti-los na forma como a vertente abrupta foi talhada para instalar apertado estrada de Entre-os-Rios a Sebolido, e muito em particular na passagem pela fraga das Abitureiras, a que na navegação do rio correspondia, ainda em Canelas, o *ponto* mais a jusante, as perigosas Pedras de Linhares. Depois delas, no meandro de Sebolido, o rio formava um extenso areio, onde se pescava pelo menos desde a idade Média.

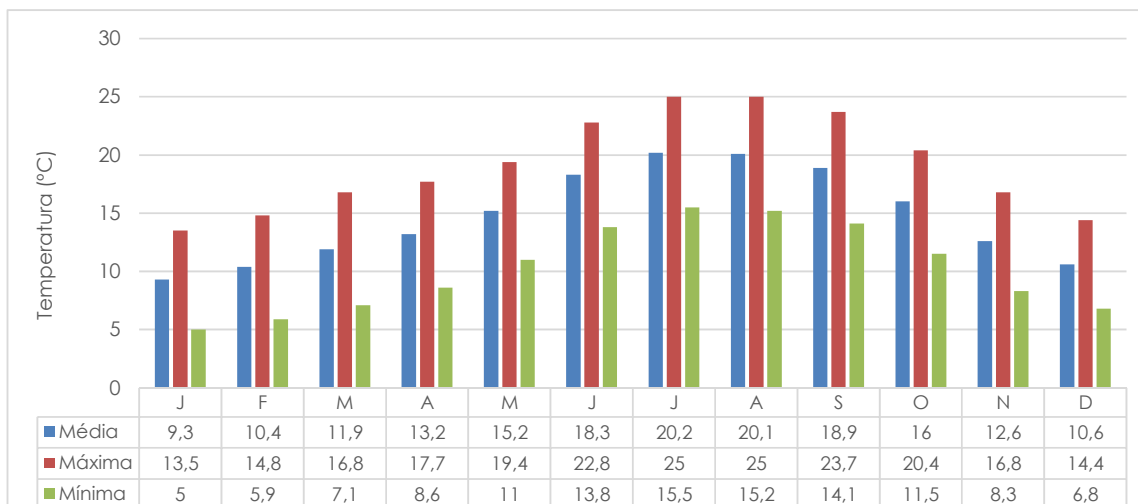
O território da freguesia de Sebolido anterior à criação da de Rio Mau era atravessado pelo rio deste nome – Mau, talvez pelo forte encaixe do seu percurso, irregularidade do leito pedregoso e turbulência das águas de inverno. Nascido pouco a montante, no planalto do Mozinho, freguesia da Capela, o seu curso é de 9,62 km, até desaguar no Douro. Recorremos novamente ao contributo de Fernando Rebelo para o caracterizar: «na sua parte terminal, atravessa os quartzitos em situação intermédia [...] à sua direita está a crista da Presa, bem definida, erguendo-se quase a 300 metros, à esquerda, pelo contrário, encontra-se a vertente ocidental da Serra da Boneca descendo, na secção parcialmente talhada pela ribeira da Louzeira, dos retalhos aplanados a cerca dos 360 metros, com as cornijas de quartzito situadas entre os 200 e os 250 metros, sensivelmente. Não se duvida, pois, que o rio Mau aproveite uma linha de fragilidade – é improvável, porém, reduzi-la a uma só fractura» (Rebelo, 1975: 138). A mencionada ribeira da Louseira tem um curso de 2,44 km, desde o alto da Boneca até encontrar o rio Mau.

Como do Douro não se recolhiam águas para rega, para a lavoura e os trabalhos seriam importantes as pequenas ribeiras que, nascidas na vertente sul da Boneca, atravessavam a povoação e os campos de Sebolido, antes de desagurem no Douro: ribeira do Sobreiro e, mais próximo, o ribeiro do Corgo.

#### **2.4. Clima**

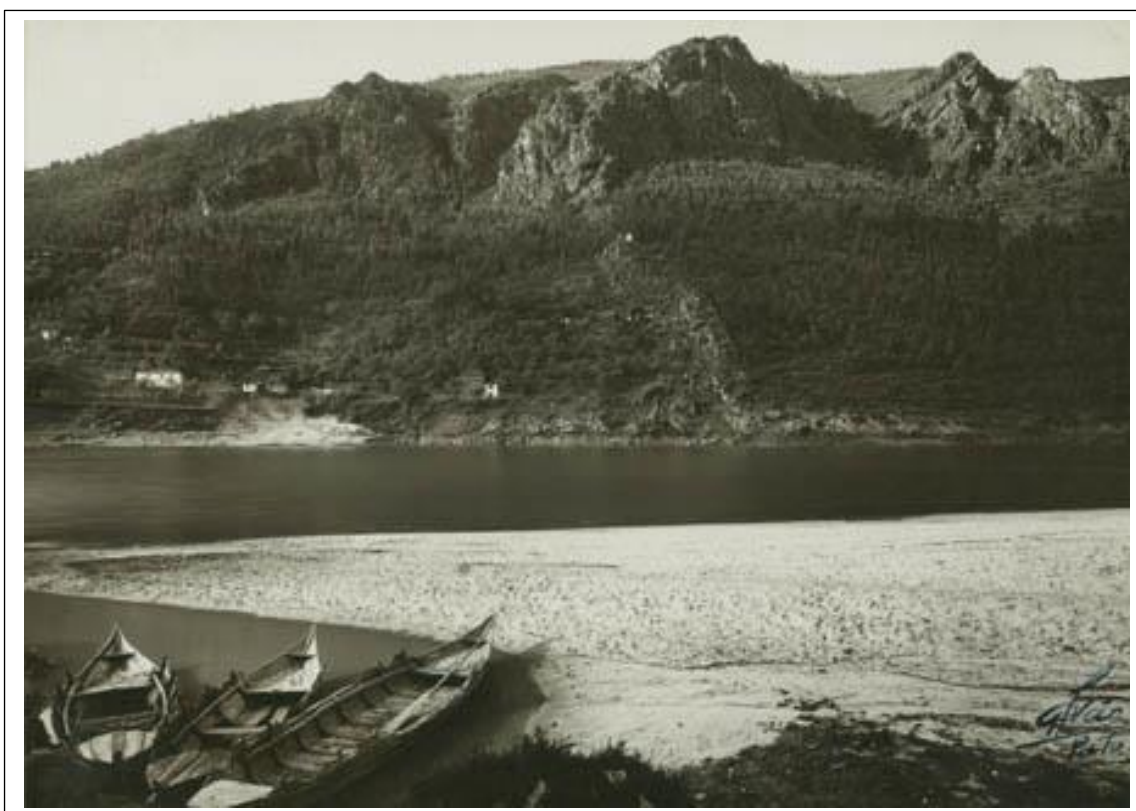
No geral, o clima do concelho de Penafiel é temperado, embora se sintam os frios vindos das terras mais altas, sendo habitual a formação de geadas no final do Outono e Inverno. Ocasionalmente ocorre queda de neve, principalmente nos pontos mais altos.

A freguesia de Sebolido, sobre o Douro, estando essencialmente exposta a sul, poente e nascente, protegida das correntes frias das terras a norte do concelho pela serra da Boneca, tem uma temperatura mais amena, como toda a parcela meridional do concelho e as freguesias do vale do Tâmega. Segundo o *Atlas do Ambiente* (1975), o valor médio da precipitação oscilará entre os 1000 e 1200 mm, há menor humidade e o número de dias de geada situa-se também um escalão abaixo daquele em que se posiciona o norte do concelho, enquanto, pelo contrário, a temperatura média, 12,5-15º, fica um acima.



**Figura 5.** Valores médios diários da temperatura (Comissão Municipal, 2021: 20)

A área ribeirinha estava outrora à mercê das vulgares cheias daquele rio, motivo, certamente, do afastamento do principal aglomerado, também com o topónimo Sebolido, para o início da encosta. Agora fica sujeita a névoas decorrentes da proximidade do rio e aumento da sua superfície de evaporação, integrando a albufeira de Crestuma/Lever.



**Figura 6.** As Fragas das Abitureiras (519m) vistas da margem sul, no local da barca de passagem, final da década de 1920-início da seguinte. (MMPNF, Fot. Casa Alvão (MMPNF/AL04/CMP7/04)

### 3. Raízes da identidade

Já vimos que a freguesia em estudo pertence ao município de Penafiel, distrito do Porto, posicionando-se na margem direita do rio Douro, a cerca de 20 km da sede concelhia. Muito mais próximo está o lugar de Entre-os-Rios, importante porto no rio Douro. Porém, como freguesia autónoma Sebolido é apenas do início da época contemporânea, tem pouco mais de dois séculos, e mesmo assim já sofreu uma alteração profunda, a partição para formar a mais recente freguesia de Rio Mau (1985)<sup>1</sup>. O atual território foi anteriormente, desde a Idade Média, uma parcela da grande paróquia de Canelas, da então *Terra de Penafiel*, e, recuando mais, parte do *Território Anegia*, cuja cabeça ficaria pouco distante, no alto da Cidade, sobranceiro àquele porto da desembocadura do Tâmega no Douro. Neste capítulo procuramos reunir alguma informação sobre o percurso histórico de Sebolido.

#### 3.1. O território antes da freguesia

De facto, os documentos mais antigos que encontramos são referentes a Rio Mau, porto na margem do rio onde havia uma pesqueira que já em 1102 foi, em parte, deixada em testamento por Garcia Eneguiz, que a herdara, ao Mosteiro de Paço de Sousa: «ipsa pescaria de **Riu Malo** ad illo porto sub illo saxo id est mediam de ipsam pescaria tantum venit de parentibus meis» (PMH: DC-C: LTPS, nº 23; Santos, 2005: 38, 49 e 71). O mesmo Mosteiro recebeu também casais neste lugar, doados por Maior Gomes, cerca de 1162-1169, e por Soeiro Pais, em 1171: «duos casales de mea hereditate pernominatos in **Riu Malo** uenessent ad Palaciolo» (PMH: DC-C: LTPS, nº 21) e «in **Riu Malo** I kasal» (PMH: DC-C: LTPS, nº 19). Em 1080, são doadas propriedades em Sebolido, por Vivili Viegas, e em 1145 uma *villae* em Rio Mau, de Elvira Peres (Lopes, 2012: 132, 148). A própria igreja de São Mamede de Canelas era, metade, do Mosteiro de Paço de Sousa.

---

<sup>1</sup> A Assembleia da República aprovou a criação da freguesia a 30 de novembro de 1984, para a decisão entrar em vigor a 1 de Janeiro do ano seguinte (*Diário da República*, I Série, 31 de dezembro de 1984, 4º Suplemento, p. 3976). Porém, esta divisão não teve repercussão imediata no foro religioso, continuando então Rio Mau a pertencer à paróquia de Sebolido (Moreira, 1989-1990:25 é da separata).

Um século depois, Sebolido é mencionado nas *Inquirições* mandadas fazer por D. Afonso III, em 1258. Surge no inquérito realizado na freguesia de São Mamede de Canelas, onde há duas granjas e trinta e seis casais, sendo uma delas e sete casais do Mosteiro de Paço de Sousa. Questionado se algum destes casais paga foro ao rei, o informador diz: «unum istorum dat annuatium Domini Regi j. carnarium, j. almude panis, et dat uma vice anno intratam Maiordomi, et debet dare usque iij solidos et non magis, **et hoc casale jacet in Cebolido**; et ij. casalia **in ipso loco** Monasterii Ville Bone et aliud Sancti Johannis de Pendorada» entregam ao rei foro idêntico. Muito importante, acrescenta-se que: «ista tria casalia si habuerint retes debent dectare cotidie retem uma vice in quacumque die Domino Terre, et de quanto piscato mactaverint debet inde esse quarta pars Domini Regis, et de omni alio pescato quos ibi mactaverint cum omnibus barcis in ipso flumine debent dare primun savalum et primam lamprenam quod mactaverint Domino Regi» (PMH: Inq., I: 587; Santos, 2005: 79). Ou seja, destaca-se a complementaridade da exploração agro-pastoril, decorrente da qual os detentores dos casais pagam quantidades de cereal e carneiros, possivelmente criados nos pastos do monte, e piscatória, tanto regular, com barco e redes, como sazonal, em pesqueira, dirigida ao sável e lampreia, bem implantada e com tendência a valorizar-se.

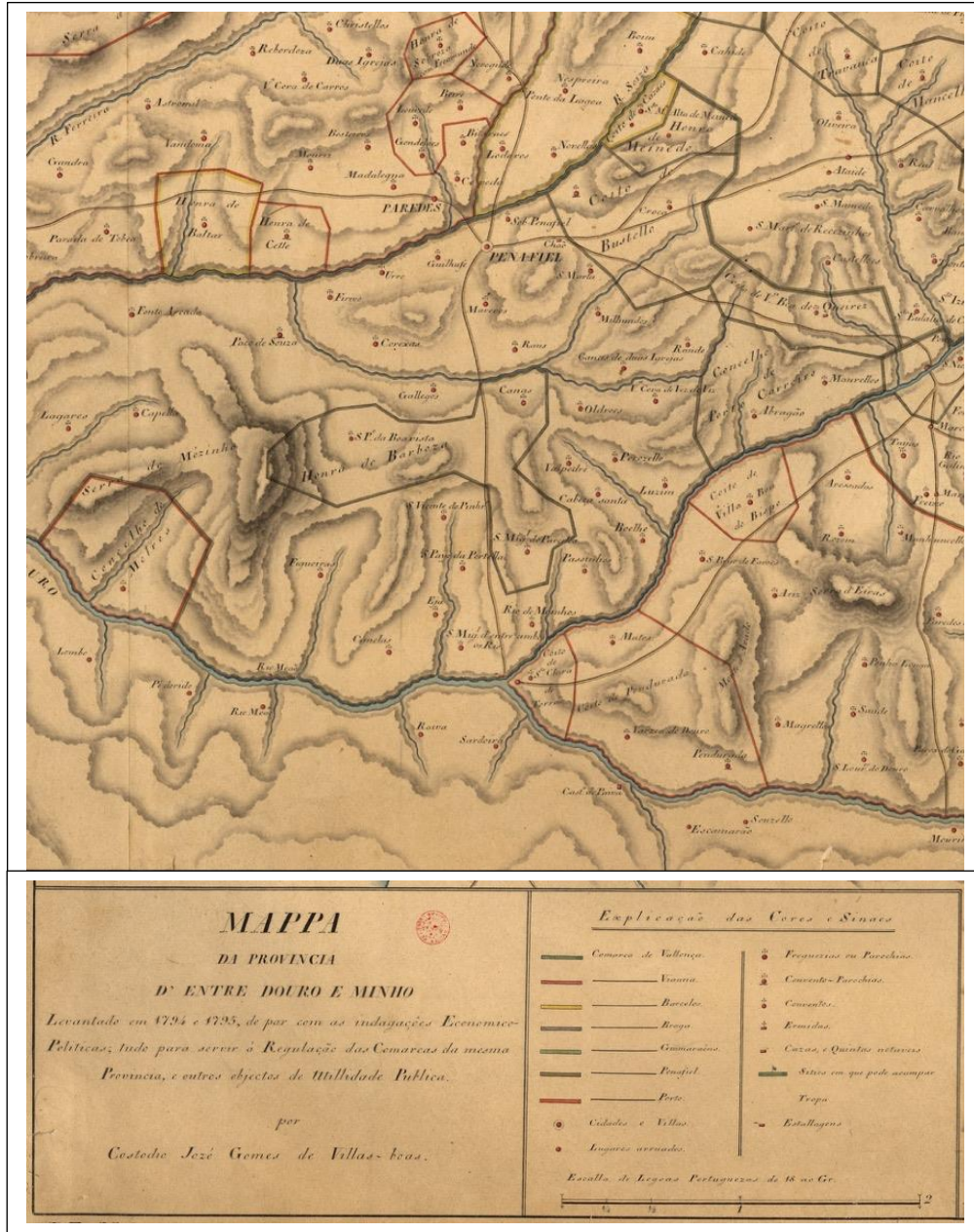
Quando, a 1 de Junho de 1519, é dado o foral manuelino à *Terra e Concelho de Pena Fiel*, nele é inscrito o *Titullo de Cebolido e Abitoreira*. Os casais que pagam foro ao rei são três, todos com a designação *Cebolido*: num vive João Anes Travanca, que paga uma teiga de trigo e 43 reais; no segundo, meio casal, está Martim Vaz, que entrega meia teiga e 21,5 reais; Fernando Anes, pela metade do seu casal, entrega o mesmo; João Anes, com outro meio casal, também; assim como João da Maia, por outra metade.

No rio Douro, o rei tinha direitos das *pesqueiras* no Areio de Ortos, Areia Maior e Ortezelo, no meandro de Sebolido, dos quais recebia a primeira lampreia e o primeiro sável, e também solho, eiró e truta grande. Se os pescadores os sonegassem, pagariam uma vaca com a sua cria. Destas pescarias feitas ao longo do ano, embora nos tombos antigos, e mesmo na inquirição de 1258, se dissesse que de cada quatro peixes se pagava um, há muito que os senhorios tinham passado a receber apenas um de cinco (Ferreira, 2004: 62-63). O Censual da Mitra do Porto, de 1542, regista uma “quimtãa de Çebolido com todos

seus casões sita na freguesia de Sam Mamede de Canelas”, com prazo de três vidas, na primeira estaria nomeado António Carneiro (Santos, 1973: 402). Este casal da Quinta de Sebolido foi emprazado em 1672 a dona Ana de Almeida, e no século XVIII pertenceu ao doutor Manuel Alberto da Cunha Macedo, rendendo 3:200rs (PT/ADPRT/DIO/MITRA/0297). Não sendo freguesia, as corografias e dicionários que, no século XVIII, descrevem as terras de Portugal não fazem referência a Sebolido e a cartografia não a representa (Soeiro, 2005), mas nas Memórias Paroquiais de 1758, quer este lugar, quer Rio Mau são mencionados, nas respetivas paróquias: Canelas (Penafiel, Porto) e Pedorido (Castelo de Paiva, Aveiro). Na de Canelas, diz-se que Sebolido é um dos dezasseis lugares e: «tem esta freguezia cinco capellas, pertencentes a mesma: hua hé de Apostolo Sam Paulo que fica contigua ao lugar de Sebolido pella parte do sul»; há ainda uma capela particular «pertence ao doutor Joam Alves Cardozo, situada fora do lugar de Sebolido em hua quinta do mesmo, cujo padroeiro hé a Senhora da Conceição» (Capela, Matos & Borralheiro, 2009:524).

Os frutos que os moradores da freguesia de Canelas mais colhiam eram *milham, vinho e azeite e centeio*. Na serra, que era *larga*, fazia-se montaria obrigatória na Quaresma, e já aí havia *canteiras aonde se tiram louzas*. Relativamente ao rio Douro, apenas se dá conta de que *as margens em parte se cultivam*, nada se acrescentando sobre a antiga e importante atividade piscatória.

O lugar de Rio Mau e o de Estivada pertenciam a Pedorido, freguesia com sede na margem Sul do Douro, do concelho de Castelo de Paiva. Em Rio Mau ficava a capela de S. João Batista. Entre os produtos mais cultivados, além do milho graúdo, centeio e vinho verde, aparece a *cereja e laranja da China nos pumares*. Passando à descrição do rio, fala-se do Douro e dos pequenos afluentes, entre eles o «ribeiro de Rio Mao [...] também não seca de todo no tempo de Verão, ainda que então pouca agoa leva» e passa-se a vau (Capela, Matos, 2011:240). Só o Douro é navegável para barcos e barcas (mas não *navios*), as pesqueiras nas margens não o embaraçam; os afluentes não, só entra algum barco no Inverno. O Douro cria lampreias, sáveis, muges, bogas e escalos, as primeiras apanhadas de fevereiro a julho; nos afluentes, como o rio Mau, pescam-se trutas, bogas, barbos e escalos.



**Figura 7.** A área de Penafiel, sem referência a Sebolido, no Mappa da Privilincia d'Entre Douro e Minho, de Custódio José Gomes de Vilasboas, 1794-1795 (BNPdigital)

O lugar de Rio Mau e o de Estivada pertenciam a Pedorido, freguesia com sede na margem Sul do Douro, do concelho de Castelo de Paiva. Em Rio Mau ficava a capela de S. João Batista. Entre os produtos mais cultivados, além do milho gráudo, centeio e vinho verde, aparece a *cereja e laranja da China nos pumares*. Passando à descrição do rio, fala-se do Douro e dos pequenos afluentes, entre eles o «ribeiro de Rio Mao [...] também não seca de todo no tempo de Verão, ainda que então pouca agoa leva» e passa-se a vau (Capela,

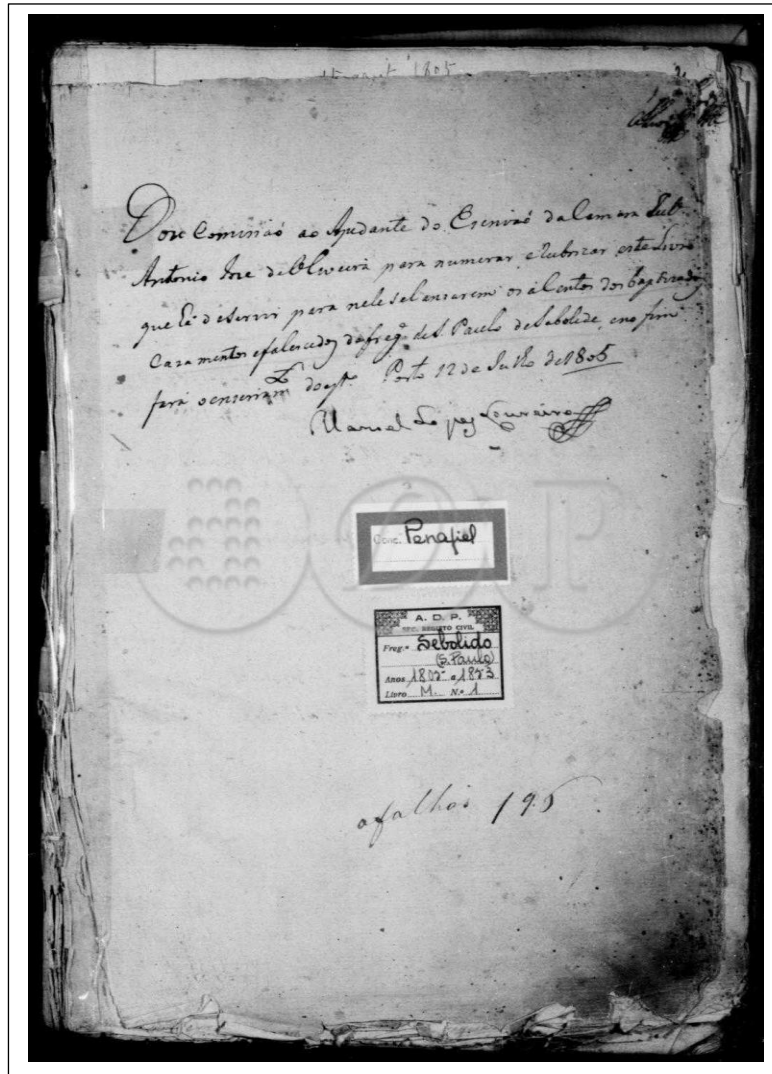
Matos, 2011:240). Só o Douro é navegável para barcos e barcas (mas não *navios*), as pesqueiras nas margens não o embarçam; os afluentes não, só entra algum barco no Inverno. O Douro cria lampreias, sáveis, muges, bogas e escalos, as primeiras apanhadas de fevereiro a julho; nos afluentes, como o rio Mau, pescam-se trutas, bogas, barbos e escalos.

No final do século, a cartografia de Custódio Villas Boas não menciona o topónimo Sebolido, mas assinala a pertença de parcelas do território da margem norte do Douro a freguesias sedeadas na oposta, como referido em relação ao lugar de Rio Mau; a nascente desta também vemos outra parcela atribuída a Rio Meão (Fig. 7), freguesia da comarca da Feira, situação confirmada no *Cadastro da Provincia do Minho*, do mesmo autor (Cruz, 1970).

### **3.2. A criação da paróquia/freguesia de Sebolido em 1805**

O lugar de Sebolido, onde havia a capela de S. Paulo, vai ser promovido a sede de paróquia/freguesia autónoma em 1805. Não conhecemos documentos provenientes do poder central e do episcopal que determinem esta alteração, mas data de 12 de Julho de 1805 o auto de abertura do primeiro «livro que há de servir para nele se lanzarem os acentos dos baptizados, cazamentos e falecidos da freguesia de S. Paulo de Sebolido» (PT-ADPRT-PRQ-PPNF34-001-0001) (Fig. 8). O primeiro registo foi realizado a 15 de Agosto de 1805, diz respeito ao batizado de «António natural deste lugar e freguesia de S. Paulo de Sebolido, filho legitimo de Manoel da Rocha Souza, natural deste lugar e freguesia de Canelas», dualidade que expressa a transformação ocorrida. Era pároco João Francisco de Paula Teixeira e Souza. O último batizado de uma criança natural do lugar de Sebolido apresentada na paroquial de Canelas parece ter sido o de Florência, a 8 de Junho de 1805, sendo reitor António José Moreira da Fonseca (PT-ADPRT-PRQ-PPNF05-001-0005, fl. 156v). Neste livro, de S. Mamede de Canelas, não se encontra qualquer referência à perda de parte do território para a criação da nova paróquia/freguesia (Soeiro, 2005: 156).

Teria contribuído para a sua formação o interesse manifestado pela população de Rio Mau em se separar de Pedorido, com sede na margem sul do rio, e passar a estar ligado ao lugar de Sebolido, que lhe ficava ao lado (Leal, 9, 1880: 271).



**Figura 8.** Página de abertura do primeiro livro de registo paroquial de Sebolido (ADPRT)

Nas contagens da população feitas a nível nacional ou regional entre final do século XVIII e princípio do seguinte, Sebolido não surge autonomamente. Porém, já figura no recenseamento de 1821, que serviu fins eleitorais, com valores para o concelho de Penafiel transmitidos por António de Almeida, contando-se então 36 fogos e 108 habitantes na nova freguesia de Sebolido. Rio Mau, ainda não reunido a esta, tinha 60 fogos e 289 habitantes (Soeiro, 2005: 177-178). O muito mais minucioso registo destinado à recruta para as Ordenanças, sistematizado em 1831, identificou 41 fogos em Sebolido, 3 na Quinta da Moura, 1 em Quebra Fios, 1 no Pedregal, 4 em Cancelos e 13 na Abitureira, mas não sabemos se todos seriam considerados da freguesia. O lugar da Estivada tinha 7 fogos e Rio

Mau 83, pertencendo à mesma 5ª Companhia das Ordenanças da cidade de Penafiel e seu termo (Anexo 1 Tab. 1). Adiante voltaremos a esta importante fonte documental.

A profunda reforma administrativa a decorrer em 1836, que reconhece a freguesia, atribuiu apenas 50 fogos, deduzindo-se que continuava a não abranger o mais populoso lugar de Rio Mau. O recenseamento para a eleição de deputados mandado fazer nesse ano apenas inscreveu quatro pessoas com as condições previstas, três lavradores e o pároco Jorge Lopes (Anexo 1 Tab. 2). A união e nova definição territorial da freguesia só virá a confirmar-se em 1838 (Soeiro, 2005: 183), ficando então formada pelos seguintes lugares e fogos: Estivada 3, Rio Mau 84, Sebolido 38, Vila Nova 7, Abitureiras 1.

### **3.3. A igreja paroquial**

A paróquia fez da ermida de S. Paulo a sua sede, mas esta não só devia ser pequena como estar em mau estado, o que levou o pároco e moradores a enviar, no final de 1822 (?), um requerimento ao Parlamento dizendo que estava arruinada e falta de ornamentos e “mais utensílios necessários para o decente culto”. Como a igreja pertencia ao padroado real e à Comenda de Cristo, “parece de justiça que o comendador que recebe os dízimos atenda à reedificação e melhoramento da sobredita igreja e capela-mor e às mencionadas despesas”. Por isso pediam às Cortes para “mandar que o comendador reedificando, alargue a referida igreja e capela mor, provendo-a do necessário e consignando para as despesas mencionadas”. Na resposta, a 7 de Janeiro de 1823, o Parlamento informou que este assunto *não pertence às Cortes*<sup>2</sup>.

O problema deve ter continuado sem solução visto os habitantes de Sebolido – *Manoel Gonçalves de Amorim e outros moradores de Rio Máo* – terem, a 8 de Julho de 1869, enviado à Câmara Municipal um pedido para passar a usar a capela de S. João Batista de

---

<sup>2</sup> Usamos a descrição do documento existente no site do Arquivo Histórico Parlamentar. O original tem a cota: Secção I/II, cx. 40, mç. 23, doc. 142.

Rio Mau como igreja paroquial, porque a de S. Paulo se encontrava em ruínas e obrigava a muita despesa. O presidente da autarquia expressou a seguinte opinião:

«que, tendo estudado bem o mencionado processo, achava que pelas alegações pró e contra que d'elle constam não era possível conhecer e assentar juízo seguro á cerca da conveniência ou inconveniência da mudança requerida, porque todos revelavam mais ou menos paixão e interesse pessoal, e por isso propunha que, para a Camara bem poder fundamentar sua resposta, se nomeasse uma Comissão composta de dous ou tres Vereadores, que fosse á localidade examinar a posição topográfica da freguesia com relação a cada uma das igrejas, e ouvir mesmo a opinião dos moradores á cerca da mudança requerida».

A proposta foi rejeitada pela maioria da Camara:

«com o fundamento de que já estavam habilitados com as informações precisas, e tinham o suficiente conhecimento da questão para poder deliberar; em vista do que deliberou a Camara responder em sentido favorável á mudança da igreja, e foi redigida a resposta do modo seguinte: que, depois de terem examinado os alegados constantes d'este processo e depois de terem tomado as mais minuciosas informações sobre a pretensão [...] julga a mudança da actual igreja da freguesia de S. Paulo de Sebolido para a capella de S. João Baptista, sita no lugar de Rio Máo da mesma freguesia uma necessidade recomendada por todos os princípios económicos e sociaes e sem opposição razoável. O templo, que actualmente serve de igreja na freguesia de Sebolido, pelo seu estado de vetustez e de ruina demanda prontas e avultadas despesas, a que só pode socorrer uma finta ou derrama pelos moradores parochianos, a qual, sendo sempre um pezado gravame seria de mais a mais para esta freguesia vexatória em consequência de ser muito limitado o numero de seus habitantes [...] Já se vê, pois, a vantagem que aos parochianos resulta da projectada mudança, sem contar o muito maior beneficio, que ficam gozando pela isenção do pagamento da cõngrua in perpetuum. Depois, a religião, para cujo brilho e manutenção contribui em subida escala o acceio e bom estado dos templos, resente-se da pobreza e miséria, do estado de indecência mesmo a que está reduzida a igreja actual de Sebolido pelo seu estado de ruinas. E se a igreja de S.

João Baptista acode a todos esses inconvenientes e faz cessar estes males porque não será vantajosa a mudança? Não há razão alguma atendível. Portanto e por ficarem, como dito é, os povos de Sebolido desobrigados do pagamento da cõgrua – vantagem que muito favorece seus interesses, principalmente n’esta época em que o máximo pezo do sistema tributário se vai fazer sentir no paiz – é esta Camara de opinião que se defira ao requerimento» (AMPNF Atas, lv. 28, fl.44v-45).

Esta decisão não foi partilhada pelo presidente, Francisco Vaz Guedes d’Athaide, e contra ela votou o vereador José Lopes Coelho.

A 12 de Agosto de 1870, em reunião de Câmara presidida por Joaquim Augusto Ferraz de Menezes, volta a ser discutido o assunto, tendo-se reafirmado o anterior parecer, agora reformulado e aprovado por unanimidade:

«A mudança da igreja parochial de Sao Paulo de Sebolido para a de Sao João Baptista de Rio Máo é de incontestaveis vantagens e de urgentissima necessidade. Para haver d’isto convicção profunda bastarão dous argumentos: 1º = A igreja de Sao Paulo ameaça ruina e muita, digo, a ruina eminentissima, a ponto de não ser concorrida por alguns parochianos, que temem vel-a desabar sobre suas cabeças; e para a sua reedificação ou concerto é forçoso derramar pelos parochianos quatrocentos mil reis ou mais, isto é, trez ou quatro vezes a importancia das contribuições predial industrial e pessoal que se pagam na freguesia: e 2º = A igreja de São João está em optimas condições para servir de sede á parochia sem que seja preciso collectar os parochianos com derrama alguma, nem congrua, para todo o sempre digo, com derrama alguma - nem já nem para o futuro: e alem d’isto ficam os parochianos isentos de pagamento de congrua para todo o sempre, como consta do processo. Á vista d’isto parece incrivel haver quem faça opposição a uma causa d’estas, querendo privar uma freguesia de tão grandes beneficios. Não se diga que a igreja de São João é menos central que a de São Paulo, pois relativamente é mais – porque a freguesia de Sebolido é constituida com dous grupos de logares em cada uma das extremidades de sua demarcação; n’uma d’estas extremidades que tem trinta e seis fogos está a de São Paulo – e na outra tem cento e vinte fogos e está a de São [João] Baptista, e por consequencia proxima ao maior grupo de habitantes. É por tudo isto e pelo mais

que do processo consta que a Camera signataria é de opinião que a mudança da séde da igreja de São Paulo de Sebolido para a de São João Baptista de Rio Máo é, como fica dito, de incontestaveis vantagens e de urgentissima necessidade» (AMPNF Atas, lv. 28, fl.124v-125).

Não pudemos confirmar se esta mudança temporária de templo-sede aconteceu mesmo e em que condições. Certo parece que a igreja de S. Paulo viria a ser algo alterada pouco depois, obra a que corresponde a data 1871 inscrita na padieira da porta principal, mas tal não evitou o olhar crítico de Pinho Leal, citado adiante. Posteriormente refeita (de raiz?), a torre sineira a ela adossada seria erguida em 1953, com o donativo de Abel e António Barbosa, emigrados no Brasil, como se indica na placa nela colocada.



**Figura 9.** Igreja de Sebolido e placa referente à construção da torre sineira (Inês Lopes, 2023)

### 3.4. O que se diz da freguesia na segunda metade do século XIX

Pinho Leal, no seu *Portugal antigo e moderno*, escreve o seguinte acerca de Sebolido: «esta freguesia é moderna, e foi desmembrada da imediata freguesia de Canellas, no fim do seculo passado. [...] É terra fértil em todos os géneros agrícolas, e abundante de optimo peixe, do rio Douro. A igreja matriz é apenas uma ermida, pequena, pobre e desornada» (Leal, 9, 1880: 71). Teria, pois, visto a igreja antes de realizada a obra de remodelação.

Já Rio Mau é, segundo este autor, uma bonita aldeia, que recebe o nome do ribeiro que ali passa: «Tinha uma pequena capella, dedicada a Santo Antonio, muito antiga. O sr Amorim, natural d'esta aldeia, e que enriqueceu no Brasil, a reconstruiu á sua custa, em 1860, dando-lhe maiores proporções, e tornando-a uma magnifica ermida. Faz-se uma grande festa ao seu padroeiro, no dia 13 de junho. Esta aldeia fica em frente da povoação e freguesia de Pédorido, no concelho de Castello de Paiva (margem esquerda do Douro) e é no areal (*arinho*) de Pédorido que os de Rio-Mau vem fazer as suas grandes pescarias de deliciosos saveis e saborosíssimas lampreias, no tempo próprio. O rio Douro lhe produz ainda outras muitas variedades de peixe, de optimo sabor, principalmente trutas, que são das melhores do reino. Em 1846, vi uma que tinha trez palmos de comprido!» (Leal, 8, 1878: 207).

José Augusto Vieira, no livro *Minho Pittoresco*, de 1887, repete alguma desta informação, acrescentando-lhes duas narrativas de tradição local, uma a propósito da Quinta do Preto, junto das fragas da Abitureira, que teria esse nome porque um escravo muito trabalhou para trazer a água para a quinta, na mira da alforria prometida pelo dono, que não cumpriu, levando-o a suicidar-se dentro de um tonel; a segunda nota é sobre uns poços no rio da Estivada, acima dos moinhos, a que o povo chama *dos mouros*. A freguesia compreendia então os lugares de Sebolido, Rio Mau Vila Cova [talvez Vila Nova] e Estivada, os casais de Quebra Fio e as quintas de Moura, Abitureira e Telheira (Vieira, 1887: 560, 566).

Sebolido aparece ainda nas descrições e comentários sobre a paisagem feitos pelos viajantes que descem o Douro em barco, a maioria, uma vez que a estrada marginal foi essencialmente construída no século XX. O Visconde de Vila Maior, na sua obra *O Douro Illustrado*, de 1876, em que descreve a paisagem de todo o vale do Douro vista a partir do

barco, uma vez passada a Régua opta por transcrever a crónica deixada por Pedro Norberto, relato da descida do rio que fez em 1839. Transcrevemos o texto na parte relativa à área que nos interessa: «Eil-as ahi as Pedras de Linhares! Eis-ahi o terrivel sumidouro de vidas! Em vez de nadar, o barco se desliza aqui pelo pedregoso talvegue, e, roçando quase lubrico, se escapa do mortifero abraço, para descançar no poço da Cortiça, e contente saudar o ultimo perigo da descida. [...] Somos em Midões ao fundo do *poço*. A corrente alivia o trabalho dos remeiros [...] e a sua velocidade nos leva sobre a Raiva e Fontainhas na margem esquerda, povoações adornadas ainda pelos enfeites da cultura [...] Mais triste e menos povoado lhe fica defronte Sebolido na margem direita [...]. A graça e a fertilidade vão em progressivo decrescimento. Rio-Mau, á direita, é uma povoação miserável» (Villa Maior, 1876: 154).



**Figura 10.** O rio Douro, de Rio Mau a Entre-os-Rios, segundo J. J. Forrester, *Douro Portuguez*, 1848

Também Manuel Monteiro nos deixou, no início do século XX, uma descrição idêntica. Encantou-se com a beleza de Entre-os-Rios e, passada a ponte, a primeira povoação avistada foi Canelas, frente às Pedras de Linhares, *de trágica e negra memoria, que são o derradeiro perigo da navegação* até chegar à segurança do poço da Cortiça: «depois de

Midões, Sebolido. A ridência, a gala, o encanto da vegetação minhota somem-se com a reaparição do schisto, de efeitos fantásticos nas penhas collossaes da Abetureira que se erguem ao longo do ribeiro de Couce» (Monteiro, 1911: 179). Para jusante, a paisagem muda, são as terras baixas de Melres, um oásis.

### 3.5. A comunidade em números: recenseamentos gerais da população (1864-1970)

A população de Sebolido, que vinha a crescer desde o início do século XIX, beneficia de um aumento repentino e considerável com a integração do lugar de Rio Mau. A contagem de fogos realizada em 1838, acima referida, servirá para as eleições de 1842, Sebolido tinha 133 fogos; no ano seguinte são 135, com 526 habitantes; em 1857, subiam a 161 fogos e 602 *almas* e a paróquia já dispunha de cemitério; na reforma administrativa de 1867, considerou-se o valor de 176 fogos, prevendo-se que, para formar a nova paróquia civil, Sebolido se juntaria a Canelas, Capela, Figueira e Lagares, critério que reforçava a pertença à serra de Mozinho e não a ligação ao rio Douro (Soeiro, 2005). A partir de 1864, dispomos dos recenseamentos gerais da população.

#### 3.5.1. Os censos de 1864 a 1970

Ainda que não seja objetivo deste trabalho estudar o comportamento demográfico da população de Sebolido, a análise sumária dos recenseamentos gerais da população realizados de 1864 a 1970 permite reunir dados comparáveis acerca da sua evolução demográfica, contemplando diversas variáveis, das quais vamos salientar: o número total de fogos e residentes; a sua distribuição por lugar, nos anos em que foi indicada; a alfabetização. Esta informação torna-se fundamental para uma melhor compreensão da realidade presente no momento da produção de cada documento e das transformações ocorridas, a intervalos de sensivelmente uma década, ao longo do período estudado.

**Tab. 1** Sebolido: população e fogos segundo os recenseamentos (1864-1970)

Censo/ano	1864	1878	1890	1900	1911	1920	1930	1940	1950	1960	1970
<b>População</b>	718	766	752	783	832	847	939	1.114	1.307	1.851	1997
<b>Fogos</b>	176	169	212	187	195	211	228	261	308	426	420
<b>Hab./fogo</b>	4,08	4,53	3,55	4,19	4,27	4,01	4,12	4,27	4,24	4,35	4,75

Fonte: INE. *Recenseamento geral da população*, 1864 a1970.

Sebolido, que representa, no geral, cerca de 2,5% da população do concelho de Penafiel, mostra, neste domínio, ritmos de crescimento e estagnação que encontram paralelos em algumas das demais freguesias, nomeadamente quanto ao decréscimo (taxa de crescimento negativa) em torno da crise de 1890, que neste município se refletiu numa vaga de emigração dirigida ao Brasil (Soeiro, 2005: 208-209).

No início do século XX, resiste melhor do que outras a novo ciclo negativo, passando depois a crescer significativamente, podemos pensar que por ter fixado muita mão de obra masculina que encontrou emprego nas minas, em particular no couto mineiro do Pejão (Castelo de Paiva), situado do outro lado do rio, o que o tornava muito acessível, como veremos no próximo capítulo.

Merece também destaque a presença em Sebolido de pessoas oriundas de outros concelhos do distrito e de outros distritos e até de estrangeiros (respetivamente: 1890 = 20 e 46; 1900 = 39, 61 e 8 estrangeiros; 1911 = 53, 59 e 7 estrangeiros; 1920 = 41, 62; 1930 = 27, 54 e 2 estrangeiros), aspeto em que apenas é ultrapassada por Penafiel, cidade sede do concelho. A procura e exploração de minas no próprio território da freguesia, na transição do século XIX para o XX, que também documentaremos, obteve um sucesso reduzido, mas talvez seja responsável pela presença alguns destes (técnicos) estrangeiros. Um outro trabalho importante na primeira metade deste século foi o da pesca e, mais significativo, o tráfego fluvial, pois aqui havia vários arrais e marinheiros de rabelos de carga. A circulação destes barcos facilitava, ainda, o acesso de vizinhos à cidade do Porto e ao emprego na indústria e comércio, em migrações pendulares semanais, ou mais espaçadas, dos homens, mas mantendo a residência familiar na origem. O transporte rodoviário pela marginal veio substituir o rio, na segunda metade do século, tornando muitas vezes as deslocações diárias, enquanto também dava trabalho.

Em resumo, a população dependia, para o seu sustento, fundamentalmente das lides agrícolas e de recolção no monte, do rio, da mina e da cidade para onde se deslocavam ou fixavam. Os estudos não eram prioritários e a escolarização crescia lentamente.

Nas décadas finais do século XIX, a maioria dos residentes era analfabeta, poucos possuíam o nível de instrução básico; em 1890 apenas cerca de 14% dos residentes sabiam ler e muitos menos escrever; as raras famílias, mais abastadas, que investiam na formação da

nova geração, enviavam os seus jovens para fora, entregando-os a familiares a residir na cidade, a colégios com internato ou ao seminário. No arranque do século XX, mais de  $\frac{3}{4}$  da população continuava em situação de analfabetismo, condição que atingia mais o género feminino e que lentamente irá diminuir devido a uma menos precária escolarização das novas gerações, quando um mínimo de frequência era obrigatório.

**Tab. 2** Sebolido: analfabetos segundo os recenseamentos (1864-1970)

Censo/ano	1864	1878	1890	1900	1911	1920	1930	1940	1950
<b>População</b>	718	766	752	783	832	847	939	1.114	1.307
<b>Analfabetos</b>	—	638	647	616	625	611	631	599	784
%	—	88,9	86	78,7	75,1	72,1	67,2	53,8	60
H %	—	71,4	76,9	68,2	67,8	63,4	60,6	43,4	51,3
M %	—	93,6	93	86,6	80,7	78,8	72,6	63	68,3

Fonte: INE. *Recenseamento geral da população*, 1864 a1950.

Durante a recolha das memórias dos habitantes da freguesia de Sebolido, realizada por iniciativa de Manuel Pinheiro no ano de 2022, a professora Lourdes dos Anjos deixou o seguinte testemunho da sua experiência, já adiantada década de sessenta:

*«Quando os meninos me pediam "papel macio pró cu e roupa boa prá gente"...*

Estávamos ainda no século XX, no longínquo ano de 1968, quando a vida me deu oportunidade de cumprir um dos meus sonhos: ser professora. Dei comigo numa escola masculina, ali muito pertinho do rio Douro, na primeira freguesia de Penafiel, no lugar de Rio Mau. Era tão longe, da minha rua do Bonfim, não podia vir para casa no final do dia, não tinha a minha gente, e eu era uma menina da cidade com algum mimo, muitas rosas na alma, e tinha apenas 18 anos. Nada me fazia pensar que tanta esperança e tanta alegria me trariam tanta vida e tantas lágrimas.

Os meninos afinal eram homens com calos nas mãos, pés descalços e um pedaço de broa no bolso das calças remendadas. As meninas eram mulheres de tranças feitas ao domingo de manhã antes da missa, de saias de cotim, braços cansados de dar colo aos irmãos mais novos, e de rodilha na cabeça para aguentar o peso dos alguidares de roupa para lavar no rio ou dos molhos de erva para alimentar o gado.

As mães eram mulheres sobretudo boas parideiras, gente que trabalhava de sol a sol e esperava a sorte de alguém levar uma das suas cachopas para a cidade, “servir” para casa de gente de posses. Seria menos uma malga de caldo para encher e uns tostões que chegavam pelo correio, no final de cada mês. Os homens eram mineiros no Pejão, traziam horas de sono por cumprir, serviam-se da mulher pela madrugada, mesmo que fosse no aido das vacas enquanto os filhos dormiam (quatro em cada enxerga), cultivavam as leiras que tinham ao redor da casa, ou perto do rio e nos dias de invernia, entre um jogo de sueca e duas malgas de vinho que na venda fiavam até receberem a féria, conseguiam dar ao seu dia mais que as 24 horas que realmente ele tinha. Filhos, eram coisas de mães e quando corriam pró torto era o cinto das calças do pai que “inducava” ... e a mãe também “provava da isca” para não dizer amém com eles...

E os filhos faziam-se gente. E era uma festa quando começavam a ler as letras gordas dum velho pedaço de jornal pendurado no prego da cagadeira da casa...o menino já lia. aí que ele é tão fino... se deus quiser, vai ser um homem e ter uma profissão!» (Recolha das memórias dos habitantes da freguesia de Sebolido: Testemunho da professora Lourdes dos Anjos. Porto, 2022).

O novo edifício escolar de Sebolido, que passou a receber todas as crianças da aldeia até ao 4º ano do ensino obrigatório, localiza-se na rua frente à igreja, tendo sido preservado por, atualmente, estar destinado a centro de dia, recebendo maioritariamente população sénior; já não haverá crianças que justifiquem um funcionamento autónomo.



**Figura 11.** Edifício da escola básica de Sebolido (Fot. Inês Lopes, 2023)

#### **4. Território, recursos e atividades económicas**

Delimitado a norte pelos altos da serra da Boneca, de vertentes pouco férteis e hostis para a implantação permanente, e a sul pelo rio Douro, sujeito a cheias quase anuais e a doenças resultante das águas estagnadas no estio, o território de Sebolido, também pela sua particular geologia (ver cap. 2), tinha pouca área com boa aptidão para a agricultura, base preferencial da subsistência das comunidades, as quais tiveram tendência a agrupar-se em lugares, por vezes com alguma especialização. As quintas, poucas e muradas, surgem voltadas ao rio e estariam mais relacionadas com a cidade do Porto e a vivência inter-regional desta estrada fluvial. O crescimento da população de poucos rendimentos, não enquadrada pelo sistema de casais/casas de lavoura, vai levar ao eclodir de lugares novos, instalados à margem da lei e do costume nas terras baldias. Apesar da tardia abertura da estrada de ligação ao Porto, hoje N108, esta tornou-se, na segunda metade do século XX, em mais um atrativo eixo de urbanização.

Assim, a população distribuiu-se de forma muito desigual no território. Para fins administrativos, consideravam-se quatro lugares, relacionados em pares: Sebolido e Cancelos, o primeiro mais voltado para a lavoura e o segundo para as atividades fluviais; Rio Mau, o centro mais populoso e ligado ao rio, ainda que tivesse alguns proprietários, associa-se ao isolado lugar da Estivada, área de agricultores e moleiros desbravada no monte. Os mesmos quatro lugares foram individualizados nos recenseamentos para fins eleitorais e nos censos gerais da população de 1911, 1940 e 1960, permitindo-nos estes obter uma contagem comparada de fogos e residentes, enquanto aqueles se mostraram particularmente úteis para conhecer a distribuição das profissões dos chefes de família.

Ao longo do tempo, Estivada destaca-se por os resultados e as atividades exercidas pouco se alterarem; Rio Mau, a maior, mais dinâmica e compacta aldeia aglomera-se sobre o Douro e a foz do rio Mau, nela predominavam os marinheiros, barqueiros e pescadores do rio e, mais tarde, os muitos mineiros a trabalhar na empresa do Pejão, na margem sul. O peso e singularidade desta comunidade levou à divisão da freguesia de Sebolido para criação da de Rio Mau, com efeitos a partir de janeiro de 1985. No segundo par, Sebolido, o lugar sede da paróquia e freguesia desde o início do século XIX, terra de proprietários, lavradores e outros trabalhadores rurais, tem um aumento de população mais lento, aparentemente

empurrando para as margens os que não têm terras e direitos com elas relacionados, disparidade de prestígio social com tendência a diminuir na segunda metade do século XX, com a construção de habitações e a fixação de atividades oficinais e de estabelecimentos comerciais mais próximo à estrada, que passará a ser a mais interessante via de comunicação; Cancelos, que teve a vantagem de estar na borda do rio e desenvolver atividades relacionadas com o transporte fluvial e a pesca, quando estas diminuem vai também crescer no sentido da estrada e receber gente com profissões variadas.

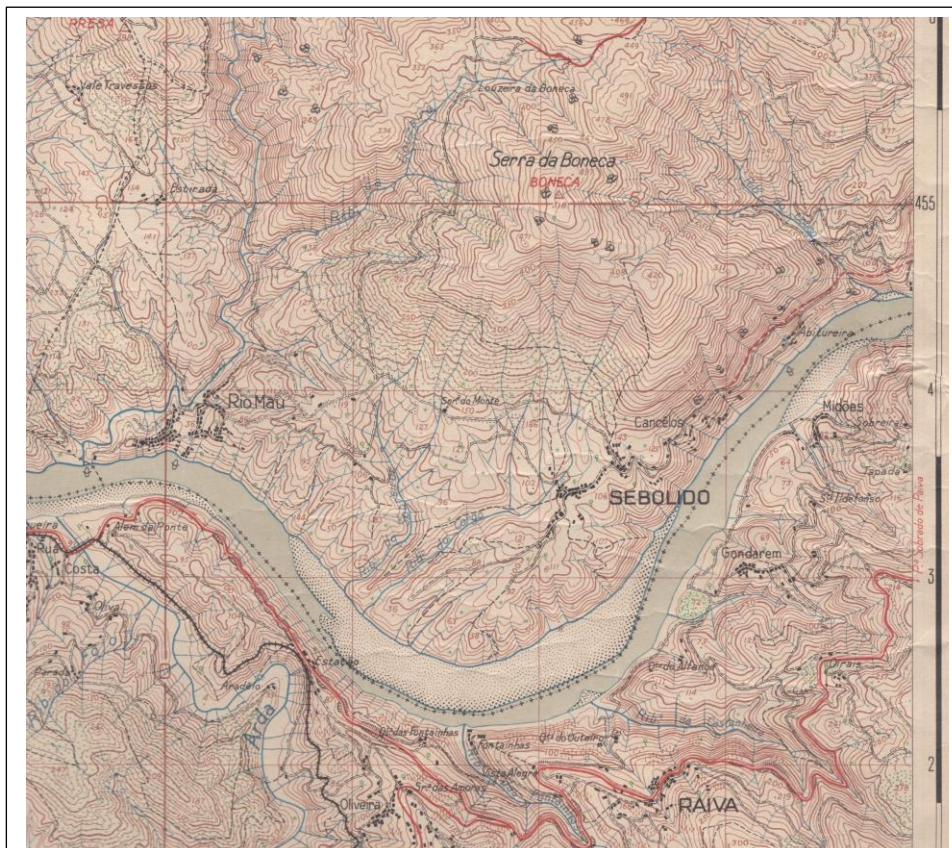
**Tab. 3** Sebolido: fogos e população por lugar (1911-1970)

Ano	1911		1940		1960		1970	
Lugar	Fogos	População	Fogos	População	Fogos	População	Fogos	População
Bela Vista	–	–	–	–	–	–	33	201
Belo Horizonte	–	–	–	–	–	–	25	124
Bouça	–	–	–	–	–	–	8	36
Cancelos	15	64	48	166	67	338	43	186
Castelhão	–	–	–	–	–	–	15	82
Eiras	–	–	–	–	–	–	9	44
Estivada	8	33	5	33	5	25	6	24
Fonte	–	–	–	–	–	–	7	31
Foz	–	–	–	–	–	–	11	57
Godinha	–	–	–	–	–	–	14	63
Junçadelo	–	–	–	–	–	–	24	121
Jurtecos	–	–	–	–	–	–	27	169
Outeiro	–	–	16	72	–	–	40	194
Pedra Sã	–	–	–	–	–	–	8	47
Portela	–	–	–	–	–	–	11	57
Remoinho	–	–	–	–	–	–	19	80
Rio Mau	126	505	147	648	269	1155	–	–
Santo	–	–	–	–	–	–	7	29
S. João	–	–	–	–	–	–	32	121
Sebolido	46	230	42	185	85	333	30	140
Sobreira	–	–	–	–	–	–	15	49
Torre	–	–	–	–	–	–	19	58
Vale Jourisco	–	–	–	–	–	–	6	24
Isolados e dispersos	–	–	3	4	–	–	11	38
<b>Total</b>	195	832	261	1108	426	1851	420	1975

Fonte: (INE: Recenseamento geral da população, 1864-1970).

Em 1970, quando a freguesia se aproximava dos dois milhares de habitantes, as quatro unidades que serviam para as contagens anteriores surgem-nos desdobradas em vinte e

dois topónimos, que se tornam menos comparáveis, mas talvez correspondam a novas vivências do território, a condições que permitiram o aumento e dispersão dos fogos.



1945



1975

#### 4.1. A distribuição das profissões

Documento importante, por ser sistemático, para conhecer a distribuição de fogos e profissões a nível de freguesia, no final do Antigo Regime, é o registo das *Ordenanças* feito em 1831 (ver ponto 3.2.), pois embora Rio Mau ainda não integrasse administrativamente Sebolido, pertencia à mesma *5ª Companhia da Capitania-Mor das Ordenanças de Penafiel*, pelo que a informação transmitida é semelhante. Interessa-nos agora utilizá-la para conhecer a distribuição das profissões, evidentemente apenas as referentes aos elementos masculinos, que podiam ser recrutados. Tem a vantagem de incluir todos os presentes que tivessem 15 ou mais anos, independentemente de viverem em casa própria, pertencerem ao grupo familiar, serem criados, etc. (Anexo 1 Tab. 1). Sumariamos as actividades exercidas num quadro de síntese, tentando destacar o conjunto abrangente dos que estão ligados à lavoura e um segundo grupo dedicado aos trabalhos do rio, ficando no terceiro os ofícios mecânicos e comércio, além de condições especiais, como a de *mendigo*.

**Tab. 4** Sebolido e Rio Mau: atividades e profissões masculinas em 1831

Profissão/atividade	Sebolido	Abitureira	Cancelos	Quebra Fios	Qta da Moura	Rio Mau	Estivada	Total
Lavrador	9	12			1	5	4	31
Lavrador-caseiro	6					3	1	10
Criado de lavoura	4					1		5
Jovem na lavoura familiar	12					5	3	20
Jornaleiro	13					5		18
Arrais		1				3		4
Marinheiro	3	2	3		1	10		19
Pescador						48	1	49
Barqueiro						1		1
Alfaiate						1		1
Carpinteiro	1							1
Ferreiro		1						1
Mendigo						1		1
Moleiro						1		1
Pedreiro	2		2	1	1			6
Sapateiro						1		1
Vendeiro						1		1
<b>Total</b>	<b>50</b>	<b>16</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>86</b>	<b>9</b>	<b>170</b>

Fonte: AMPNF A 1751- Livro de Registo dos Fogos e Moradores no districto da 5ª Companhia da Capitania Mor das Ordenanças de Pena Fiel [1831]

Os resultados tornam evidente a dualidade já referida: o destaque que a lavoura tinha em Sebolido (88%), a retenção de jovens *na lavoura*, ou seja, que trabalhavam na unidade familiar, o número de criados contratados ao ano e de jornaleiros, muitos naturais da freguesia, dois de Canelas e outro de Melres, freguesias vizinhas; já em Rio Mau, 72% dos efetivos trabalham no rio, embora também haja casas de lavoura, algumas com proprietários socialmente destacados. Neste caso, os jornaleiros são um exposto e quatro vindos de fora, eventualmente aqui casados. Entre os ofícios, que mal cobririam as necessidades locais, evidencia-se a profissão de pedreiro, com metade dos homens, que talvez trabalhassem sazonalmente fora, juntando-se a grupos que se deslocavam para empreitadas, por exemplo no Douro ou no Porto.

Quase cinco décadas passadas, em período de regime liberal, construímos novo quadro de distribuição das profissões com base no recenseamento para fins eleitorais realizado em 1879. Agora não temos todos os ativos, mas os chefes de família e poucos mais que cumpriam as condições para terem direito de voto. A lavoura continua dominante em Sebolido e a pesca e outras atividades fluviais em Rio Mau, embora aqui se contem mais lavradores do que em 1831.

**Tab. 5** Sebolido: atividades e profissões dos recenseados para fins eleitorais em 1879

Profissão	Sebolido	Abitureira	Cancelos	Casa Nova	Rio Mau	Estivada	Total
Proprietário	5				1		6
Lavrador	8		2		26	2	38
Caseiro	4	1			1	1	7
Jornaleiro	9		4		4		17
Pescador	3		1	1	29		34
Barqueiro			7		1		8
Alfaiate					1		1
Carpinteiro	1		1		1		3
Carvoeiro	1						1
Marchante	1						1
Mineiro			1				1
Moleiro	1				3		4
Negociante					1		1
Pedreiro			1				1
Indeterminada			1		3	1	5
<b>Total</b>	<b>33</b>	<b>1</b>	<b>18</b>	<b>1</b>	<b>71</b>	<b>4</b>	<b>128</b>

Fonte: AMPNF A 1641 – Caderno de recenseamento de eleitores e elegíveis (S. Paio), 1879.

Os recenseamentos eleitorais do Estado Novo, também com forte presença de *chefes de família*, mostram como algumas profissões se foram apagando, enquanto outras surgiam de novo ou aumentavam muito, destacando-se em particular a de mineiro e subsidiariamente as de capataz, encarregado, crivador, etc., ligadas ao emprego na Empresa Carbonífera do Douro, minas do Pejão, fronteira a Rio Mau. Esta empresa foi ainda motivo para que a navegação do Douro se mantivesse, neste caso para o transporte de cargas exclusivamente de carvão até aos armazéns do Porto, passando a ser conhecidos como *rabões da esquadra negra* (Filgueiras, 1956; Cunha, 2007: 103). A ECD deu trabalho a arrais e marinheiros dos rabelos e rabões, barcos que viram a estrutura transformada para melhor se adaptar às condições em que se fazia a carga do carvão a granel, sendo por vezes puxados em fila por um rebocador, daí o mestre de rebocador. Será também o emprego nestas minas que fez crescer o número de carpinteiros, essenciais na preparação de madeiras e entivação das galerias, e de serralheiros.

Cresce o número de comerciantes e industriais, podendo-se relacionar com as novas empresas de transporte de passageiros o aumento do número de motoristas. O emprego na função pública, nas forças militares e de segurança, no ensino, na área da saúde, etc. faz-se mais visível. Em sentido inverso, sobretudo na década de 1950 decresce o número de lavradores e jornaleiros na agricultura. A actividade, para aqueles, muitas vezes ficará em segundo plano face a um outro emprego assalariado; mas se conseguiram amealhar para ter terra própria, passam agora a ser classificados como proprietários. No monte mantêm-se ativos carvoeiros e lenheiros. Também os ofícios tradicionais perduram no serviço à comunidade: alfaiate, ferreiro, marceneiro, moleiro, pedreiro, sapateiro, inovando o de serralheiro e picheleiro. As mulheres que foram recenseadas são maioritariamente proprietárias ou domésticas, ou seja sem profissão atribuída. Aquelas que precisam de trabalho remunerado encontram-no como linheiras e costureiras, continuando assim no âmbito doméstico. Ser pescador ou peixeira como atividade principal torna-se mais raro, parece muitas vezes ocupação subsidiária e sazonal.

**Tab. 6** Sebolido e Rio Mau: profissões e atividades dos eleitores (1936-1970)

Profissão/atividade	1936		1940		1945		1950		1955		1960		1965		1970	
	S.	R.M.	S.	R.M.	S.	R.M.	S.	R.M.	S.	R.M.	S.	R.M.	S.	R.M.	S.	R.M.
Alfaiate					1		1		1		1		1	2	2	
Apontador							2									
Arrais		1	1	3	1	3	1	1								
Cabinista									1						1	
Capataz						2		3								
Carpinteiro		7	1	16	1	9	2	9		17	2	11	4	11	1	8
Carvoeiro	2		2		2		2		2		1					
Comerciante	2	4	1	10	3	3	3		4	7	3	1	4		3	1
Costureira					1		1	1	1		1		2			
Crivador									7						1	5
Doméstica	9	7	4	13	9	16	6		8	12	6	5	2	23	2	18
Empregado bancário													1	1		
Empregado da Carris																1
Empr. do comércio								3						2		
Empr. de escritório										3		8	1	3	1	7
Empregado de minas															1	5
Empreiteiro								2						1		
Encarregado												5	1	9		
Estivador														1		4
Faxina									1	2		2		2		2
Fiel de armazém												1		1		2
Fiscal								1								
Fogueiro						1						1				
Funcionário público									2		2	1		2	1	
Ferreiro								1	1	1		1		1		1
Guarda										2		4	2		3	1
Industrial		2				1		3	1	3	1	3				3
Jornaleiro	13	17	13	26	12	7	11	1	9		6		3			
Lavrador/agricultor	12	21	12	25	13	15	11	10	9	11	4	5	7		4	1
Lenheiro	4	2	5		2	1	3		1	3	4					
Linhaça	4	4	3	2	1		1	1								
Maquinista										1						
Marceneiro						1		1		1						
Marinheiro/barqueiro	7	16	7	29	8	56	10	32	28	21	17	29	9	24	7	27
Mecânico								1								2
Médico/socorrista						1				1		3	2			
Mestre rebocador								1								
Mestre										1		2				
Militar/forças seg.								1		2		1				1
Mineiro	2	2	3	2	2	12	2	20		18	22	34	15	45	5	64
Motorista/chauffeur					1				1	2		3	1	2		4
Moleiro	2	1		1	1	4		2		2				1		
Negociante										2						
Operário			2		8		3	4	1	6						2
Padeiro								1		1						
Padre/capelão	1	3	1	1		1			1		1		1		1	
Pedreiro		1		1				2		1	1					
Peixeira		2				2										
Pescador	4	8		11		3		2								

Picheiro																1
Professor	1	2			1	1					1	2				
Proprietário	23	38	14	2	19	4	2	5	18	16	12	9	8	28	5	16
Reformado	2	1									2	16	8	34	63	
Sapateiro			2	1	1	2	1	1	1	1	1	3	2		1	2
Serralheiro		1				1			1	3	1	5		6	2	3
Trolha										1						
Trabalhador			1	1		1			7	3	12	10	13		8	27

Fonte: AMPNF – A1672, 1676, 1681, 1685, 1690, 1695, 1698, 1702 Livro de recenseamento eleitoral, 1936-1970

#### 4.2. O monte

Se atendermos às *Memórias Paroquiais* de 1758, a cobertura vegetal da serra da Boneca poderia então ser caracterizada pelo denso e áspero mato. Sebolido ainda não era freguesia autónoma, mas de Canelas, a que pertencia, diz-se não haver cultivo na serra, apenas: «algumas plantas que tem são oliveiras e o mais hé tudo lenhas miúdas» (Capela, 2009: 524), mas parte do monte já estava dividido em sortes para o corte de mato. A nascente, na vizinha freguesia de Eja regista-se que: «o fructo que produz este monte mais principal hé carqueja e tojo» e que: «neste monte pastam bois, vacas, bestas, ovelhas, cabras, coelhos, perdizes, lebres, aguias ribeiras, por acazo alguma rial, lobos, rapozas, toirons, martas, fuinhas, por acazo algum jabali» (Capela, 2009: 532).

Com a multiplicação de pedidos de aforamento, verificada a partir de 1775, foi possível detetar, em Sebolido, o interesse pela plantação de oliveiras, sobreiros, carvalhos e pinheiros na serra. Porém, é importante lembrar que estes pedidos de apropriação de frações do baldio geraram contestação por parte da população. Ou seja, um lavrador, proprietário (por vezes absentista) ou investidor (algum nem sequer natural da freguesia), queria ampliar (ou formar) a sua propriedade com uma parcela de monte, e para tal solicitava o aforamento e vedação de determinada área, que passava a uso privado. Com isto provocava o descontentamento e a contestação por parte dos vizinhos, habituados a disporem e usufruírem do monte comum para procurar águas de rega e pedra para construção, ou recolher lenha e mato, criar o gado, fazer plantação de árvores (estas ficavam na posse individual, mas não o solo onde cresciam), realizar sementeiras ocasionais em parcelas acordadas e para outras atividades, vitais tanto para as casas de lavoura como para os despossuídos. Justificavam a recusa: «porque nelle tem o mesmo Povo duas possas

com que rega as suas propriedades e tambem tem huma fonte de que alguns se utilizão sempre e outros quando secaa as mais do lugar e as mesmas possas levão seus gados a beber, e pelo dito pedaço de monte tambem a pastar e nelles roçam os matos e apanhão folhas das arvores cujas arvores são de varias pessoas do mesmo povo, e suas proprias por nelle as terem plantado assim de subreiros e carballo, como tambem algumas oliveiras: e suposto que os montes sejião dilatados contudo o pedaço do monte que pertendem os suplicantes he o mais necessario ao dito povo por estar junto ao lugar e ser entradas e sahidas para os gados» (Soeiro,1993: 694).

Em 1815, a Câmara inicia a revisão dos aforamentos, para que os foreiros a reconheçam esta condição, e entre mais de uma centena, três são de Sebolido. A 3 de agosto de 1815, António Moreira, morador em Rio Mau, lugar ainda pertencente à freguesia de Pedorido, apresentou-se para declarar que reconhecia a Câmara de Penafiel como direta senhoria de um olival que plantara no Vale dos Sobreiros, maninho de Sebolido. Dias depois, aí são levados o Juiz de Fora e louvados para fazer a medição: «dicerão que tem de comprido quarenta e cinco varas, e de largo pelo Norte trinta varas, e pelo Sul outras trinta varas, partindo de todas as partes com o maninho». O foro a pagar seria de 40 réis (AMPNF – A 1355 Aforamentos, nº 1). Na mesma data, (03/08/1815), Francisco Dias e sua mulher, também de Rio Mau, pedem o reconhecimento de outro olival, plantado no maninho do Vale dos Sobreiros de Cima, terreno de Sebolido. Na louvação diz-se: «tem de comprido trinta varas, e de largo dezoito varas, partindo de todas as partes com o monte maninho, e ao dito olival lançarão de foro annual vinte reis» (AMPNF – A 1355 Aforamentos, nº 2). Ainda no mesmo dia, aproveitando a deslocação da autoridade e louvados, faz-se um terceiro reconhecimento, pedido por António José, enjeitado, e a sua mulher, residentes em Rio Mau. O olival ficava no monte maninho de Sebolido: «dicerão que pega dos Penedos da Sombra para baixo, e tem de comprido trezentas varas, e de largo pelo meio cento e vinte varas partindo de todas as partes com o maninho, e lhe lançarão de foro annual trezentos reis» (AMPNF – A 1355 Aforamentos, Sebolido nº 3).

No *Tombo de todos os bens d'este Municipio de Penafiel*, feito em 1862, voltamos a encontrar referência a estes olivais, os dois primeiros registados em nome das mesmas pessoas e a pagar o mesmo foro, enquanto o terceiro tinha passado, por adjudicação de

16/01/1836 e mantendo o foro, para Joaquim Gonçalves, igualmente de Rio Mau (AMPNF – A 1348 Tombo, fl. 260-262, nº 179-181). Curiosamente, os mesmos nomes e valores repetem-se até 1919 (AMPNF – A 1357 Aforamentos, Sebolido).

Datado de 1848, há um muito mais interessante processo de aforamento, um pedido coletivo apresentado por parte de dezasseis cabeças de casal que arrotearam e construíram habitações no maninho de Sebolido, dando assim origem ao lugar de Vila Nova (Soeiro,1993: 697). Dizem os interessados: *«todos do mesmo lugar de Vila Nova, freguesia de Sebolido, que há tempos redusirão a cultura, e edificarão casas no dito lugar e freguesia, no monte maninho, que he do Dominio Directo deste Municipio, sem que esta occupação prejudicasse algumas servidões, ou logradouros da Freguesia, porque estando há annos de posse, ainda ninguem se tem queixado, e porque não he justo, que os supplicantes sendo quasi todos pobres e tendo feito despesas, fiquem privados de suas benfeitorias, nem elles pretendem prejudicar esta Camara de suas rendas, e por esta causa requerem que Vossas Senhoriais lhes fação aforamento das ditas propriedades, sendo lhes arbitrado o fôro competente por Louvados, cujo foro os suplicantes se sujeitão a pagar anualmente a esta Camara, a quem reconhecem por directa Senhoria»* (AMPNF – A 1356 Aforamentos, 1816-1867, Sebolido).

Vila Nova será, assim, um lugar novo, como sugere o topónimo, resultante da ocupação ilegal do maninho por famílias de poucos recursos que se instalaram em grupo, e é também desta forma que regularizam a situação, fazendo simultaneamente todos os aforamentos para cada um ter menor despesa. Em várias destas *medições* qualificou-se o terreno como *fragoso*. Ficava na encosta, a nascente do lugar de Sebolido, confrontando algumas das *tapadas* (assim chamadas por o terreno ter sido vedado) com o rio, a Quinta da Moura e a estrada. As áreas ocupadas por cada um tinham diferentes dimensões, dos 60m<sup>2</sup>, que davam para uma pequena habitação e horta, a mais de 1.800m<sup>2</sup>, e apenas num caso o requerente dispunha de duas parcelas, médias. Ainda que não proporcionais á área, os foros variavam entre 20 e 120 réis e um ascendia aos 240 réis.

Apesar destas ocupações, que parecem não ter levantado oposição dos vizinhos, talvez por se tratar de gente necessitada da freguesia, no relatório da Junta Geral do Distrito de meados do século XIX constata-se: «o maninho de Sebolido, na extensão de cinco quartos

de legoa de comprido por três quartos de largo, o qual produz mato, sobreiros e oliveiras, sendo susceptível de aumentar-se a sua arborização» (citado em Soeiro, 1993: 698). Segundo o *Relatório acerca da arborização geral do paiz*, de 1868, no ângulo sudoeste do município as serras tornavam-se mais ásperas e despidas, sobretudo, as que integram ou ficam próximas dos xistos e quartzitos que se estendem da Boneca para Noroeste: «nas cumiadas não ha geralmente cultura: o que por ali se vê é mato e penedia escalvada de granito» (citado em Soeiro, 1993: 743). O pinheiro avançou neste último quartel do século, a partir de exemplares existentes, mas também, frequentemente, semeado em simultâneo com o mato, relegando para segundo plano a cobertura tradicional, afetada no que toca ao castanheiro pela difusão da doença que o dizimava nestas paragens, desde 1834, apodrecendo-lhe a raiz, mal que depois se transmitia às folhas e mesmo à madeira se não fosse cortada em menos de um ano. O mesmo acontecia aos sobreiros. O carvalho foi-se extinguindo por muito procurado para extração da casca (Soeiro, 1993: 744). Quando, no final da década de 1930, é realizado o *Reconhecimento dos Baldios do Continente*, é perceptível que a mais extensa área de baldios continuava a ser a do sul do município, contando Sebolido com 170 hectares quase contínuos (Soeiro, 1993: 700).

No século XX, este espaço de baldio continuava a servir os lavradores: aí faziam poças de água que dirigiam para o consumo doméstico e a rega; nele procuravam pedra para construção; para lá enviavam rebanhos e gado bovino; nele recolhiam os matos para a cama destes animais, que transformava em estrume, e a folha que lhes servia de forragem; ali podiam ter os enxames e mudá-los de sítio conforme a floração; mesmo plantar árvores, que ficavam de posse privada, nomeadamente sobreiros e carvalhos, importantes para a alimentação dos suínos e pela madeira, e oliveiras.

Também era dos recursos do maninho que viviam outros profissionais, como os/as lenheiros/as, sendo mulheres dedicadas mais a juntar o combustível do que a cortá-lo, os carvoeiros, as carquejeiras que juntavam a carqueja e queiró para a entregar, em molhos, nos barcos rabelos, que a transportavam para o Porto e vendiam para os fornos das padarias (Cunha, 2007: 141).

### 4.3. As terras de lavoura

As melhores terras de lavoura ficavam junto do núcleo de Sebolido, em mancha contínua que envolvia a rua central, ladeada por casas cujas traseiras se abrem para os campos. Para cima da estrada, foram conquistadas ao baldio; em sentido contrário, avançaram ao longo das linhas de água, mas não se aproximando do rio Douro. Em Rio Mau, os campos estão mais dispersos, aproveitando também os ribeiros. Como vimos no ponto 3.1., em meados do século XVIII, as produções principais eram maïs, centeio e vinho verde, assim como o azeite, e lembremos as oliveiras plantadas no baldio. Em Rio Mau acrescenta-se a *cereja e laranja da China nos pumares* da voltados ao rio, com condições e exposição a anunciar a área mais especializada de Ribadouro.

Quando, em 1831, é feito o levantamento para as *Ordenanças*, Sebolido tinha 88% dos seus homens e rapazes dedicados à lavoura familiar, com criados de lavoura e jornaleiros, enquanto em Rio Mau eram 21,1%, preponderavam as profissões ligadas ao rio. Em 1879, a diferença continuava significativa, 78,8% dos chefes de família de Sebolido e 45% dos de Rio Mau estavam ligados à lavoura. Os recenseamentos eleitorais realizados durante o Estado Novo tornam-se menos explícitos nas classificações, sobretudo dos proprietários, muito mais numerosos, enquanto lavradores e agricultores diminuem.

Na falta de informação local, podemos recorrer à narrativa de António Pinto de Lima, pároco de Lagares em 1835, que fez uma classificação informada dos seus paroquianos:

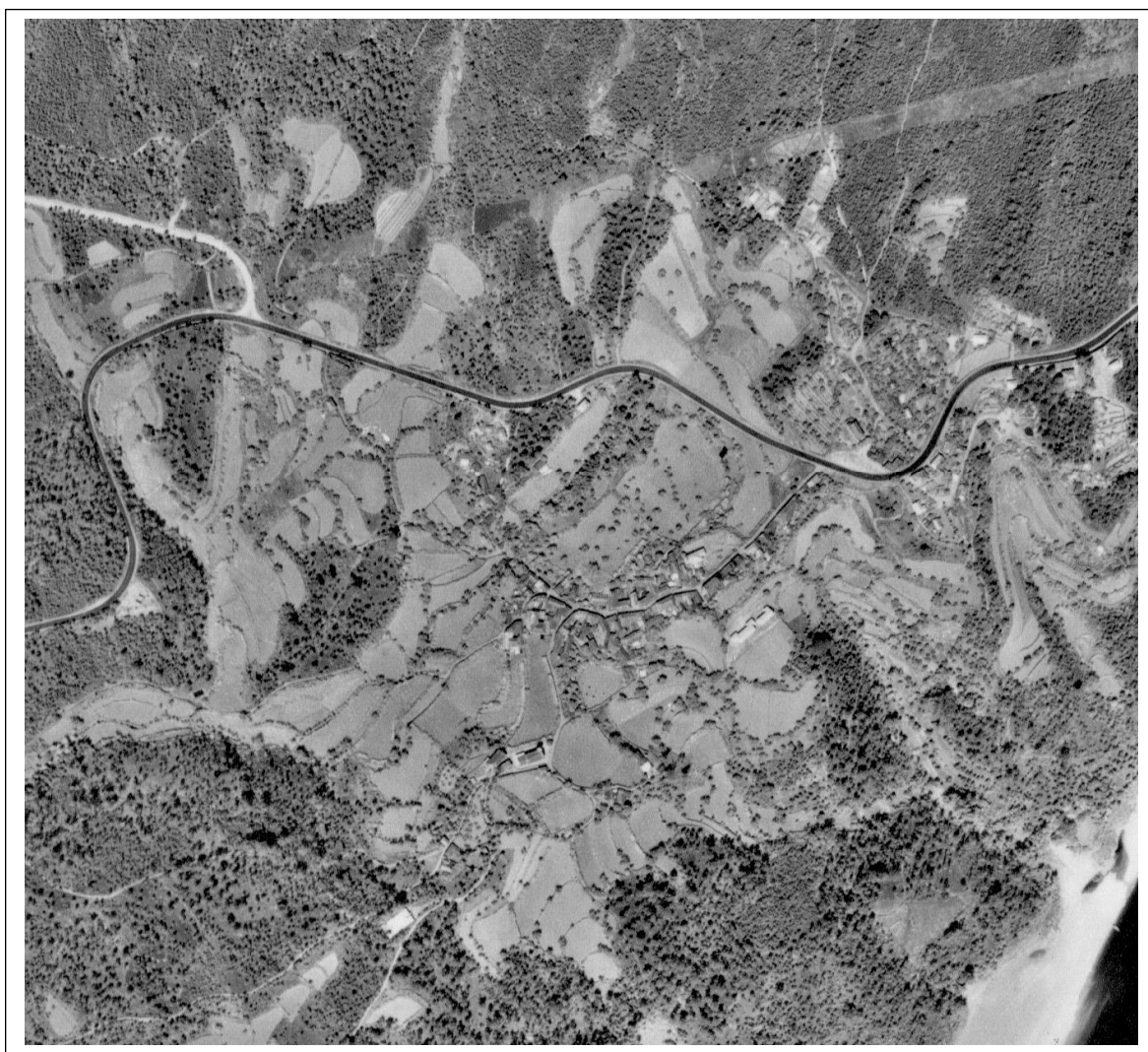
«dividiu-os em classes:

- lavradores, que de ocupam das suas propriedades;
  - lavradores-caseiros, pagam renda ou *fazem a meias*, sendo que «o maior numero destas duas classes de trabalhadores não trabalham com boys seus, mas sim dados de fora a meio ganho»;
  - caseiros-jornaleiros «possuem a sua cazinha em que vivem e fabricão algum campo de renda sem terem bois, para pensarem uma tourinha a qual poucos a tem sua»
  - jornaleiros-caseiros e jornaleiros, que «nem casa possuem ou fação alguma terra»
- (Soeiro, 2013b: 25).

Não seria muito diferente a comunidade em estudo, vemos que os pais lavradores retêm os seus filhos para ajudar na lavoura da casa, ou irmãos mais velhos, possivelmente

herdeiros da exploração, agregam os irmãos solteiros que, se não casarem e receberem a sua parte da herança, têm direito a permanecer na casa de origem. Estas casas de lavoura precisam de mais mão de obra, contratam criados rurais ao ano, que residem nos anexos da casa, e chamam jornaleiros para os momentos de maior intensidade de trabalho.

Em Sebolido, as parcelas distribuem-se de forma não geométrica, com muros ou bordaduras vegetais a delimitá-las. Na encosta de maior declive, nos pequenos vales dos ribeiros ou na vertente voltada ao Douro, o aproveitamento do terreno exige muito trabalho, prévio e acumulado ao longo de gerações, para construir socalcos ou terraços que seguram e nivelam a terra. As parcelas de maior dimensão, bem estrumadas e lavradas com bois, destinavam-se ao cereal, nos séculos recentes sempre milho grosso e menos o



**Figura 13.** O lugar de Sebolido, com os campos em redor, 1965 (IGC)

centeio, pois este podia cultivar-se em terras mais leves ou serranas. No inverno eram prados, no sistema de rotação próprio da região. Mais perto da habitação fazia-se a horta, plantavam-se fruteiras e tudo o que fosse mais delicado e precisasse de rega e trabalho assíduo, muitas vezes feito por mulheres, destinando-se os produtos para autoconsumo e criação de animais, como suínos, galináceos e coelhos. O campo para o linho ou, desde o século XIX, para a batata também devia ser de boa terra, muito estrumada e com rega abundante, para o que muitas casas dispunham de tanques, que ao mesmo tempo serviam as lavagens domésticas. A vinha distribuía-se pela bordadura dos campos, ou dava sombra a caminhos e quinteiros.

Estas casas de lavoura possuíam de gado bovino, em primeiro lugar usado para puxar arado e carro, indispensáveis ao trabalho em propriedades de algum vulto. Aqui não se usavam outros animais de tração, os poucos muares e asininos que foram recenseados no século XX deviam estar ao serviço dos moleiros ou de quem fazia cargas.

**Tab. 7** Sebolido: proprietários de carros de bois registados (1929 -1949)

Ano	Nome	Lugar
1929	António Rodrigues	Rio Mau
1929	António de Sousa Carvalho	Rio Mau
1941	Abílio Maria Rodrigues de Sá	Sebolido
1941	Alfredo Gomes	Sebolido
1941	António Alves	Sebolido
1941	António Alves Correia	Sebolido
1941	António Pereira Sobrinho	Sebolido
1941	António Vieira da Silva	Sebolido
1941	Daniel Barbosa	Moira
1941	José M. Vieira	Sebolido
1941	José Francisco Lopes	Cancelos
1941	Manuel Ferreira	Sebolido
1941	Manuel Gomes	Sebolido
1941	Manuel Marques da Silva	Abitureira
1941	Manuel Soares Vinagreiro	Sebolido
1949	José da Costa	Cancelos
1949	Manuel da Costa	Cancelos
1949	Manuel Coelho	Sebolido
1949	Durval da Rocha	Sebolido
1949	Manuel Soares de Oliveira	Sebolido

Fonte: AMPNF – A1243 Caderno de registo de possuidores de carros de bois, 1929 A1244 e A1245 Livro de registo de veículos isentos, 1942-1955

Como dizia o pároco de Lagares acima citado, os lavradores caseiros, a trabalhar em terras arrendadas, dificilmente teriam dois bovinos, por isso criavam-nos em parceria.

Os caseiros e jornaleiros não dispunham de terra de lavoura nem bovinos, trabalhavam a braço hortas e pequenas parcelas para alimentação da família. Podiam ainda criar algumas ovelhas e cabras no monte, tantas vezes guardadas pelas crianças.

Ter porco para a matança, que dava carne e gordura para o ano, também interessava a muitas famílias, como se pode verificar no quadro de manifesto pecuário. Com as sobras da comida, restos da horta e verdes segados no campo-prado alimentavam-se muitos galináceos, que normalmente andavam à solta, e alguns coelhos, carne para ser comida nos dias de festa e objeto de oferta/pagamento da ajuda ou favores em momentos difíceis.

**Tab.8** Freguesia de Sebolido - manifestantes e efetivos pecuários

Ano	Manifestantes	Cavalar	Muar	Asinino	Bovino	Ovino	Caprino	Suíno
1934	150	3	1	2	141	60	51	71
1940	184	4	1	4	158	103	64	140
1955	245	—	1 (1 manif.)	2 (1 manif.)	132 (45 manif.)	124 (41 manif.)	18 (16 manif.)	153 (120 manif.)
1972	303 (44 c/ expl. agrícola)	—	1 (1 manif.)	—	67 (35 manif.)	112 (38 manif.)	41 (31 manif.)	426 (280 manif.)

Fonte: Portugal: Ministério da Agricultura, 1935; Portugal: Ministério da Economia, 1941; Portugal: INE, 1959; Portugal: INE, 1974

Não raro, os agricultores mantinham cortiços para que as abelhas fabricassem mel, interessante na alimentação, por falta de açúcar, e para venda; a cera era normalmente entregue aos cerieiros, que a transformavam nos lagares próprios, como o que existiu em Canelos. Esta aptidão da terra para a apicultura foi bastante desenvolvida no início do século XX, quando o interesse e conhecimento de Manuel da Rocha Amorim, proprietário abastado, se une ao do pároco Manuel Tavares de Sousa para desenvolverem técnicas inovadoras e montarem uma fábrica de material para apicultura e *inventar* um novo modelo de colmeia de quadros, aceite internacionalmente. A produção de materiais para apicultura era escoada, nos rabelos, para o Porto, ou por comboio e chegaram a criar uma marca comercial própria (Soeiro, 2006-2007: 133-134; Cunha, 2007: 128 e segs). A

capacitação técnica perdurou até hoje, continuando a existir em Sebolido/Rio Mau empresas industriais deste ramo.

Como veremos no próximo capítulo, as casas de lavoura abastadas tinham meios técnicos para processar algumas dos bens produzidos. A mais comum destas oficinas é o lagar de vinho, com a respetiva prensa de vara. Os alambiques para destilar bagaços já seriam mais raros. Havia também lagares de azeite, acionados por bois ou pela água, como os de Sebolido e Rio Mau (Soeiro. 1996-1997) e engenhos de maçar o linho (Soeiro, Anileiro, 2014; Anileiro, 2020), que depois seria fiado e trabalhado para tecer panos e fazer redes. O lagar de cera de Cancelos era mais uma dessas instalações de transformação onde se obtinha cera, um bem com procura no mercado (Soeiro 2010-2011). No próximo capítulo trataremos destas e de outras construções adjetivas da casa de lavoura, que para o ser, devia dispor de pelo menos uma junta de bois de trabalho e tração e de instalações diferenciadas para instalar animais, processar e guardar das colheitas, etc.

#### 4.7. O rio

Como dissemos antes, Rio Mau é a característica povoação da borda do rio e que dele tira muita da subsistência da sua gente, dedicada quer à pesca fluvial, quer ao transporte ao longo do rio, a ligar a área do Alto Douro ao Porto. Em comparação com Entre-os-Rios, onde predominam os arrais e marinheiros que lidam com o transporte, e os comerciantes, em Rio Mau são os pescadores os mais numerosos (Soeiro, 2013a: 100), como confirmamos nas listagens das *Ordenanças* e nos recenseamentos.



**Figura 14.** O lugar de Rio Mau, em 1991 (Fot. T. Soeiro)

Sebolido parece ter sido uma comunidade rural, que se protegeu afastando-se da margem, deixou as tarefas do rio para os habitantes de Cancelos e Abitureiras, barqueiros, marinheiros e pescadores, com casas pequenas, (quase) sem terra, onde viviam, faziam as redes (as antigas, de linho) e as limpavam e encascavam para que durassem. Os barcos encostavam ali mesmo (Cunha, 2007: 71 e segs).

#### 4.4.1. Pesca

Referimos, no ponto 3.1., a importância que tinha a pesca no rio Douro e o interesse dos mosteiros e o próprio rei em receber prestações sobre estas capturadas, importantes para variar a alimentação e para cumprir os muitos dias de abstinência que a igreja impunha ao longo do ano. Para esta pesca, são bem conhecidas as muitas pesqueiras, como as de Rio Mau referidas em documento do início do século XII, mas importa lembrar que nas Inquirições de Afonso III, de 1258, também se fala em casais de Sebolido que se dedicavam à pesca, com e sem barco, lançando redes de cujo peixe pagavam  $\frac{1}{4}$  ao rei, bem como o primeiro sável e lampreia. No foral de Penafiel, de 1519, menciona-se concretamente que o rei recebia os seus direitos da pesca nos Areios de Ortos, Maior e de Ortezelo, novamente o primeiro sável e lampreia e também espécies consideradas mais nobres, como solho, eiró e truta grande.

Esses *areios*, hoje submersos, vêm-se na cartografia e fotografia aérea anterior à subida das águas da albufeira de Crestuma: o Areio de Ortos ao centro, onde trabalhavam os homens de Sebolido e Rio Mau; o Areio da Conca a poente, partilhado por pescadores de Rio Mau e Pedorido; a nascente, o de Ortezelo, usado pelos de Sebolido e Cancelos. Frente ao Areio da Conca, na margem que acompanha a povoação de Rio Mau, encontrava mais pesqueiras (Soeiro, 1993: 977 e segs).

No geral, podemos dividir a pesca aqui realizada em duas situações sazonais: durante todo o ano haveria os *peixes de rio*, de menos valor, citados nas *Memórias* Paroquiais de 1758 – mugés, bogas e escalos, etc., cuja captura para venda era pouco rentável; já a safra do sável e da lampreia, na primeira metade do ano, tornaria viável a profissão de pescador, ou, como respondeu o pároco do Torrão (Entre-os-Rios): «neste rio Douro se fazem todo o anno pescarias com vários instrumentos e redes. E de Janeiro até o Sam Joam se fazesm pescarias grandes de lampreias e sabeis, de cujo produto se sustentam muitos moradores desta terra» (Capela, Matos & Borralheiro, 2009: 413). Estas últimas espécies, muito presentes na época da Quaresma, eram as mais procuradas e aquelas que são destacadas nos pagamentos ao rei e senhor da terra e nas rendas entregues aos mosteiros pelos foreiros.



**Figura 15.** Sebolido: fotografia aérea de 1965 (Instituto Geográfico e Cadastral)

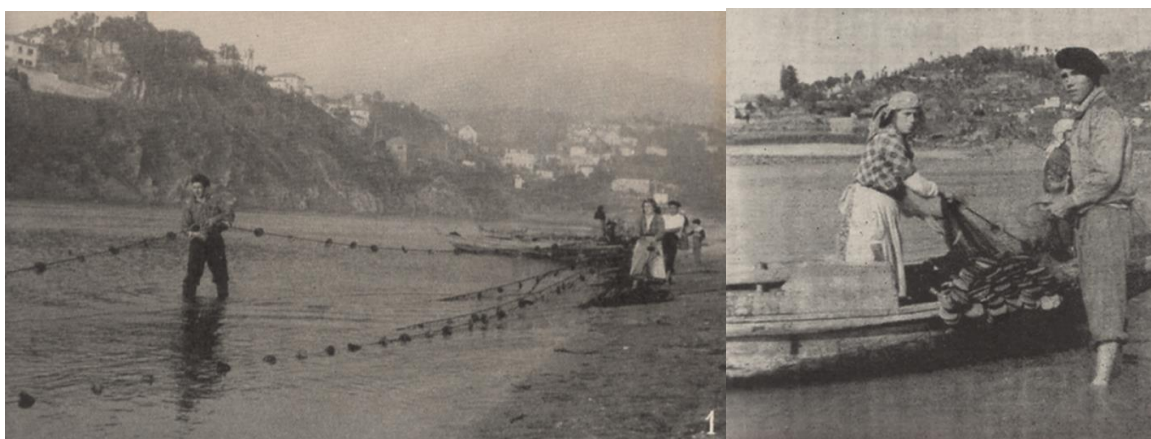
Como já se dizia no Foral de Penafiel (1519), a pesca tanto se fazia nos areios, com grandes redes de arrastar para terra e barco para apoiar o seu lançamento, como com outras de arrastar para terra – caleira— e no rio e com barco, com redes de emalhar – mugeira, escaleira, pardelho, tresmalho. Nos areios, a arte mais importante seria a varga:

«grande rede de arrasto alada para os areios, fabricada em linho que os pescadores de Rio Mau iam comprar à feira de S. Martinho de Penafiel, ainda em febra, para ser fiado e fabricado em casa. Cada rede podia levar oito peças, de vários donos, com mais de três quilos cada. Precisava de ser encascada em nova e durante a utilização. A operação iniciava-se com a compra de casca de salgueiro a homens que a traziam de Cabroelo (freg. Capela) e a vendiam a um preço que se avaliava como elevado. A casca tinha de ser pisoada, trabalho executado num pio comum do lugar de Souto. Aí se dirigiam os pescadores e batiam-na com malho de madeira até ficar em farelo. Uma vez transportada para casa a casca punha-se a cozer numa panela de ferro de cinquenta litros durante quatro horas. Se a rede era nova deitava-se dentro da panela, mexendo para que não encostasse ao fundo e queimasse. Depois secava e

voltava a ser encascada. A primeira operação da temporada fazia-se em casa, ao iniciar a faina. Depois era necessário voltar a encascá-la mais duas vezes, sobretudo se o tempo corresse quente porque o sol incidindo na rede pousada no barco aquecia-a demasiado e fazia-a apodrecer. Estes novos encasques tinham lugar à beira-rio, para onde se levavam as panelas, ocasião para bebida abundante.

Manejava a varga uma companhia de quatro homens, dos quais dois pelo menos deviam ter experiência. Um deles possuía o barco, ou alugavam-no dividindo a despesa. Os lanços estavam escalonados pelas companhias que deviam aparecer no areal todas as noites, mesmo que não lhes tocasse.

Os panos de que cada um dispunha eram unidos para formar uma grande rede, com oito panos e aproximadamente oitenta braças, lançada de barco. Na tralha superior levava rodelas de cortiça, deixando seis ou sete malhas livres entre elas, na inferior levava pedras da ribeira, furadas pelo pescador e amarradas com nastos. Esta tralha guardava-se bem porque era frequentemente roubada. O primeiro cabo, com 20 ou 30 metros, ficava amarrado no areio, descrevendo depois o barco um arco, de montante para juzante, porque a pesca desloca-se em sentido ascendente, arriando a rede. Ao atingir o peço voltava a fechar novamente em direcção ao areio, para onde trazia o segundo cabo, com cerca de cinquenta metros. Uma vez os dois cabos em terra, havia que arrastar a rede que traria sáveis, algumas lampreias e outros peixes em menor número» (Soeiro, 1993: 982-983).

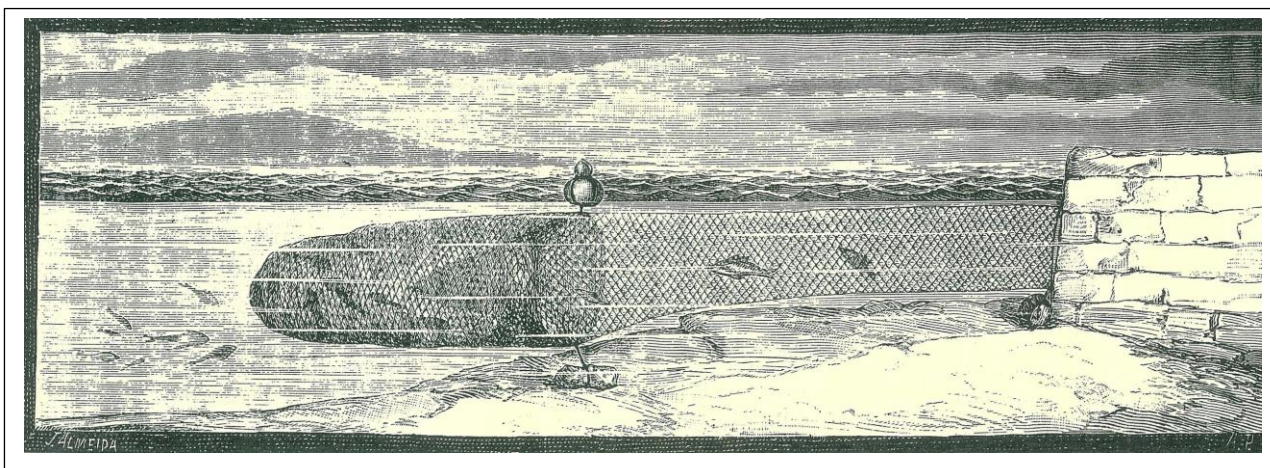


**Figura 16.** A pesca no Areio da Conca, frente a Rio Mau (*O Pejão*, 1956-1957, em Soeiro, 2013: 112)

Às pesqueiras de pedra, perpendiculares à margem e projetadas para leito do rio, aplicavam-se, também com barco, armadilhas ou redes – cabaceiras, colocadas na extremidade, ao entardecer e levantadas de manhã, ficavam a pescar no período em que as lampreias se movem:

«A rede era composta por um primeiro pano, o pardelho, com cerca de três metros de alto e mais de quatro de largo, ligado a terra por um cabo. O seu posicionamento dependia dos dois pendulhos de pedra que possuía nas extremidades da tralha inferior e de uma grande cabaça amarrada à superior, da qual retirou o nome. Na cabaça e pendulho começava a segunda parte da rede, o rabo, copo com três metros de comprido e uma boca de mais de metro e meio de diâmetro, no interior do qual se encontrava o nasseiro ou armadilha cónica. A rede era esvaziada como os alares, pelo topo do rabo.

Quando as pesqueiras tinham boqueiros, ou em paredes improvisadas, colocavam-se nassas semelhantes às usadas em Rio de Moinhos, apenas maiores e dispendo de uma armação menos rígida» (Soeiro, 1993: 983-984).



**Figura 17.** Pesqueira de pedra com rede cabaceira. (Baldaque da Silva, 1892, em Soeiro, 1993: 980).

Muito conhecida no Douro era a chumbeira grande, lançada do barco pelo pescador, que ficava com o cabo na mão:

«com dois metros e meio de altura e três de diâmetro, pesando mais de dez quilos, Lançava-se normalmente a partir de um barco governado por uma segunda pessoa.

A arte era considerada como perigosa uma vez que a sua tralha, de doze braços devia ficar enrolada no braço do pescador que com o impulso de lançar podia cair à água. Lançada para fundos de areia, devia ser recolhida lentamente para que o peixe aprisionado no capelo ficasse recolhido nos combos ou seios, prega formada na coroa da rede. Os pequenos chumbos esféricos são em grande quantidade, para atingirem dez quilos de peso» (Soeiro, 1993: 984).

Há outras redes e armadilhas para diferentes condições de pesca, que passou a ser livre na época contemporânea, mas devendo pagar certas quantias aos proprietários e consortes no caso das pesqueiras construídas. As capturas eram, em parte, consumidas localmente, mas o sável e, sobretudo, a lampreia eram vendidos pelos/as peixeiros/as (não as mulheres dos pescadores) que se dedicavam a este comércio no tempo próprio:

«Transportavam as lampreias em latas de tampo furado, cheias de água, para que o animal chegasse vivo ao cliente, condição indispensável para se lhe poder aproveitar o sangue. O sável ia em gigos ou canastras. Para se deslocarem de Rio Mau a Penafiel podiam demorar cerca de cinco horas, saindo por isso ainda de noite, pelas duas horas, em grupo para melhor se protegerem ao atravessar a inóspita serra da Boneca até S. Pedro dos Pegureiros, descendo então para Portela, em direcção à estrada. Muitas vezes eram os vendedores de sardinha de Espinho que, tendo acabado a carga ao chegar ao Douro, faziam o resto da viagem vendendo os produtos deste rio. Recentemente vinham buscar as lampreias homens de Pé de Moura, que as conduziam às três ou quatro centenas rio abaixo dentro de um meio pipo com furos, mergulhado na água, preso ao barco.

Para manter as lampreias vivas no local usavam-se caixotes de madeira com furos, que ficavam mergulhados na água, ou redes mergulhadas em latas quadrangulares. Alguns pescadores e sobretudo aquelas pessoas que recebiam as lampreias como tributo ou oferta e possuíam propriedades rurais podiam destinar um tanque ou uma mina de água para viveiro. O sável podia ser preservado alguns dias se preparado de escabexe» (Soeiro, 1993: 981).

Nestes trabalhos usavam-se dois tipos de embarcações, ambas da família rabela: o barco de pesca e o valboeiro, um barco ágil e bom para múltiplos serviços. A pesca não seria

suficiente para alimentar a família, fora da época da safra o pescador devia ganhar a vida noutras tarefas (Cunha, 2007: 111 e segs, 2011: 15 e segs). No barco de pesca, a mulher ajudava, como antes o teria apoiado na feitura, conserto e encasque das redes.

#### **4.4.2. Transporte fluvial**

Entre-os-Rios foi o antigo porto fluvial desta área do Douro, documentado em 922, onde acostavam os barcos que navegavam ao longo do curso e onde havia barcas de passagem para além Tâmega e além Douro. Aí cobraram os direitos de passagem e portagem o senhor e as religiosas de Santa Clara, desde a Idade Média (Soeiro, 2013a: 77 e segs).

Na foz do Tâmega, em 1831, havia vinte arrais de rabelos e mais de uma centena de marinheiros. Já em Sebolido, teriam barcos de transporte um arrais das Abitureiras e três de Rio Mau; os marinheiros eram dezanove, mais de metade deste segundo núcleo, e a sua vida não seria fácil (Cunha, 2007: 141 e segs). As pedras da sirga, com os profundos rasgos abertos pela fricção dos cabos com que se fazia a subida do barco à *sirga*, ou seja, puxado por homens ou juntas de bois, permanecem como testemunho desse esforço (Martinho Rocha; Mário Oliveira - *As pedras da sirga, de Rio Mau - Penafiel*, publ. 13 de Agosto de 2016).

Pouco sabemos da atividade destes cais de acostagem, apenas que nos meados do século XX pelo de Rio Mau passavam 50.000 pessoas, volume muito elevado, certamente devido às travessias diárias para trabalhar no Pejão. As mercadorias embarcadas eram toros e achas, chamiça e cortiça, que já vimos resultarem do trabalho de homens e mulheres no monte baldio, além de ovos, tudo avaliado em 1.500.000\$, enquanto se recebia cal, cimento, telha, ferragens e mercearia, no valor de 800.000\$ (Soeiro, 2013a: 95).

«Na Lingueta, espécie de rampa de varar que ainda hoje desce até mergulhar na água por baixo de Fornelo, viam-se encostados uns aos outros os barcos Rabões que carregados com o precioso combustível, iriam partir numa viagem até Campanhã pelo rio abaixo e, as silhuetas escuras das enormes embarcações, assemelham-se a cascos de túneis de vinho a boiar na água. Campanhã é longe, fica nas periferias do Porto e a descida do rio até lá, é vertiginosa, às vezes basta o homem da espadela guiar o barco e algumas pás a tentear o mesmo não fosse acontecer surpresas degradáveis. Aproveitando o vento de sopé, armando a vela de Traquete à frente,

outras vezes com a maré na preamar, era custoso arrastar à força de braços cerca de cem toneladas de madeira e carvão antracite.” (Cunha, 1947: 2)



**Figura 18.** Construção de rabões carvoeiros no Areio das Concas, face a Rio Mau, 1955 (em Soeiro, 2013: 98)

Muito importante para dar emprego aos arrais e marinheiros teria sido, como referimos antes, o facto de a Empresa Carbonífera do Douro construir novas embarcações de modelo rabão, adaptado para o transporte do carvão até ao Porto e Vila Nova de Gaia, onde tinham instalações. Um dos locais de instalação dos estaleiros era o Areio das Concas, frente a Rio Mau. Foram arrais e marinheiros deste lugar e de outros da freguesia que constituíram as tripulações.

Em *O Pejão*, de Fevereiro de 1951, França de Carvalho dá conta do aumento de número e tonelagem dos rabões construídos, iam até 70 toneladas. Na sua construção trabalhavam catorze homens efetivos e mais seis quando necessário. Um barco novo de 55-60 toneladas, custava 25 a 28.000\$00.

Uma outra serventia, embora não prevista, destes barcos que circulavam no rio era levar pessoas e encomendas particulares até à cidade do Porto. Contudo, o transporte oficial de pessoas cabia, principalmente, às barcas de passagem, que faziam a travessia entre margens:

«Alternativa existia bastante a jusante, em Abitureira/Midões e Rio Mau/Pedorido, também com duas barcas, ou a montante, no importante cais de Bitetos. São estas as passagens registadas por Forrester no seu mapa do *Douro portuguez e paiz adjacente*, de 1848, bem como no recenseamento das barcas realizado em 1849, que elenca as seguintes: a de Entre-os-Rios (Tâmega e Douro) para Boure; a mais antiga, que fora do couto de Santa Clara e em 1834 passara para a Câmara de Beniver, e a do Castelo, de João da Cunha de Várzea, todas a montante da foz do Tâmega. Para jusante do Burgo, passava-se de Midões para a Quinta da Abitureira, barca pertencente a João Allen, do Porto, e também em Rio Mau, lugar da margem norte que pertenceu à paróquia de Pedorido, na sul. Nesta última passagem serviram valboeiros adaptados.

Desde a criação do concelho de Castelo de Paiva que a nova câmara começou a reclamar a sua parte nos rendimentos destas passagens, acção que se perpetuou no século XX, à medida que os locais de travessia na área de Sebolido/Rio Mau aumentaram, não lhes faltando clientela que diariamente se dirigia às Minas do Pejão, o que justificou mesmo o investimento feito em 1956 pelo arrematante, Manuel Correia de Vasconcelos, numa lancha motorizada» (Soeiro, 2013a: 120).

Esta inovação, um *híbrido motorizado* da família rabela, introduzido em Rio Mau, foi posteriormente copiado em Bitetos e Carrapatelo, travessias do Douro também bastante procuradas (Filgueiras, 1970: 24).

Segundo o periódico *O Pejão*, propriedade da empresa mineira, em 1951 A Caixa Sindical de Previdência dos Barqueiros, Fragateiros e da Construção Naval do Distrito do Porto abriu um posto médico em Rio Mau, onde atenderia, entre profissionais e familiares, cerca de 1200 pessoas. O médico era o doutor Joaquim Amorim, natural da terra. Também pensava apoiar os seus filiados, barqueiros, na construção de casas.

#### **4.4. As minas**

O território em que se integra Sebolido pertence a uma extensa área mineira que, das serras de Valongo e Gondomar a Castelo de Paiva foi explorada em época romana, visando a extração de minérios auríferos, com prata e outros associados. No final do século XVIII

localizaram-se as jazidas de carvão (S. Pedro da Cova e Pejão), nas décadas finais do século XIX e durante a I Guerra Mundial procura-se o antimónio, reaproveitando muitas minas romanas.

A legislação sobre este setor publicada de 1852 a 1862 entrega às câmaras municipais a competência para registar em primeira mão a declaração de achado de minas, um processo sumário em que o achador localizava e descrevia a jazida, tentando indicar o minério que pensava poder obter na futura exploração. A este registo primário seguir-se ia o processo para reconhecimento pelo Ministério das Obras Públicas e a possível autorização de lavra (Soeiro, 2014/2015: 12-17). Porque a primeira etapa era simples, verificou-se uma corrida aos registos, que no território de Sebolido e Canelas ultrapassaram as duas centenas.

Tab. 9 Sebolido/Rio Mau/Canelas: minas registadas na Câmara Municipal de Penafiel

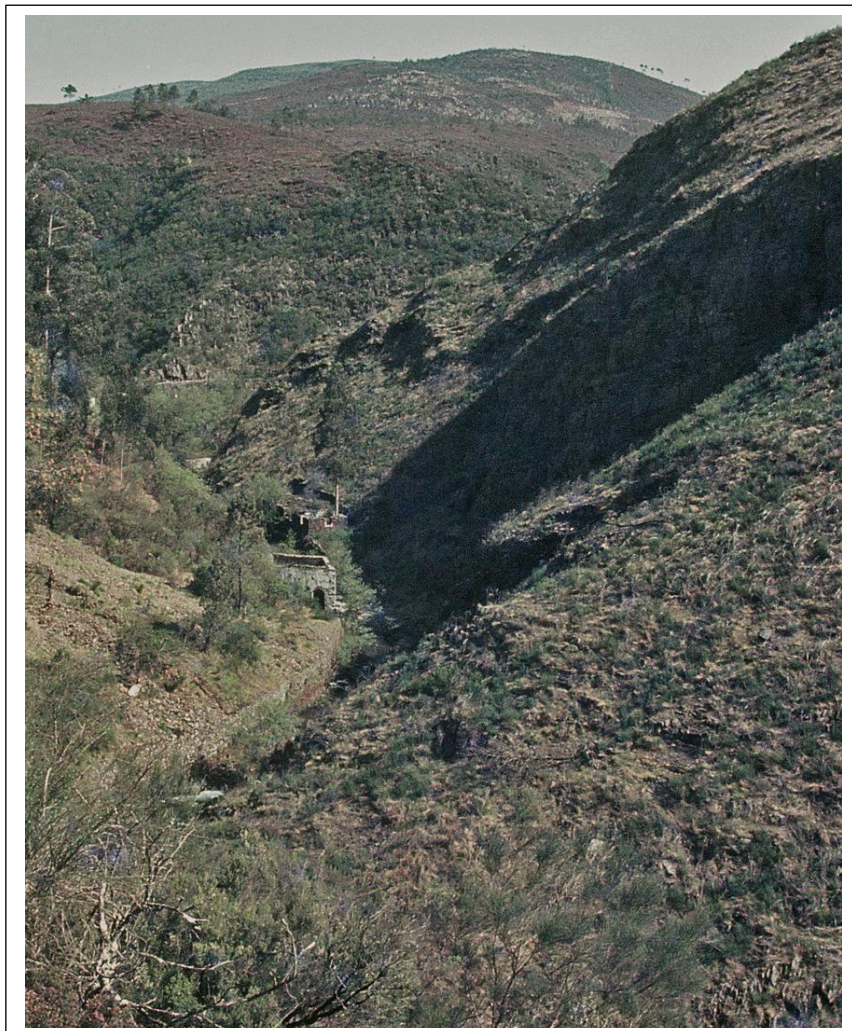
Anos	1864-1870	1871-1875	1876-1880	1881-1885	1886-1890	1891-1895	1896-1910	Total
Registos	14	49	44	87	8	8	8	205

Fonte: AMPNF – A 1252 a 1254 Livro de registo de descoberta de minas, 1964-1910 (em Soeiro, 2014/2015: 16)

Porém, apenas a mina de chumbo do Ribeiro da Estivada (compreendendo Cavada e Vale Grande), localizada na serra, junto ao ribeiro da Estivada e ao rio Mau, teve concessão desde 1879 e alvará em 1882. Os trabalhos foram reduzidos nas duas últimas décadas do século XIX, mas mesmo assim figura no Inquérito Industrial de 1890:

*«a mina, que conta quatro pisos, sendo o primeiro a galeria de esgoto, a 28 metros abaixo da bôca do poço mestre tem os dois ultimos pisos inundados, não obstante trabalharem no serviço de esgoto. Succede porém, que sendo este serviço feito por meio de uma roda hydraulica, esta nem sempre pode funcionar por falta de agua no ribeiro da Estivada. Durante os tres ou quatro mezes de maior estiagem é necessario represar a agua para que a roda possa trabalhar duas horas, estando depois quatro horas parada, de maneira que em cada vinte e quatro horas a roda só trabalha oito horas... Existe na mina ainda uma outra roda hydraulica, destinada a mover aparelhos de lavagem, 2 crivos, 1 round-buddle e 1 triturador. Esta roda tem a força de 12 cavallos, e a que é destinada ao serviço de esgoto tem 16 cavallos. Uma*

*pequena machina a vapor, horisontal, ultimamente ali montada, da força de 8 cavallos é destinada ao serviço de extracção» (em Soeiro, 2014/2015: 17-18).*

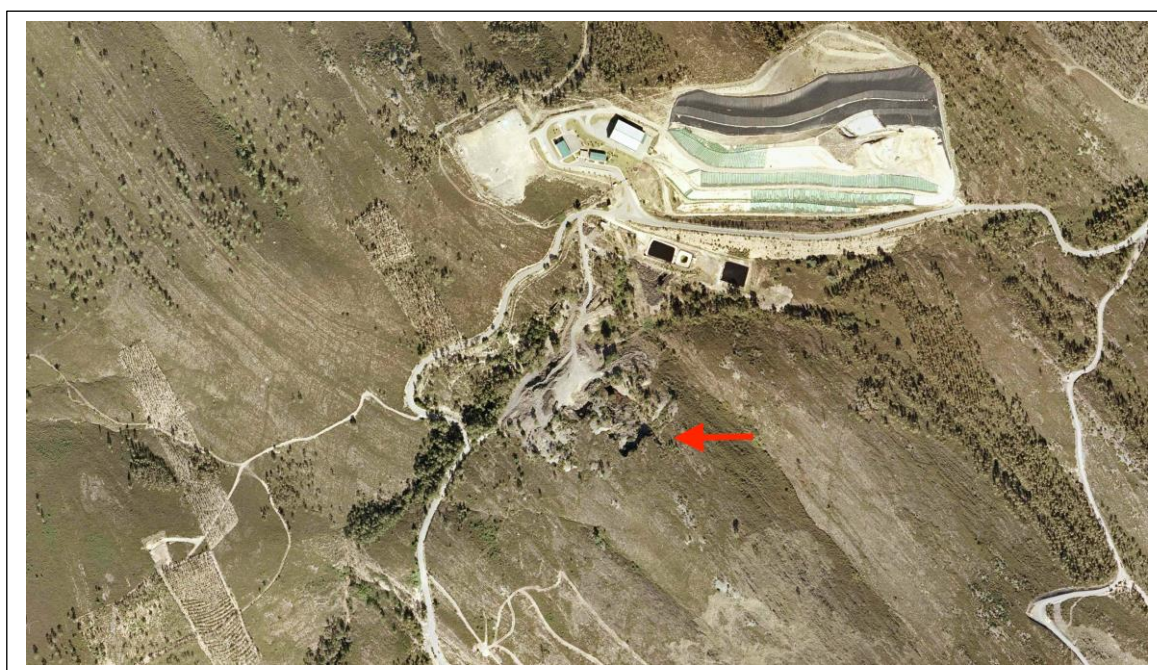


**Figura 19.** Complexo mineiro da Estivada (Fot. T. Soeiro, 1984)

No alto da serra da Boneca, existia há muito a exploração de lousa, que vemos aplicada em beirais, eiras, cantareiras e em muitas outras situações. Dá-se notícia destas pontuais explorações de material para consumo próprio nas *Memórias Paroquiais* de 1758. No século XIX, fica abrangida pela nova lei de minas e começa a lavra industrial, que vai ser concedida a empresas particulares, apesar da intensa contestação das populações e da autarquia local, a quem pertencia, de facto, o terreno baldio em que se encontra. Em 1890 trabalhavam na mina 1 feitor, 1 capataz, 2 mineiros e 5 trabalhadores, três deles com menos de dezasseis anos, todos (9) analfabetos. O horário era de 12h, no verão com

paragem de 30m ao meio da manhã e 60m para almoço, sendo a alimentação caldo de couves e broa. A lavra fazia-se em cortas, com desmonte de bancadas a céu aberto, e em galerias, procedimento idêntico ao das outras louseiras da empresa internacional, sediada em Valongo. Esteve ativa, intermitentemente, até à segunda metade do século XX (Soeiro, 2014/2015: 18-19).

Nenhuma destas iniciativas privadas obteve significativo impacto, tanto ao nível do emprego, como da criação de riqueza. Quando em Rio Mau ou Sebolido se fala de trabalho na mina, a referência é ao Pejão.



**Figura 20.** Antiga louseira, a sul do contemporâneo aterro sanitário. Fot. CMPNF, Ortofotomapa, 2004

#### **4.5.1. As minas do Pejão**

Nos últimos anos do século XVIII, a Bacia Carbonífera do Douro emergiu como um ponto central na história contemporânea das atividades mineiras. A região, foco de várias concessões de carvão desde a década de 50 do século anterior, ficará marcada na história, especialmente pelas atividades mineiras em S. Pedro da Cova e no Pejão (Rocha, 1997:310). Estas últimas distribuem-se por três freguesias no concelho de Castelo de Paiva, com início frente a Sebolido/Rio Mau. As suas concessões tiveram início na segunda metade do século XIX, conforme os registos de Carlos Ribeiro, que já havia apontado a sua localização e

potencial de exploração: «Esta área abrange a parte ocidental das serras, ao sul do rio Douro, fragmentadas nas Montanhas da Povoia, S. Domingos, Quirella e Pijão. Ao norte do mesmo rio, encostam-se às vertentes e vales formados pelas serras do Açor, Covello, Monte Alto, Fanzeres, Sete Cazaes, entre outras» (citado em Rocha, 1997:310-312)

Assim, podemos dizer que o reconhecimento da Bacia Carbonífera do Douro teve início numa extensão de cerca de 65 km, desde S. Pedro Fins até ao Pejão, estendendo-se até ao Gafanhão e Queiriga, no concelho de Castro Daire, a uma distância aproximada de 10 km do Porto. A formação carbonífera, com camadas inclinadas de 40 a 50°, ocupava uma zona de larguras variáveis, com a maior delas atingindo 300m em S. Pedro da Cova. Seus vestígios, ao sul, encontravam-se perto de Gafanhão, aproximadamente 30 km da margem esquerda do rio Douro, perdendo-se para o norte além das margens do rio Ave. (Rocha, 1997:312)

Numa região em que as comunidades estavam *mais familiarizadas com as relações agrícolas do que com as dinâmicas industriais*, a ECD, como expressa o periódico *O Pejão*, assumiu, em alguns períodos, uma responsabilidade de gestão paternalista, onde o patrão era visto como uma espécie de pai e protetor, sempre pronto a prestar assistência aos trabalhadores. A internalização dessa relação proporcionava conforto e bem-estar aos trabalhadores, que antes não haviam experimentado uma assistência efetiva nem sentido uma voz que agora se interessava de maneira pessoal por eles. As compensações oferecidas alimentavam a vontade de permanecerem nas minas, contribuindo assim para a coesão social na comunidade (Rocha, 1997:393-394).

Também as festividades desempenhavam um papel significativo como expressão do paternalismo nas Minas do Pejão. Uma das celebrações mais proeminentes era a "Festa da Família Pejão", destacando-se as festividades de Gemunde e Santa Bárbara no Fojo como seus pontos culminantes. Estas festas tinham um papel fundamental na transformação dos trabalhadores em indivíduos dedicados, subservientes ao patrão e alinhados com o regime. Não apenas os trabalhadores mais jovens eram contemplados por essas celebrações, mas também os mais velhos, incluindo operários aposentados e viúvas. Para eles, esses eventos proporcionavam uma experiência remanescente do Natal, especialmente ao receberem consoadas por intermédio da "Cooperativa do Pessoal da E.C.D.La". Isso ressaltava o

comprometimento da empresa em estender suas práticas paternalistas não apenas aos trabalhadores ativos, mas também aos aposentados e aqueles que haviam perdido seus cônjuges (Rocha, 1997: 398).

Muitos homens de Rio Mau, mas também da restante freguesia e de outras vizinhas, foram atraídos para mina do Pejão, para lá rumavam diariamente cruzando o rio na barca, pois ali encontravam trabalho remunerado, embora pairasse a forte ameaça de doença profissional, que os incapacitava ou matava relativamente jovens, deixando mulher e filhos em situação precária. Os números acima referidos (ponto 4.1.) resultam da inscrição nos recenseamentos eleitorais, são por isso seletivos, em muitos dos anos não contemplam adultos sem residência própria nem menores. Das tragédias pessoais e familiares temos memória na comunidade e, por exemplo, nos contos de Manuel Cunha (2007: 25, 159).

#### **4.6. Outros ofícios**

Não foram muitos os que, na freguesia de Sebolido, tiveram outro modo de vida que não o trabalho da terra ou do rio e o aproveitamento do monte, se excetuarmos aqueles que, no século XX, se dirigiram à mina. Mas mesmo para quem escolheu um ofício, nenhuma destas atividades primárias era estranha, tinha visto e participado na sua realização desde a infância e podemos dizer que toda a gente desejava ter uma parcela de terra, ao menos para uma horta, e muitos arranjavam tempo para ir à pesca, isolados ou acompanhando pescadores, sobretudo na safra da lampreia e do sável, sempre era alimento que levavam para refeições melhoradas em casa, para pagar favores ou para ter umas moedas se os vendessem.

Em 1831, havia um profissional alfaiate (Rio Mau), carpinteiro (Sebolido), ferreiro (Abitureiras), moleiro, sapateiro (Rio Mau) e vendeiro (Rio Mau), apenas os pedreiros eram seis, três de fora e outros três de lugar de Sebolido, entre estes um pai e seu filho. O moleiro é um exposto do Porto, a residir numa casa de lavoura de Rio Mau. Quase quarenta anos depois, há um alfaiate (Rio Mau), três carpinteiros (Abitureira, Cancelos e Rio Mau), um carvoeiro (Sebolido) um marchante (Sebolido) e quatro moleiros (1 de Sebolido, 3 de Rio Mau).

Durante o Estado Novo, muitas destes ofícios, que prestam serviços essenciais à comunidade, vão manter-se, aumentando ligeiramente os efetivos, como no caso dos sapateiros, já que a sociedade foi desvalorizando as pessoas que andavam descalças, a escola exigia calçado e as autoridades foram-no impondo (Soeiro, 2003-2004). Destaca-se o grande crescimento de carpinteiros e serralheiros, possivelmente relacionado com o trabalho nas minas do Pejão, mas também, no caso dos segundos, com a modernização das antigas forjas, processo conhecido em todo o município. Em Rio Mau, lugar de origem de um ferreiro que obteve carta de ofício em 1829, o último profissional foi Albano Teixeira, que também passou pelas minas do Pejão (Soeiro, 2014-2015: 84-85; Cunha, 2007: 123 segs.). Os moleiros da Estivada e do rio Mau eram figuras *típicas*, viviam em sítios ermos e de natureza difícil, mas apareciam nos lugares centrais com os seus animais carregados, a garantir a feitura do pão (Cunha, 2006 e segs: 173; 2007: 151 segs).

Por meados do século XX, começa a ser significativo o número daqueles que conseguiram outros empregos, seja nas forças militares ou de segurança ou como funcionários públicos, empregados de escritório, motoristas de transportes públicos, etc., bem como os que trocavam a residência na sua terra pelo trabalho e vida na cidade, até para melhorar as possibilidades de educar os filhos. Esta lista de modos de vida, sempre incompleta, não pode esquecer os que saíram para o Brasil em busca da fortuna, porque só os bem-sucedidos se quis guardar memória (Cunha, 2011: 67 e segs, 81 e segs).

## 5. Arquitetura Vernacular da Habitação

A Arquitetura vernacular, que iremos abordar, representa a fixação do lavrador junto do local onde lavra a terra; estas casas eram constituídas como organismos unifamiliares e autossuficientes.

Contrariamente ao verificado em outras freguesias do concelho e região, o povoamento de Sebolido não seguia um modelo disseminado, talvez pela dificuldade em formar explorações agrícolas nos terrenos pouco férteis da serra, embora as casas correspondam à tipologia das casas pátio, em que todos os elementos do conjunto edificado, como as lojas, o aido, as cortes, entre outros, se dispõem em redor de pátios, fechando um espaço central, autêntica sala ao ar livre, a partir do qual se tem acesso a qualquer zona da casa e onde decorrem muitos trabalhos e se arrecadam bens. Próximo podia ficar o poço e tanque de água, e a eira, com a casa da eira e o espigueiro. As plantas destas casas da lavoura são semelhantes na sua disposição, bem como no aspeto exterior, sempre com o portão de entrada acedendo ao pátio, uma vez que a habitação não apresenta, habitualmente, porta para a rua. A dimensão e qualidade dos elementos construtivos varia de acordo com a riqueza do lavrador, que vai ampliando as instalações de acordo com a capacidade económica e as necessidades da família (AAVV, 1980:41)<sup>3</sup>, como um prolongamento direto da vida no agro (Anexo IV, fig.1).

Assim, o povoado implantou-se entre a vertente agreste da serra e o leito de cheia do rio Douro, aproveitando as terras mais aplanadas, bem servidas de águas de rega, e as possibilidades oferecidas pelo rio, de pesca e de comércio. Como dissemos, as casas organizam-se, principalmente, ao longo do caminho central que leva à igreja, virando para ele os portões que dão acesso ao pátio, com largura para passar um carro de bois carregado (Anexo IV, fig.3). Termina na igreja, que tem atrás o cemitério, completando o ciclo da vida e morte do lavrador. Deste modo, a freguesia/paróquia é a entidade administrativa,

---

<sup>3</sup> É importante referir que os criados da lavoura desempenhavam diversos papéis, podendo hierarquizá-los em duas categorias que resultam do modo como são contratados, os concertados e os de jorna. (AAVV, 1980:468-470) Os concertados são contratados ano a ano e podem viver dentro ou em anexos da casa, enquanto que os jornaleiros trabalham pontualmente e ganham ao dia, a seco ou com alimentação, exercendo qualquer tipo de atividade.

religiosa e social que congrega a população. No caso de Sebolido, foi desanexada da freguesia e paróquia de Canelas no início do século XIX.



**Fig 21.** Vista aérea do Lugar (Sebolido) (Fot. Francisco Queiroga, 2024)



**Fig. 22.** Vista aérea de Canelos (Sebolido) (Fot. Francisco Queiroga, 2024)

É notório que também existem construções que são «fruto da passageira influência negativa dum progresso mal assimilado, ou de extrema penúria de meios e cultura de populações mais sacrificadas..., quase na sua forma original, certas casas de lavoura»

(AAVV, 1980:38). Nas últimas décadas, tanto a implantação como a arquitetura do edificado para habitação, comércio e indústria está a alterar profundamente a malha anterior e as características das construções.

### **5.1. Casa Pátio**

Numa primeira exploração de campo no lugar de Sebolido, tornou-se notória a presença da tipologia das casas pátio, onde todos os edifícios que as constituem se dispõem de maneira a formar um pátio interior, onde se acumulam os produtos, incluindo, no passado recente, o mato a secar para fazer a cama do gado e a grande massa de estrume assim produzido, necessária para a agricultura. A casa de habitação, cozinha, lojas, celeiros, currais, eira, lagar, entre outros módulos, dão para esse pátio interior (Oliveira, 1992:190-191). Ernesto Veiga de Oliveira (1992) elucida-nos sobre a necessidade de por vezes os lavradores aumentarem estes espaços para as traseiras dos pátios, devido à área insuficiente, e de lhe juntarem uma horta, objeto de cuidados e de recolha de alimentos diária, estando esta situação presente nas casas dos grandes lavradores.

Enlaçando com a tipologia da serra, esta é marcada pela presença de vários materiais rochosos, predominando os xistos, diversidade na matéria-prima usada na construção, com reflexo na imagem das casas vernaculares, bem inseridas na paisagem física e económica (Oliveira, 1992:103). Muitas casas da lavoura ostentam construção de xisto a nu; as paredes são de lascas de xisto, com uns 60 a 65 cm de espessura, tendo-se escolhido, para os cunhais, pedras maiores e outras mais duras, não se empregando qualquer tipo de argamassa (Oliveira, 1992:109) (Anexo IV, fig.4). Além dos xistos, a lousa é outro material que caracteriza estas construções, ficando à vista nos beirais das coberturas, marcados pelo aspeto irregular das placas, de tamanhos e formas diferentes (AAVV, 1980:133), o que origina não só o seu carácter, como a maneira peculiar como são usados.

A multiplicidade dos xistos, com arestas cortantes e tonalidades variadas, é ainda perceptível nos muros de delimitação de quintais e nos que acompanham as curvas dos caminhos, e ainda nos muros de armação do terreno, menos cuidados, para sustentar as plataformas em socalco (Anexo IV, fig. 5).

Relativamente às ombreiras, aproveitavam-se as lajes de xisto duro, de que afeiçoam grosseiramente os tranqueiros, cavando-lhes um leve rebaixe para batente da porta. As janelas são pequenas, com os lintéis de pedra dura (xisto, lousa), ou eventualmente madeira, materiais que são bons isolantes. Sendo visível que as janelas na casa dos Moreirinha já tinham vidro, em outras o mesmo não acontece (Oliveira, 1992:108). As cozinhas são localizadas no rés do chão e, numa primeira fase, não tinham chaminé, sendo-lhe posteriormente adicionada; o seu forno, quase sempre colocado num canto, pode ficar sob a saia desta. Destina-se o sobrado a zona dos quartos e sala, e o seu acesso é feito pelo exterior, através das escadas de xisto voltadas para o pátio, cobertas pelo prolongamento da aba do telhado. A varanda não tem lugar definido, habitualmente circunda a zona do pátio e é coberta pelo telhado, quando é comprida.

Por norma coloca-se o frechal<sup>4</sup> pousado em prumos que se erguem do peitoral do corpo da casa (Oliveira, 1992:109 e 143), que são geralmente barrotes de madeira (Anexo IV, fig. 6).

O vão do telhado das cortes, e mesmo do beiral, é utilizado para arrecadação de palha, entre outras funções, designando-se por *barra* no Douro e Minho. A eira fica sempre mais distante da casa, tal como a horta, circunscrevendo também o pátio. “Embora seja natural que alguns destes conjuntos tenham sido construídos numa só vez, a impressão que causam é que os elementos que os constituem foram erigidos sucessivamente... os edifícios funcionam ... como partes integradas num todo preconcebido” (Oliveira, 1992:109).

Algumas casas pátio apresentam na sua fachada a data da sua construção; exemplo disso temos a cada da Moreirinha, que na sua fachada data -1778 (Anexo IV, fig. 7). A casa dos Carvalhos data na sua fachada 1900, onde é ornamentada com uma cruz cravada na pedra. A parede da entrada é toda revestida de argamassa, vendo-se só no seu interior a técnica de alvenaria de xisto.<sup>5</sup> A casa dos Sá de Baixo data na sua fachada 1828, não tendo nenhum pormenor ornamental na sua fachada.

---

<sup>4</sup> Viga em que se pregam os caibros à beira do telhado.

<sup>5</sup> No inventário presente nos anexos, temos a cobertura fotográfica da fachada da casa dos Carvalhos, que data 1900.

As casas da lavoura mais abastadas demonstram o cuidado da sua aparência exterior, tendo em granito as molduras das janelas e do portal, e as mísulas que ladeiam aquelas, o que enaltece o poder económico desta família e diferencia esta das outras habitações. Nas ombreiras da porta de entrada são visíveis chanfros, executados para facilitar a entrada dos carros de bois, como ilustra a fig. 8, no anexo IV. Na parede desta casa está representado um nicho fig. 9, anexo IV, onde por norma se coloca um santo (que ainda não identificamos), neste caso iluminado por um lampião em ferro. Ao nível do rés do chão, além da entrada, a fachada apresenta apenas com duas frestas que arejariam as cortes e lojas.

A casa está implantada em terreno com forte declive e tem dois pisos, um com acesso direto da rua, outro com escadas a partir do pátio. A ocupação desses dois pisos é claramente diferenciada, com o rés do chão para animais, lojas e lagar, e o piso superior com a zona da habitação e a sala onde se guardava o milho.

A cozinha seria de dimensões sensivelmente iguais às da sala, sendo, porém, de difícil descrição em virtude de ter sofrido grandes alterações, pois o local foi recentemente reconvertido em restaurante. A sala é quadrada, com duas janelas voltadas para o exterior, visíveis na fachada da casa, e a porta virada para a varanda.

A colocação da escada de acesso ao andar superior, ou, mais concretamente, à varanda, varia conforme a planta da casa e o declive do terreno, neste caso de estudo, as escadas estão encostadas à parede e a varanda dá acesso às portas da cozinha, da sala, e dos quartos. A parede interior da varanda, a todo o seu comprimento, é sempre de pedra.

A varanda circundava toda a zona do pátio, apoiada no corpo da parede e maciço das escadas, sendo antigamente construída de madeira, em parte sobre pontas salientes dos barrotes do soalho (Anexo IV, fig. 10). Ressalvo, que as paredes tinham uma elevada espessura, sendo constituídas por pequenas lascas de xisto, e apenas os cunhais revelam pedras maiores e mais rijas. As padieiras são de xisto, de modo a encher toda a espessura da parede (Anexo IV, fig. 11).

O acesso ao sobrado é feito por escadas, com degraus de xisto, que terminam nas varandas, anteriormente de madeira, cobertas pelo prolongamento das abas do telhado e apoiadas

em prumos de pedra. (Anexo IV, fig. 11) Por baixo deste sobrado ficam todos os anexos descritos nos capítulos anteriores, sendo que ao lado da casa fica a horta, como uma extensão do pátio, onde se localiza o poço.

Como é visível nas fig. 12 e 13, anexo IV, o lagar e o poço eram feitos de granito, com a pedra perfeitamente aparelhada, tal como a das molduras e elementos decorativos em granito da fachada. As paredes interiores são construídas em xisto, com a pedra bem aparelhada, onde é perceptível as lajes de xisto duro e as ardósias, tal como nas escadas e no pavimento (Anexo IV, fig. 12).

De acordo com a descrição de Ernesto Veiga de Oliveira acima mencionada, saliento a tipologia do pátio fechado, ou seja, o pátio tornou-se numa vantagem nítida na casa da Moreirinha, como retiro do gado e espaço dos animais de capoeira, também para acumulação de outros bens, pela vigilância direta dos proprietários da casa da lavoura. Forma um espaço fechado ao exterior (Oliveira, 1992:103), a entrada da casa faz-se por um corredor cujo chão apresenta lajes de xisto, que irá de encontro ao pátio, limitado pelos edifícios ao seu redor, sendo a parte superior destinada à zona de conforto (cozinha, quartos e sala), de pouco comprimento.

As espessas paredes são feitas de lascas de xisto e somente os cunhais têm pedras maiores, por norma, mais rijas. No caso das paredes dos antigos módulos interiores, estas ficavam com a pedra à vista, ou seja, sem qualquer tipo de revestimento, como é possível verificar na figura 18, anexo IV. Nas padieiras e ombreiras aproveitam-se as lajes de xisto, nas quais se afeiçoam os tranqueiros, cavando-lhes um leve rebaixo para a porta. As padieiras da porta da entrada são feitas de pedra de grão de granito (Anexo IV, fig. 10), porém as portas de divisão das lojas, situadas no pátio (Anexo IV, fig. 13), são em lousa, devido a não aguentarem tanto peso e, sobretudo, a um menor valor de ostentação.

## **5.2. Complexos Adjacentes e Anexos**

No entorno do núcleo central da casa da lavoura, muitas vezes ligado ao quintal através da porta dos fundos, ou, na dentro do pátio alocado em lojas, encontramos uma variedade de recursos adjacentes. Entre eles, destaca-se o acesso à água, para consumo e estruturas

relacionadas à atividade agrícola (Soeiro, 2013: 45), como o complexo da eira e a sua respetiva casa, que nem sempre estão completos, pois alguns equipamentos têm usos multifuncionais.

Nesse espaço adjacente, também é comum encontrar árvores frutíferas para consumo familiar, além de pequenas áreas de cultivo para vegetais diversos. Essa área é cuidada e protegida (Soeiro, 2013: 45), proporcionando um ambiente propício para o cultivo e a manutenção de recursos agrícolas.

### **5.2.1. Aparelhos de elevar a água**

As casas de lavoura eram providas de uma fonte de água que fluía para um tanque, ou poço, permitindo o fácil acesso através de um sistema simples com um balde suspenso por corda, operado por um sarilho. Este mecanismo era instalado sobre a abertura do poço e protegido por um abrigo para garantir a sua conservação. Os mecanismos utilizados para levantar a água consistiam em uma roldana com forma de cilindro, em madeira, apoiado por dois pilares laterais que se acionavam por um espigão que se transformava em manivela, operando-se manualmente numa das extremidades. Continha também uma roda de madeira próxima à outra extremidade que ajudava a reduzir o esforço necessário para o levantamento da corda a elevar o balde, o qual era frequentemente feito de aduelas de madeira (Soeiro, 2013: 45/46).

Além disso, a água era obtida também em bicas (Soeiro, 2013: 46) abastecidas por água proveniente de minas públicas, um trabalho desempenhado por mulheres ou crianças após o horário escolar, carregando pesados cântaros de madeira. Quando a água era escassa, era comum recorrer a um veio d'água, utilizando um carro de bois para encher um recipiente e distribuir na pia para o gado ou para irrigar a horta.

A comunidade possuía um tanque público multifuncional, com bica para consumo humano, bebedouro animal e lavadouro de roupa. A freguesia contava com dois tanques públicos e dois lavadouros (Soeiro, 2013: 46) localizados no centro do Lugar e Cancelos.

### **5.2.2. Lojas, Cortes, Celeiros, Palheiros e Currais**

No piso térreo da casa da lavoura ou nas suas proximidades, eram construídas lojas que abrigavam currais para animais. Em algumas situações, esses currais estavam integrados nas habitações, enquanto em outras ocasiões estavam conectados a um pátio, permitindo que animais como ovelhas, cabras, porcos, galinhas e coelhos (Conde & Vieira, 2011: 32 e 33) circulassem livremente.

Nos domínios dos Senhorios mais prósperos, havia também currais destinados aos bois, frequentemente acompanhados por um alpendre externo para acomodar as ferramentas agrícolas necessárias. Os currais e cortes (usados para armazenar feno e palha) eram características comuns dessas propriedades (Conde & Vieira, 2011: 36 e 37), devido à relevância da criação de animais na economia local.

Além dos currais, existiam estruturas como os palheiros, destinados ao armazenamento do feno e da palha necessários para a manutenção dos animais. Outras instalações mencionadas incluíam os cortelhos, espaços menores destinados a porcos ou animais jovens, e as curraladas, áreas maiores cercadas destinadas ao gado bovino.

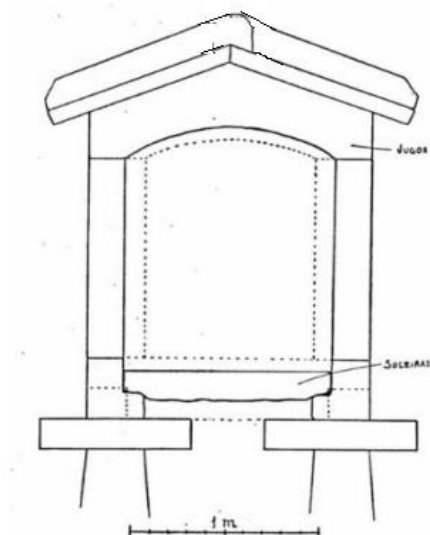
Para complementar, havia também a eira, um espaço aberto de dimensões variáveis (Conde & Vieira, 2011: 38) utilizado principalmente para debulhar os cereais.

### **5.2.3. Espigueiros**

*“Os espigueiros, assim denominados segundo a função que desempenham de instalações destinadas à recolha e armazenagem de espigas e concebidos em vista a preservá-las contra a humidade do ar e do solo e contra as deprações dos roedores (e também das aves), são construções compostas essencialmente de uma câmara estreita e arejada onde se guardam as espigas – o corpo–, com paredes de fendas, por onde circula o ar, erguida sobre uma base de pés ou muros – o assento que o isola do solo e impede o acesso dos ratos.”*

*DIA, Jorge & OLIVEIRA, Ernesto Veiga de & GALHANO, Fernando, 1961:37*

Em Sebolido encontramos somente um espigueiro (Anexo IV, fig. 19), no qual as padieiras são feitas em madeira e a cápea de chapa. As traves também são de madeira, à exceção dos pés, que são feitos de granito.



**Figura 23.** Esboço do Espigueiro presente em Sebolido

#### **5.2.4. Lagar do Vinho**

O lagar de vinho era construído aproveitando uma, ou duas, das paredes do espaço onde se localizava, muitas vezes em cortes do pátio da casa da lavoura, sendo construído com grandes blocos de granito, aparelhados para formar o piso e as tampas. Uma dessas tampas tinha um buraco na parte inferior para permitir que o vinho escoasse para a área de coleta, de onde seria transferido para outro recipiente. Esta área de coleta era esculpida em um único bloco de pedra, podendo ter a forma retangular ou redonda, caso fossem feitas em um de bloco de granito esférico. Após o vinho ser escoado, a "canga", o resíduo sólido da prensagem (Soeiro, 2013: 50/51) era empilhada para ser prensada.

O processo de prensagem utilizava um sistema de prensa de feixe e parafuso. A prensa consistia num braço robusto chamado feixe, feito de madeira resistente como sobreiro, colocado sobre a linha média do lagar, com uma das extremidades encaixada na parede, girando em torno de um eixo de madeira que passava por duas argolas fixadas na parede. No outro lado, o feixe tinha dois furos por onde passava um parafuso de madeira,

conectado a um peso cónico de granito por meio de um sistema de encaixe. Esse peso era perfurado no centro para permitir a passagem de um veio de ferro (Soeiro 2013: 51), ao qual ficava preso por uma chaveta.

Durante o processo de prensagem (Soeiro, 2013: 51), o peso ficava no chão enquanto o braço da prensa era apoiado em um bloco de madeira. Para iniciar a prensagem, o peso era ligado ao parafuso, que estava bem untado, e as partes de encaixe eram apertadas para permitir o movimento rotativo. O bagaço era então colocado sob o braço da prensa e coberto com um tampo de tábuas. Em seguida, o parafuso era girado manualmente, empurrando o peso para baixo por meio de uma vara que passava pelo seu centro. À medida que a pressão aumentava, o peso suspenso era elevado até atingir o ponto de resistência máximo, momento em que o parafuso era girado para aliviar a pressão e permitir que o peso voltasse ao chão. Esse processo era repetido até que o vinho estivesse devidamente prensado.

#### **5.2.5. Lagar do Azeite**

Os lagares de azeite ocupavam um espaço próprio na divisão da casa rural, construídos com paredes de pedra. Esses lagares eram compostos principalmente por dois equipamentos: um para macerar a azeitona e liberar o líquido, e outro para prensar a pasta resultante e separar o azeite (Soeiro, 1996/1997: 227). Alguns tinham tulhas para o armazenamento da azeitona enquanto se aguardava o processamento.

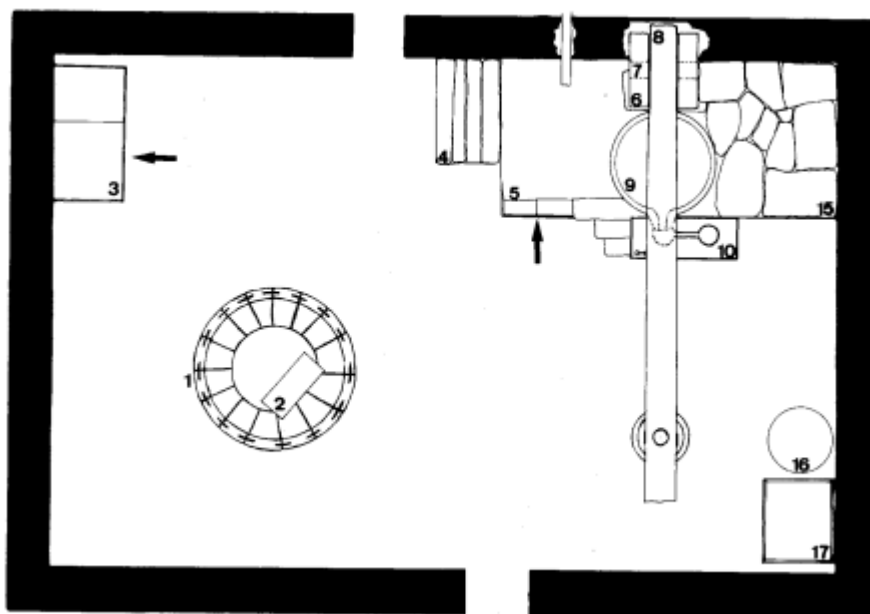
No processo de maceração, era utilizado um recipiente chamado pio, feito de pedra em formato troncocónico com uma base circular e um vazamento central. As suas paredes inclinadas eram formadas por pedras ou tábuas, todas niveladas à mesma altura e apoiadas em um rebordo. O pio era parcialmente enterrado e sustentado por cunhas de pedra para manter a sua coesão. No centro do pio, ficava a árvore, uma haste vertical apoiada numa bucha na base do pio, utilizada para movimentar a galga. Existia uma mó granítica que esmagava a azeitona. No extremo oposto, após passar sobre o pio, o sistema terminava em uma argola à qual se conectava o cambão, que por sua vez era atado ao jugo dos bois. Cada moagem levava cinco gigos de azeitona, no máximo sete, que eram triturados durante

cerca de uma hora. Durante esse processo (Soeiro, 1996/1997: 227 e 229), uma junta de bois puxava a manjarra enquanto um homem as picava, além de empurrar e mexer a massa de azeitona para evitar que ela se acumulasse nas paredes do pio, evitando obstruir o movimento da mó.

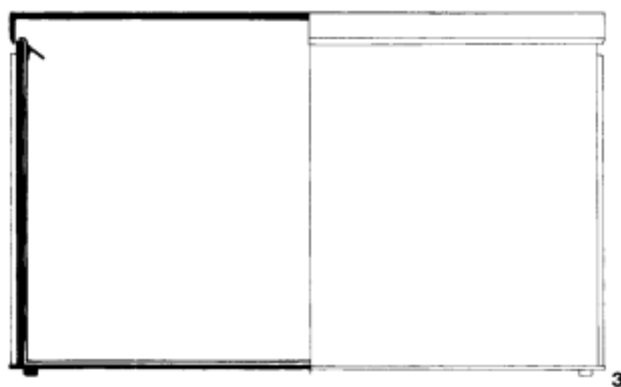
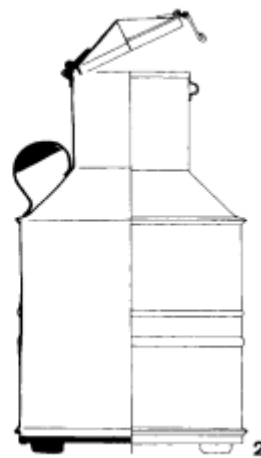
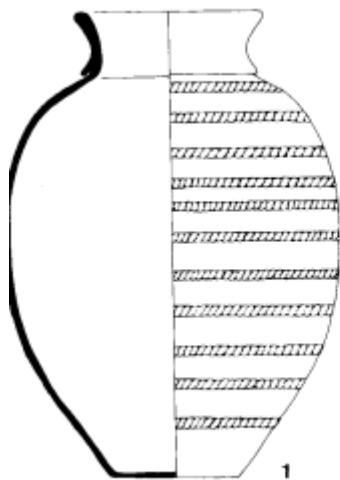
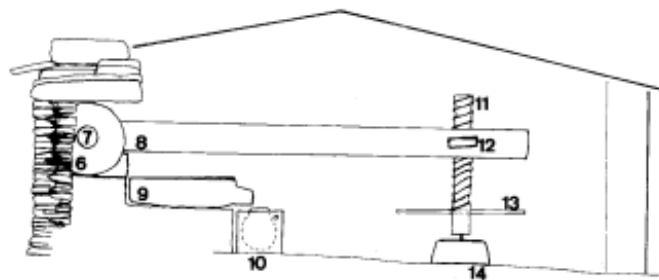
No setor de prensagem, as seiras circulares com quatro asas eram utilizadas para preparar a azeitona moída antes de ser prensada para extrair o azeite. Esse processo era similar ao descrito para a produção de vinho, com a prensa funcionando de forma análoga. O azeite resultante era armazenado em potes (Soeiro, 1996/1997: 230).

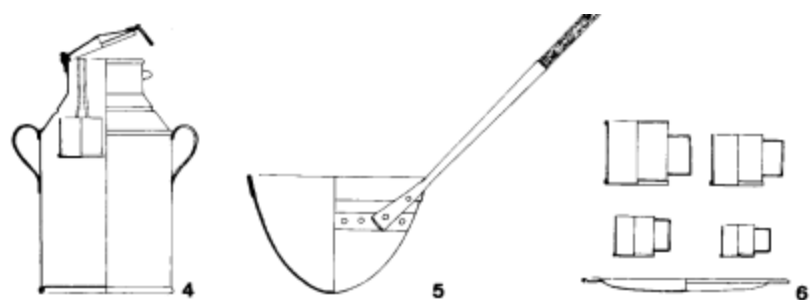
Freguesia	Proprietário	1945	1946	1947	1948	1949	1950	1951
Sebolido	José Pereira da Rocha	x	x	x	x	x	x	x
	Jerónimo da Silva Martins	x	x	x	x	x	x	x
	Luísa Alves Ferreira da Rocha	x	x	x	x	x	x	x
	Manuel Lopes Gonçalves Amorim	x	x	x	x	x		

**Tabela 10.** Fabricantes de Azeite na freguesia de Sebolido

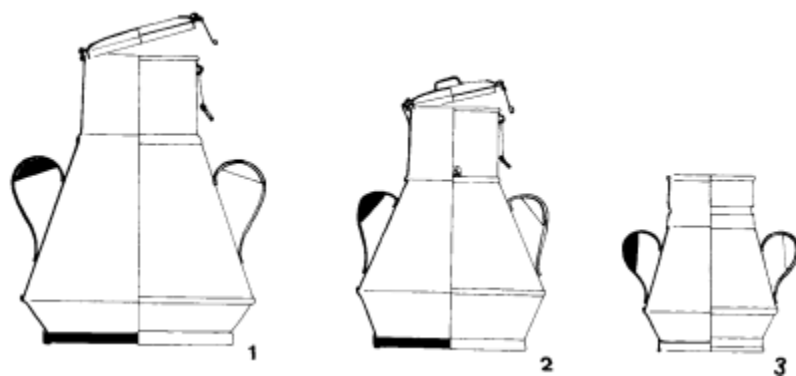


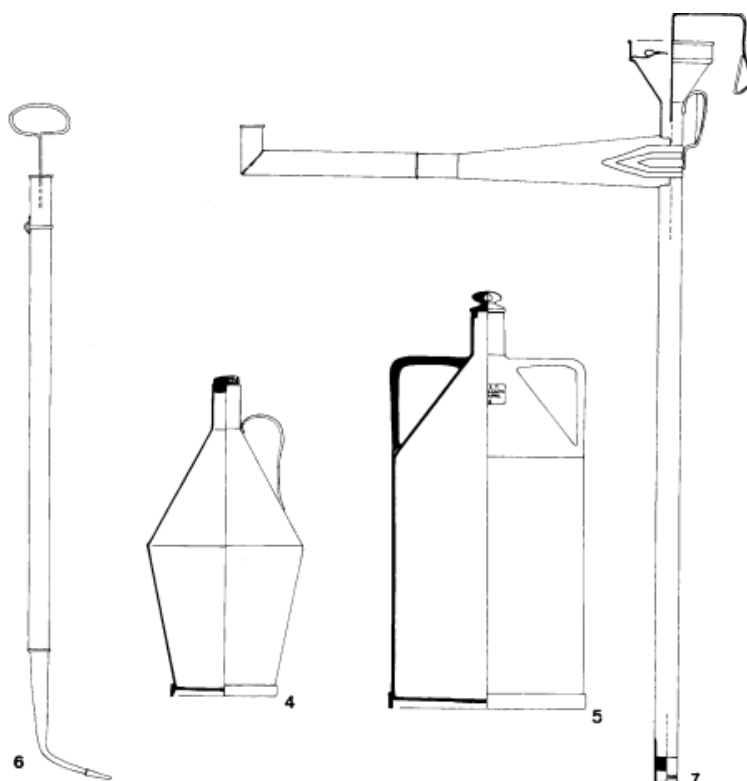
- |              |             |              |
|--------------|-------------|--------------|
| 1. pio       | 7. ratoeiro | 13. tranca   |
| 2. mó        | 8. feixe    | 14. peso     |
| 3. alambique | 9. sertã    | 15. praça    |
| 4. tarimba   | 10. potes   | 16. prensa   |
| 5. caldeira  | 11. fuso    | 17. depósito |
| 6. virgens   | 12. concha  | de bagulho   |





1. Talha de guardar o azeite; 2. Lata para guardar e transportar o azeite; 3. Caixa de madeira, forrada internamente a folha, para guardar azeite; 4. Lata e colher de azeite para consumo diário; 5. Tacho utilizado no lagar; 6. Medidas normalizadas de litro, quartilho, meio quartilho e quarto, com prato para os escorridos (Esc. aprox. 1:10).





1. Almude; 2. Canada; 3. 5 litros; 4. Bilha das cangalhas; 5. Bilha grande da carroça; 6. Bomba para retirar as borras; 7. Bomba de trasfegar o azeite (Esc. aprox. 1:10).

**Figura 24** Lagar de Azeite da Casa dos Sá, situado na região de Sebolido, data 1864 e os respetivos utensílios utilizados

### 5.3. Casa Térrea

A casa térrea construída em xisto apresenta características distintivas que a definem como uma estrutura peculiar. A construção em xisto é geralmente feita com alvenaria de pequenas lajes tabulares sobrepostas, resultando em uma estrutura frágil que carece de pedras-mestras sólidas. Devido à fragilidade do xisto, as padieiras de portas e janelas são constituídas por grossas tábuas, ou barrotes de madeira, proporcionando maior segurança estrutural à construção (Oliveira e Galhano, 1994:32 e 33). Para aliviar o peso das paredes sobre as padieiras encontra-se duas placas oblíquas, formando um ângulo sobre elas.

Por toda a área envolvente de Sebolido a lousa é amplamente utilizada como cobertura de telhados (Oliveira e Galhano, 1994:33), utilizando placas pequenas que são sobrepostas entre si em forma de escama.

A sala é uma dependência de natureza cerimonial e caráter luxuoso, não sendo frequentemente usada para atividades quotidianas, mas antes destinada a arrumos de roupas ou objetos domésticos, refletindo assim a sua natureza específica. Isso ressalta a importância do elemento simbólico e cultural na estrutura da casa popular (Oliveira e Galhano, 1994:40 e 41), mesmo em espaços exíguos onde o espaço disponível é imobilizado por essa dependência sem função utilitária direta para a economia doméstica diária.

Por outro lado, os quartos não possuem características especiais (Oliveira e Galhano, 1994:42), sendo os tetos forrados a madeira, apresentando a forma de alcovas que se abrem para a sala.

A cozinha, como o compartimento essencial da casa, é o centro das atividades familiares, sendo o local onde se cozinha, come e reúne as pessoas após o trabalho, especialmente no inverno. A lareira, símbolo central da cozinha, é feita de lajes de pedra ou blocos esquadrejados, localizando-se no meio ou próximo a uma parede da cozinha.

A presença do forno do pão dentro da cozinha é comum, estando situado ao lado da lareira, com a sua boca voltada para o fogo, e algumas vezes embutido nas paredes. Em muitos casos, não há chaminé na cozinha, e o fumo escapa pelas fendas do telhado ou pelas portas abertas, refletindo a falta de preocupação estética ou decorativa nesses espaços que geralmente são negros de fuligem e pouco iluminados devido à escassez de aberturas. Essas características são influenciadas pela natureza do trabalho agrícola da região (Oliveira e Galhano, 1994:43), que demanda trabalho constante no campo e uma economia doméstica voltada para a funcionalidade e praticidade.

Algumas casas da lavoura presentes, possuíam armações de camaretas, ocupando de um lado ao outro a parede lateral da sala ou cozinha (Oliveira e Galhano, 1994:242), onde colocavam e arranjavam as redes de pesca, firmando-se num barroto horizontal, com as extremidades fixas à parede do topo da cozinha à rua.

#### 5.4. Materiais e Técnicas de Construção

No seguimento desta pesquisa, confirmamos que em Sebolido o material pétreo dominante são os xistos, utilizados na construção das casas da lavoura, a par de outras rochas de diferente resistência à degradação, algumas talvez blocos de quartzito e de grauvaque (Anexo IV, fig. 14 e 15). A lousa é empregue nos beirais, mas também como moldura e avental das janelas, no chão das eiras, a capear os degraus das escadas e, no interior, para formar as copeiras ou mesmo sustentar o forno (Anexo IV, fig. 16 e 17).

Existem vários tipos de alvenaria nestas edificações, como as de pedra aparelhada e ordinária, utilizadas ou não em construção de pedra seca. Em geral, as alvenarias de aparelho rústico marcam o assentamento das pedras facetadas, à face do paramento, feito por norma com argamassa (Costa, 2020:3), constituindo o maciço da parede das casas e muros.

Segundo Gabriela Teixeira e Margarida Belém (1998), uma das técnicas mais empregues com os materiais xistosos é a alvenaria da pedra aparelhada<sup>6</sup>. As pedras aplicadas nesta técnica são normalmente irregulares e assentes com argamassa, existindo, porém, casos que não levam qualquer tipo de cimentação ou revestimento. Esta construção inicia-se com a seleção das pedras de maior dureza, para formar os paramentos, que se aparelham numa das faces.

Ressalvo que as arestas podem ser afeiçãoadas, não para lhes dar uma forma regular, mas sim para lhes retirar algumas asperezas e relevos maiores (Teixeira; Belém, 1998:74-75), de maneira que a pedra assente no paramento visível.

O canteiro, de seguida, faz a abertura dos caboucos e enche-os com alvenaria até atingir o nível do terreno, posteriormente, fixa o elegimento e marca os vãos das portas e janelas, após o que eleva a parede. Em Sebolido, vemos paredes de casa assentarem diretamente sobre afloramentos da própria rocha de base, neste caso o xisto. As pedras são desbastadas para as dotar de forma adequada, seguidamente molham-se para as limpar, experimenta-se assentá-las numa certa posição e sobre elas coloca-se argamassa, dando assim

---

<sup>6</sup> Este tipo de alvenaria é bastante empregue nas construções rurais e muros de vedações.

continuidade, formando fiadas. Caso a pedra de formação seja lamelar, esta técnica deve ser executada por fiadas horizontais, contínuas ou não, procurando sempre repetir na parede esta formação, devendo apenas corrigir-se as irregularidades das faces paralelas e aparelhar-se o canto escolhido à vista (Teixeira; Belém, 1998:74-75). Os topos são somente regularizados para facilitar o encontro das pedras adjacentes sem necessidade de recorrer a enchimentos.

No caso de a rocha ser compacta, a pedra é extraída em blocos irregulares e, sendo assim, deve-se então usar o mais possível as formas originais da mesma, selecionando as pedras maiores e simultaneamente as mais resistentes para os paramentos da parede, e junto dos cunhais colocam-se pedras de cauda comprida para auxiliar o travamento (Teixeira; Belém, 1998:75). Nos espaços vazios, por norma ou colam-se pedras miúdas ou argamassa. (Anexo IV, fig. 18)

Outra técnica empregue é a alvenaria ordinária, constituída por pedras irregulares assentes em argamassa, sendo o modo de execução mais descuidado e rápido. As pedras devem ser assentes pela parte mais lisa, para não oscilarem nem deixar espaços vazios; devido à irregularidade das pedras é necessário encascar<sup>7</sup> a parede.

Este processo inicia-se igualmente com a abertura dos caboucos, e a fixação do elegimento. De seguida eleva-se a parede e dispõem-se as pedras maiores em baixo, colocando de seguida pedras com a cauda perpendicular às faces, que funcionam como travadouros (Teixeira; Belém, 1998:76). As pedras grandes devem ficar equilibradas sem auxílio de calços, e as pequenas preenchem apenas os vazios. Os pedreiros habitualmente dispõem de fasquias verticais, que marcam o destorcimento da parede, na qual pregam uma cruzeta, que marca a espessura do muro (Teixeira; Belém, 1998:76-77). Ao longo da parede são estendidos cordéis para delimitar a sua espessura. Ao realizar uma parede convém deixar sempre a “cabeça da pedra face ao paramento da parede” (Teixeira; Belém, 1998:76).

Por fim, temos a construção de alvenaria da pedra seca, que dispensa o uso de argamassa, tendo-se desenvolvido nas zonas em que a cal era escassa. Nesta técnica a seleção da pedra

---

<sup>7</sup> Encascar- Introduzir pedras pequenas, cunhas ou calços, nos interstícios das grandes para as imobilizar.

é crucial, optando por pedras mais resistentes aos esforços mecânicos, mas também se tem em conta as dimensões e formas (Teixeira; Belém, 1998:78), que permitem a utilização de pedras existentes no terreno na construção.

O canteiro ou o pedreiro iniciam esta alvenaria com a abertura de roços no pavimento para efetuar o embasamento das paredes. Com a ajuda do fio de prumo, do esquadro e de uma régua de nível, ergue o muro, tendo cuidado em garantir o travamento e a posição firme de cada pedra, não podendo deixar espaço vazia entre elas. Os escassilhos e as pequenas pedras devem ser bem apertados para não fugirem ou serem esmagadas pelas pedras superiores, dando-se o nome de rachear a esta técnica de encaixe.

O processo é feito à fiada, ou seja, em cada nível de fiada deve-se garantir ao mesmo tempo a fixação de cada pedra e o travamento da mesma; mas, para além de se fixar a pedra, é necessário manter certas irregularidades das mesmas, para endentarem na fiada inferior, e para evitar o alisamento do topo, que dificultaria a fixação da superior. Cada fiada deve tapar as juntas verticais existentes na fiada subjacente, garantindo o travamento vertical da parede (Teixeira; Belém, 1998:78).

Aquando da abertura das portas e janelas, o canteiro tem de ter cuidado com os lintéis (em madeira, xistos duros ou em cantaria de granito); também, por norma, deixam golas em ambos os lados do local onde vão ser colocada as vigas (Teixeira; Belém, 1998:78 e 80).

Em última análise, antes de todas estas técnicas empregues nas construções das casas, é necessário extrair o material pétreo, o xisto. O xisto pertence às rochas mais duras, o que torna o seu cinzelamento mais árduo, apresentando uma maior resistência (Marques; Catarino; Sebastian, 2010:114). Assim sendo, o canteiro encarava o seu trabalho segundo a disponibilidade da pedra e o tamanho obtido; e avaliava o seu potencial segundo as características, como a resistência e dureza, entre outras.

A ferramentas usadas no talhe da pedra podem ser de percussão e de abrasão. As de percussão incluem martelos, maços, macetas, cinzéis, ponteiros, picaretas, cunhas, e as de abrasão são a serra, lima, grossa, raspadores, entre outras (Marques; Catarino; Sebastian, 2010:116). A picareta é usada para abrir os sulcos e cavidades em pedras duras, destinadas a receber as cunhas, e para esquadriar os blocos após a sua extração; porém também são

empregues para desbastar as pedras, proporcionando uma superfície estriada. A picareta, ou o pico, são normalmente usados para o desbaste e os pequenos acabamentos. Os martelos serviam para bater as cunhas, sendo estas ferramentas usadas para alcançar uma maior precisão no ataque à pedra. As cunhas eram introduzidas em rasgos ou fendas na superfície da pedra e posteriormente batidas com um percutor. A sua ponta afiada, em V, desagregava a massa rochosa, permitindo fraturar grandes blocos de pedra (Marques; Catarino; Sebastian, 2010:117). Esta será uma das técnicas mais antigas para a extração dos blocos pétreos, ainda usada nos dias de hoje, podendo detetar-se pela observação das marcas deixadas nas arestas das pedras, sejam redondas, retangulares ou quadradas.

A broca desempenha a função de percussão e abrasão, usadas múltiplas vezes em simultâneo com cunhas ou martelos. Por fim, temos o cinzel, que é uma das ferramentas mais utilizadas no trabalho de cantaria (Marques; Catarino; Sebastian, 2010:121), caracterizado por ser pontiagudo, ou o ponteiro, que servia para esquadriar os blocos e executar os acabamentos finais.

Não obstante, nas ferramentas abrasivas englobamos todas as que dão forma e cortam a pedra através do desgaste do material. Estas “ferramentas abrasivas podem ser mais facilmente divididas em ferramentas para o corte, moldagem ou alisamento/polimento” (Marques; Catarino; Sebastian, 2010:122), grupo no qual estão incluídos os raspadores e as limas.

## Considerações Finais

A freguesia de Sebolido situa-se na margem direita do rio Douro, aproximadamente a 25 km da sua foz, no concelho de Penafiel, distrito do Porto. A norte, temos a serra da Boneca (518 m), que isola esta da maioria das freguesias e da sede do município, incentivando uma maior relação com as terras ribeirinhas do Douro e a cidade do Porto. Este rio, após receber o rio Tâmega, atravessa os quartzitos skidavianos, resultando numa dissimetria nas vertentes do vale: a margem direita é abrupta e vertical, caracterizada pelo quartzítico especialmente visível na fraga das Abitureiras e nas Pedras de Linhares; a da margem esquerda mostra-se menos abrupta, talhada de xistos.

Sebolido e Cancelos, são zonas habitacionais de ocupação secular, localizam-se a sul, a menor altitude e em vertente menos declivosa, sendo as ruas estruturantes de acesso ao rio Douro, facilitando o transporte de pessoas e mercadorias que sustentavam importantes atividades piscatórias e de transporte.

Até 1984, a atual área da atual freguesia de Rio Mau, contígua a poente, pertencia à de Sebolido, dificultando a separação da informação entre as duas regiões nas fontes. Já na Idade Média e Moderna, o território de Sebolido fez parte da grande paróquia de Canelas, da então Terra de Penafiel, e anteriormente do Território de Anegia.

Documentos antigos mencionam atividades piscatórias e as doações de terras e pesqueiras ao Mosteiro de Paço de Sousa. O foral manuelino de Penafiel (1519) atribui direitos e deveres aos moradores de Sebolido e Abitureira, destacando-se a obrigatoriedade de os pescadores entregarem parte de suas colheitas ao rei, enfatizando a continuidade da atividade piscatória e sua regulamentação.

Nos registos do século XVIII, ainda não é frequentemente Sebolido ser mencionado de forma autónoma. No entanto, as Memórias Paroquiais de 1758 descrevem esta terra como um dos lugares da freguesia de Canelas, com referências a capelas e atividades agrícolas predominantes. A promoção a sede de paróquia/freguesia autónoma veio em 1805, como se verifica na abertura do livro de registos paroquiais, datada de 12 de julho de 1805.

A formação da freguesia foi consolidada pela reforma administrativa de 1836 e posteriormente confirmada em 1838, abrangendo os lugares de Estivada, Rio Mau, Sebolido, Vila Nova e Abitureiras. No século XIX, a igreja de São Paulo de Sebolido estava

em mau estado, o que levou os moradores a solicitarem o uso da capela de São João Batista de Rio Mau como paroquial. Em 1869, a Câmara Municipal de Penafiel aprovou a mudança temporária, destacando as vantagens económicas e sociais para os moradores.

Ponto de passagem para quem viajava nos barcos para o Alto Douro, Sebolido é descrito por Pinho Leal, no "Portugal Antigo e Moderno" (1880), como uma freguesia fértil e abundante em peixe, destacando a pobreza e simplicidade da igreja matriz. Já Rio Mau, com uma capela renovada em 1860 por um residente enriquecido no Brasil, é classificado como um local bonito, famoso pelas suas pescarias no rio Douro. José Augusto Vieira, em "O Minho Pittoresco" (1887), reitera as observações anteriores e adiciona histórias locais, como a da Quinta do Preto e dos poços no rio da Estivada, refletindo a riqueza cultural.

A evolução demográfica de Sebolido ao longo dos anos foi marcada por eventos e transformações sociais e económicas. A integração do lugar de Rio Mau fez subir abruptamente o número de habitantes da freguesia. Em 1857, a freguesia tinha 161 fogos e 602 residentes, contando já com um cemitério paroquial.

Sebolido, que geralmente representava cerca de 2,5% da população do concelho de Penafiel, teve períodos de crescimento e estagnação, refletindo tendências observadas em outras freguesias. Em torno da crise de 1890, a taxa de crescimento negativa resultou numa vaga de emigração para o Brasil (Soeiro, 2005: 208-209). No século XX, conseguiu resistir a outro ciclo negativo, provavelmente devido à fixação de trabalhadores masculinos nas minas, especialmente na mina do Pejão, em Castelo de Paiva, acessível através do rio.

Nas décadas finais do século XIX, a maioria dos residentes era analfabeta, poucos possuindo instrução básica. Em 1890, apenas cerca de 14% dos residentes sabiam ler, e menos ainda escrever. As famílias mais abastadas enviavam seus filhos para estudar fora, em colégios ou seminários. No início do século XX, mais de 75% da população ainda era analfabeta, com uma taxa maior entre as mulheres. A escolarização aumentou gradualmente, embora de forma lenta, com a obrigatoriedade mínima de frequência escolar melhorando assim a situação ao longo do tempo.

Esta população mostrava uma distribuição desigual, agrupando-se em quatro lugares principais: Sebolido, Cancelos, Rio Mau e Estivada. Cada lugar possuía características distintas e uma especialização económica que refletia as condições geográficas e sociais

locais. Sebolido e CANCELLOS tinham uma orientação voltada para a lavoura e atividades fluviais, respetivamente. Rio Mau, mais populoso e dinâmico, era o centro de atividades ligadas ao rio, como a pesca e o transporte fluvial, e mais tarde, à mineração. Estivada, isolada e agrícola, permaneceu relativamente inalterada ao longo do tempo.

A análise das profissões ao longo dos recenseamentos revelou a prevalência da dualidade entre atividades agrícolas e fluviais. Em Sebolido, a maioria da população estava envolvida na lavoura, com um número significativo de jovens a trabalhar na unidade familiar e criados contratados. Em Rio Mau, predominavam as atividades ligadas ao rio, incluindo marinheiros, barqueiros e pescadores, além dos mineiros nas minas do Pejão, no entanto, houve um aumento no número de lavradores, indicando uma diversificação das atividades económicas.

A atividade pesqueira e o tráfego fluvial foram economicamente significativos, empregando muitos moradores em funções de arrais e marinheiros de rabelos de carga. A circulação de barcos facilitava o acesso ao Porto, permitindo migrações pendulares semanais ou mais espaçadas. Com a construção da moderna estrada marginal na segunda metade do século XX, as deslocações diárias tornaram-se mais frequentes, proporcionando novas oportunidades de emprego.

A pesca no Douro, vital desde a Idade Média, fornecia peixes como sável e lampreia, particularmente valorizados durante a Quaresma. As técnicas de pesca incluíam o uso de grandes redes de arrasto e armadilhas em pesqueiras de pedra. Redes específicas, como a varga e a cabaceira, eram usadas em diferentes estações e condições do rio. A captura era antecedida por atividades de processamento, como a feitura/conserto e encasque de redes com casca de salgueiro. O transporte do pescado para mercados distantes, por exemplo Penafiel, era feito a pé, levando as lampreias em latas com água para as manter vivas, ou em cestas para o sável. Embarcações da família rabela, como o barco de pesca e o valboeiro, eram usadas para estas atividades.

No século XIX, Sebolido e Rio Mau tinham poucos arrais e marinheiros comparados com Entre-os-Rios, um muito antigo e importante porto junto da foz do Tâmega. Mas a construção de novos barcos pela Empresa Carbonífera do Douro, no século XX, para o transporte de carvão até ao Porto e a Vila Nova de Gaia reanimou a atividade fluvial. Este

transporte era essencial para a economia local, envolvendo produtos como madeira e carvão, além de passageiros e encomendas particulares. A construção de novos barcos no Areio das Concas também ofereceu emprego aos habitantes locais, melhorando as condições de transporte no Douro. Já as barcas de passagem operavam em vários pontos ao longo do rio, sendo cruciais para a travessia de pessoas e mercadorias.

Os recenseamentos do Estado Novo mostram como algumas profissões tiveram tendência a extinguir-se, enquanto outras surgiram ou cresceram significativamente. A mineração, especialmente nas minas do Pejão, teve um impacto considerável, aumentando o número de mineiros, capatazes, encarregados e crivadores. Como dissemos, a navegação do Douro para transporte de carvão manteve a relevância das atividades fluviais, empregando arrais e marinheiros. O número de comerciantes, industriais, motoristas e trabalhadores na função pública aumentou, mais um sinal de diversificação económica e de urbanidade. Em contraste, houve um declínio no número de lavradores e jornaleiros na agricultura, muitos dos quais passaram a ser classificados como proprietários devido à aquisição de terras próprias.

Vamos agora tecer algumas considerações acerca da arquitetura vernacular presente em Sebolido, no território da atual freguesia, que revela a antiga ligação íntima entre a vida agrícola e as estruturas habitacionais. É impressionante como estas casas estão rodeadas por pátios centrais, refletindo não apenas a necessidade prática de um espaço de trabalho como a riqueza e as aspirações dos lavradores que as construíram.

A disposição das casas ao longo do caminho central que leva à igreja, mas também aponta para o rio, até porque o templo foi uma antiga ermida sobranceira ao rio e seus viajantes, salienta a importância dada à religião na vida das pessoas e da comunidade, do nascimento à morte.

A utilização de materiais locais, como o xisto e a lousa, não apenas se adequava ao ambiente físico da região, mas também confere uma identidade única às construções, integrando-as harmoniosamente na paisagem. A técnica de construção, sem argamassa nas paredes de xisto, demonstra uma habilidade artesanal e uma compreensão profunda dos recursos disponíveis. A disposição dos espaços internos, com a cozinha no rés-do-chão e os quartos e a sala no sobrado, reflete a divisão funcional das atividades diárias. A

varanda, circundando o pátio, proporcionava um espaço adicional para convívio e trabalho ao ar livre. Detalhes como a data de construção gravada nas fachadas e os ornamentos em granito nas casas mais abastadas revelam o estatuto económico das famílias.

A descrição do pátio fechado como um espaço multifuncional, usado para abrigar animais, armazenar produtos agrícolas e proporcionar um local de convívio seguro, sublinha a importância prática e simbólica desse elemento arquitetónico.

As construções adjacentes e anexos às casas da lavoura desempenhavam um papel crucial na vida quotidiana e nas atividades agrícolas das famílias. A proximidade com o quintal e o pátio facilitava o acesso a recursos essenciais, como água para consumo e para as necessidades agrícolas. A presença de estruturas relacionadas com a atividade agrícola, como o complexo da eira e casa da eira, mostra a integração entre a vida doméstica e as práticas agrícolas. Estes espaços adjacentes muitas vezes incluíam árvores frutíferas e junto deles áreas de horta, contribuindo para a subsistência da família. A atenção e o cuidado dedicados a essas áreas garantiam um ambiente propício a um cultivo muito cuidado em estrumes e regas, quase jardinagem entregue às mulheres para produção de alimentos de consumo quotidiano e criação de animais de capoeira e do porco para a matança, reforçando a autossuficiência das famílias rurais.

## Bibliografia

AAVV (1980) – *Arquitetura popular em Portugal*, 2ª ed., Lisboa, Associação dos Arquitetos Portugueses.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1986) – A paróquia e o seu território, *Cadernos do Noroeste*. Braga, pp. 113-130.

ANILEIRO, Ana Dolores Leal (2020) – O linho no concelho de Penafiel. *Cadernos do Museu*. Penafiel: Museu Municipal, vol. 18.

Comissão Municipal de Defesa da Floresta (2021) – *Plano municipal de defesa da floresta contra incêndios de Penafiel*. Penafiel: Município de Penafiel.

COSTA, F. Pereira da (2020) – *Enciclopédia Prática de Construção, Obras de Alvenaria I*. São Paulo: Editora Técnica.

CRUZ, António (1970) – *Geografia e economia da província do Minho nos fins do século XVIII*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos.

CUNHA, Manuel Araújo da (2006) – *Contos do Douro*. Ermesinde: Edições Ecopy.

CUNHA, Manuel Araújo da (2007) – *Douro inteiro*. Porto: Edições Ecopy.

CUNHA, Manuel Araújo da (2011) – *Palavras – conversas com um rio*. S. Mamede de Infesta: Edium Editores.

FILGUEIRAS, Octávio Lixa (1956) – *Rabões da esquadra negra*. Porto: ECP.

FILGUEIRAS, Octávio Lixa (1970) – No crepúsculo das embarcações regionais. *Actas do XXIX Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Lisboa: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, vol.3, pp. 3-72.

LEAL, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho (1873-1890) – *Portugal antigo e moderno*. Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão (v. 1 Abetureira, 1873, p. 12; v. 8 Rio-Mau, 1878 p. 207; v. 9 Sebolido, 1880, p. 71).

LOPES, Filipa da Silva – *O domínio fundiário do Mosteiro de S. Salvador de Paço de Sousa (séculos XI-XII)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (dissertação de mestrado).

MARQUES, Catarina Alexandra; CATARINO, Lúdia; SEBASTIAN, Luís (2010) – A pedra na construção do Mosteiro de S. João de Tarouca. *Oppidum*. Lousada, vol. 4, pp. 113-162.

MEDEIROS, Artur Cândido de; PILAR, L.; FERNANDES, A. P. (1964) – Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da Folha 13-B – CASTELO DE PAIVA, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

MEDEIROS, A. Cândido de; PEREIRA, Eurico; MOREIRA, Armando (1980) – Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da Folha 9-D – PENAFIEL, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

MONTEIRO, Ana (coord.) (2005) – *Atlas agroclimatológico do Entre Douro e Minho: relatório final*. POCTI/GEO/14260/1998.

MONTEIRO, Manuel (1911) – O Douro. Principaes quintas, navegação, culturas, paisagens e costumes. Porto: Emilio Biel & C.ª Editores.

MOREIRA, Domingos A. (1989-1990) – Freguesias da diocese do Porto. Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto. Porto, 2ª série, 7/8.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de (1992) – *Arquitetura tradicional portuguesa*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.

Rocha, Idorindo Vasconcelos da (1997) – *O carvão numa economia nacional: o caso das minas do Pejão*. Porto: FLUP (dissertação de mestrado).

SANTOS, Cândido Augusto dias dos (1973) – *O censual da Mitra do Porto. Subsídios para o estudo da diocese nas vésperas do concílio de Trento*. Porto: Câmara Municipal do Porto.

SOEIRO, Teresa (2005) – Penafiel, composição de um espaço administrativo. *Cadernos do Museu*. Penafiel, vol. 10, pp. 101-209.

SOEIRO, Teresa (1993) – *O Progresso também chegou a Penafiel. Resistência e mudança na cultura material, 1741-1910*. Porto: FLUP (tese de doutoramento).

SOEIRO, Teresa (1996/1997) – Lagares de azeite no concelho de Penafiel. *Portugalia*. Porto, Nova Série, vol. 17-18, pp. 219-244.

SOEIRO, Teresa (2003-2004) – Pauzeiros, tamanqueiros, sapateiros e ofícios correlativos. *Cadernos do Museu*. Penafiel, vol. 8/9, pp. 7-76.

SOEIRO, Teresa (2006-2007) – Em busca do doce sabor. *Portugalia*. Porto, Nova série, vol. 27/28, pp. 119-158.

SOEIRO, Teresa (2010-2011) – A propósito de um lagar de cera e da actividade dos cerieiros em Penafiel. *Portugalia*. Porto, Nova série, vol. 31-32, pp. 183-215.

SOEIRO, Teresa (2013a) – *A Rua do Burgo de Entre-os-Rios*. Penafiel: Museu Municipal/Ed. Cão Menor.

SOEIRO, Teresa (2013b) - *Quintandona. As muitas vidas de uma aldeia*. Penafiel: Museu Municipal de Penafiel

SOEIRO, Teresa (2014/2015) – Os ofícios do ferro em Penafiel: ferreiros e candeeiros. *Cadernos do Museu*. Penafiel: Museu Municipal, vol. 14, pp. 5-146.

SOEIRO, Teresa, ANILEIRO, Ana Dolores Leal (2014) – Flax mills in Penafiel, Northwest Portugal. *International Molinology. Journal of The international Molinology Society*, vol. 88, pp. 18-32.

TEIXEIRA, Gabriela de Barbosa; BELEM, Margarida da Cunha (1998) – Diálogos de edificação. Estudo de técnicas tradicionais de construção. Porto: CRAT.

VIEIRA, José Augusto (1887) – *O Minho pitoresco*, vol.2, Lisboa.

VILLA MAIOR, Visconde de – *O Douro ilustrado. Album do rio Douro e paiz vinhateiro*. Porto: Livraria Universal, 1876.

## **FONTES ARQUIVISTICAS**

### **Arquivo Municipal de Penafiel**

AMPNF – A 28. Livro de registo das atas da Câmara, 1868-1872

AMPNF – A 1243. Caderno de registo de possuidores de carros de bois, 1929

AMPNF – A 1244. Livro de registo de veículos isentos, 1942-1955

AMPNF – A 1245. Livro de registo de veículos isentos, 1942-1955

AMPNF – A 1252 a 1254 Livro de registo de descoberta de minas, 1964-1910

AMPNF – A 1348. Tombo dos bens do município, 1862

AMPNF – A 1355. Pasta contendo processos de aforamento, 1797-1815

AMPNF – A 1356. Pasta contendo processos de aforamento, 1816-1867

AMPNF – A 1357. Pasta contendo processos de aforamento, 1891-1924

AMPNF – A 1619. Livro de Recenseamento a que mandou proceder o decreto de outubro 1836 para a eleição de deputados da freguesia Sebolido, 1836

AMPNF – A 1641. Caderno de recenseamento de eleitores e elegíveis (S. Paio), 1879

AMPNF – A 1672. Livro de Recenseamento eleitoral: Juntas de Freguesia e Câmara Municipal, 1936

AMPNF – A 1676. Livro de Recenseamento eleitoral: Juntas de Freguesia e Câmara Municipal, 1940

AMPNF – A 1681. Livro de Recenseamento eleitoral: Juntas de Freguesia e Câmara Municipal, 1945

AMPNF – A 1685. Livro de Recenseamento eleitoral: Juntas de Freguesia e Câmara Municipal, 1950

AMPNF – A 1690. Livro de Recenseamento eleitoral: Juntas de Freguesia e Câmara Municipal, 1955

AMPNF – A 1695. Livro de Recenseamento eleitoral: Juntas de Freguesia e Câmara Municipal, 1960

AMPNF – A 1698. Livro de Recenseamento eleitoral: Juntas de Freguesia e Câmara Municipal, 1965

AMPNF – A 1702. Livro de Recenseamento eleitoral: Juntas de Freguesia e Câmara Municipal, 1970

AMPNF – A 1751. Livro de Registo dos Fogos e Moradores no distrito da 5ª Companhia da Capitania Mor das Ordenanças de Pena Fiel [1831]

### **Arquivo Municipal de Porto**

#### **Governo Civil do porto**

PT/ADPRT/AC/GCPRT/J-D/173/00078. Processo de julgamento de abandono da mina de chumbo da mina de chumbo Ribeiro da Estevada, freguesia de Sebolido, concelho de Penafiel

PT/ADPRT/AC/GCPRT/J-D/173/00082. Processo relativo à exploração das minas de cobre, sitas nos lugares das almas da Avitureira, quinta da Corticeira e ribeiro do Couço, freguesia de Sebolido, concelho de Penafiel

#### **Monástico - Mosteiro de Paço de Sousa**

PT/ADPRT/MON/CVSSPSPNF/0015. Registos de prazos

PT/ADPRT/MON/CVSSPSPNF/0047. Registos de reconhecimentos

PT/ADPRT/MON/CVSSPSPNF/0057. Tombo do censo

PT/ADPRT/MON/CVSSPSPNF/0058. Tombo do censo

PT/ADPRT/MON/CVSSPSPNF/0091. Inventário dos casais, rendas e bens pertencentes à mesa conventual de paço de souza

### **FONTES IMPRESSAS**

CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique (2011) – *As freguesias dos distritos de Aveiro e Coimbra nas Memórias Paroquiais de 1758*. Braga.

CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique; BORRALHEIRO, Rogério (2009) – *As freguesias do distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Braga, 2009.

*Portugaliae Monumenta Historica, Inquisitiones*, vol 1(4-5). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1897.

*Portugaliae Monumenta Historica*, Nova série, vol. 5, *Diplomata et Chartae – Chartularia*, *Livro dos testamentos do Mosteiro de São Salvador de Paço de Sousa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2015.

Portugal: *Atlas do Ambiente (1974-1975)*. Lisboa: Comissão Nacional do Ambiente.

Portugal: INE - *Arrolamento geral do gado 1972*. Lisboa, 1974.

Portugal: INE - *Gado e animais de capoeira 1955*. Lisboa, 1959.

Portugal: Ministério da Agricultura - *Arrolamento geral do gado e animais de capoeira 1934*. Lisboa, 1935.

Portugal: Ministério da Economia - *Arrolamento geral do gado e animais de capoeira 1940*. Porto, 1941.

## **CARTOGRAFIA**

### **Direção-Geral do Território (DGT)**

Carta Geológica de Portugal: Folha 13-B Castelo de Paiva (1963). Lisboa: DGMSG/Serviços Geológicos de Portugal

### **Instituto Geográfico do Exército**

Carta Militar de Portugal. Folha 134 FOZ DO SOUSA (Gondomar) Lisboa, 1945 e 1975



**Anexos**

## **Anexo I. Sebolido: recenseamentos para fins militares e eleitorais (1831-1970)**

**Tabela 1.1. Registo de fogos e moradores da 5ª Companhia de Ordenanças de Penafiel, 1831**

**Tabela 1.2. Recenseamento eleitoral de 1836**

**Tabela 1.3. Recenseamento eleitoral de 1879**

**Tabela 1.4. Recenseamento eleitoral (Juntas de Freguesia e Câmara Municipal) de 1936**

**Tabela 1.5. Recenseamento eleitoral (Juntas de Freguesia e Câmara Municipal) de 1940**

**Tabela 1.6. Recenseamento eleitoral (Juntas de Freguesia e Câmara Municipal) de 1945**

**Tabela 1.7. Recenseamento eleitoral (Juntas de Freguesia e Câmara Municipal) de 1950**

**Tabela 1.8. Recenseamento eleitoral (Juntas de Freguesia e Câmara Municipal) de 1955**

**Tabela 1.9. Recenseamento eleitoral (Juntas de Freguesia e Câmara Municipal) de 1960**

**Tabela 1.10. Recenseamento eleitoral (Juntas de Freguesia e Câmara Municipal) de 1965**

**Tabela 1.11. Recenseamento eleitoral (Juntas de Freguesia e Câmara Municipal) de 1970**

**Tabela 1.1. Registo de fogos e moradores da 5ª Companhia de Ordenanças de Penafiel, 1831<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Foram apenas considerados os residentes nos lugares que irão pertencer à freguesia de Sebolido.

Lugar	Nº casa	Fogo	Nome	Idade	Estado	Profissão	Naturalidade	Filiação
Sebolido	83	A	José Alves Pereira	50	casado	jornaleiro	S. Paulo	
		B	Manuel da Rocha	42	solteiro	jornaleiro	S. Paulo	
	84	A	José Pinto	41	casado	jornaleiro	S. Paulo	
	85	A	António da Silva	33	casado	jornaleiro	S. Paulo	Manuel da Silva
		B	Alexandre da Rocha	41	casado	marinheiro	Sardoura	
	86	A	Manuel Pinto	46	casado	jornaleiro	S. Paulo	
	87	A	desabitado					
	88	A	António Coelho	78	solteiro	lavrador	S. Paulo	
			Manuel Francisco	31	casado	na lavoura	Fernedo	Manuel Francisco
			José	21	solteiro	na lavoura	Raiva	
	89	A	Manuel da Silva	56	casado	lavrador caseiro	S. Paulo	
			Francisco da Silva	31	solteiro	na lavoura	S. Paulo	Manuel da Silva
	90	A	Custódio Pereira	44	casado	jornaleiro	S. Paulo	
	91	A	Manuel da Rocha Afonso	56	casado	jornaleiro	S. Paulo	
	92	A	Manuel da Rocha	51	casado	lavrador	S. Paulo	
Jerónimo Fernandes			15	solteiro	na lavoura	Raiva	Jerónimo Fernandes	
93	A	Perpétua da Rocha		solteira		Sobreira		

94	A	José Pereira	61	casado	lavrador caseiro	S. Paulo	
	B	António de Sousa	46	casado	lavrador caseiro	Sardoura	
		José de Sousa	18	solteiro	na lavoura	S. Paulo	António de Sousa
95	A	António Rodrigues da Cunha	59	casado	lavrador	S. Paulo	
		António Alves	22	solteiro	criado de lavoura	Canelas	
96	A	Manuel da Silva	38	casado	jornaleiro	S. Paulo	Manuel da Silva
97	A	desabitado					
98	A	Manuel Luís dos Santos	41	casado	lavrador caseiro	S. Paulo	
99	A	José d'Azevedo	41	casado	pedreiro	Rio Tinto	
100	A	Custódia Coelho		viúva		S. Paulo	
		Manuel Pinto	22	solteiro	criado da lavoura	Boelhe	Manuel Pinto
101	A	Teresa Martins Coelho		viúva		S. Paulo	
		Joaquim Lopes	39	solteiro	lavrador	S. Paulo	Teresa Martins Coelho
		Bártolo Lopes	37	solteiro	na lavoura	S. Paulo	Teresa Martins Coelho
		Manuel da Fonseca Pereira	27	solteiro	criado de lavoura	S. Paulo	Manuel Afonso
102	A	José Moreira	49	casado	lavrador	S. Paulo	
		Paulo Moreira	38	solteiro	na lavoura	S. Paulo	João Moreira
		João Moreira	25	solteiro	criado de lavoura	S. Paulo	João Moreira

103	A	Manuel Vieira	71	casado	lavrador	Fernedo	
		Manuel Vieira	35	solteiro	na lavoura	S. Paulo	Manuel Vieira
	B	Manuel José Vaz	33	casado	lavrador	Pedorido	José Vaz
		Manuel Martins	22	casado	jornaleiro	Canelas	António Martins
104	A	Maria Angélica		viúva		S. Paulo	
		Alexandre	44	solteiro	lavrador	S. Paulo	
		Henrique	41	solteiro	na lavoura	S. Paulo	
		Anselmo	39	solteiro	na lavoura	S. Paulo	
		Bernardo	36	solteiro	lavrador	S. Paulo	Maria Angélica viúva
105	A	desabitada					
106	A	Ana de Sousa		viúva		S. Paulo	
		António de Sousa	22	solteiro	jornaleiro	S. Paulo	Ana de Sousa viúva
107	A	Manuel da Rocha de Sousa	76	casado		S. Paulo	
		Cipriano da Rocha	29	solteiro	na lavoura	S. Paulo	Manuel da Rocha
		António da Rocha	24	solteiro	na lavoura	S. Paulo	Manuel da Rocha
108	A	Joaquim Moreira	42	casado	jornaleiro	Melres	
109	A	António da Rocha	40	casado	jornaleiro	Canelas	
110	A	Damásio da Rocha	37	casado	pedreiro	S. Paulo	Manuel da Rocha

	111	A	Joaquim da Costa	46	casado	lavrador caseiro	Capela	
	112	A	António Ferreira	51	casado	lavrador caseiro	Raiva	
	113	A	José da Silva	37	casado	carpinteiro	S. Paulo	
	114	A	António Barbosa	37	casado	marinheiro	Canelas	
	115	A	Joaquim de Sousa	37	casado	jornaleiro	S. Paulo	Ana de Sousa
	116	A	desabitada					
	117	A	Maria dos Santos		viúva		Canelas	
	118	A	Antónia Alves		viúva		S. Paulo	
	119	A	João Martins	56	casado	marinheiro	S. Paulo	
<b>Quinta da Moura</b>	120	A	Vicente Pereira	41	casado	lavrador	Eja	
	121	A	João Manuel	56	casado	pedreiro	S. Paulo	
		B	Francisco da Mota	31	casado	marinheiro	Sardoura	António da Mota
<b>Quebra Fio</b>	122	A	Francisco Manuel	31	casado	pedreiro	S. Paulo	João Manuel
<b>Pedregal</b>	123	A	desabitada					
<b>Cancelos</b>	124	A	João António	55	casado	pedreiro	Campanhã	
	125	A	Manuel Barbosa	41	casado	marinheiro	Canelas	
	126	A	Manuel Francisco Lopes	63	casado	pedreiro	Canelas	
			José Francisco	18	solteiro	marinheiro	Torrão	

		B	Manuel de Oliveira	33	casado	marinheiro	Torrão	Manuel de Sousa
<b>Abitureiras</b>	127	A	Custódio Barbosa	77	casado	marinheiro	Cancelos	
	128	A	José da Costa	32	solteiro	lavrador	S. Paulo	
	129	A	Francisco Monteiro	42	solteiro	ferreiro	S. Paulo	
		B	Manuel José	42	casado	lavrador	Capela	
			Manuel d' Oliveira	24	solteiro	lavrador	Capela	
	130	A	António Soares	58	casado	lavrador	Cancelos	
		B	Manuel Soares	30	casado	lavrador	Cancelos	
			Francisco Soares	23	solteiro	lavrador	Cancelos	
			José de Sousa	16	solteiro	lavrador	Cancelos	
	131	A	Esperança Soares		viúva		Cancelos	
	132	A	Maria Clara		viúva		Cancelos	
	133	A	Manuel Ferreira	51	casado	lavrador	Cancelos	
			Manuel Ferreira	17	solteiro	lavrador	Cancelos	
	134	A	João d'Abreu	29	casado	lavrador	S. Paulo	
	135	A	Mariana Alves		solteira		Cancelos	
	136	A	Ana Pereira		viúva	lavrador	Cancelos	
	Sebastião Pereira		40	solteiro		Cancelos		

			Manuel Pereira	38	solteiro	marinheiro	Cancelos	
			Jerónimo Pereira	29	solteiro	lavrador	Cancelos	
	137	A	Jerónimo Soares	54	solteiro	arraís	Cancelos	

AMPNF A 1751- Livro de Registo dos Fogos e Moradores no districto da 5ª Companhia da Capitania Mor das Ordenanças de Pena Fiel [1831]

Lugar	Nº casa	Fogo	Nome	Idade	Estado	Profissão	Naturalidade	Filiação
Estivada	1	A	Manuel Alves	51	casado	lavrador	Pedorido	
			António Alves	15	solteiro	na lavoura	Pedorido	Manuel Alves
	2	A	Ana Rosa		solteira		Pedorido	
	3	A	António Joaquim	50	casado	lavrador	Rebordosa	
	4	A	José Joaquim	57	casado	lavrador	Lever	
			Joaquim	18	solteiro	na lavoura	exposto	pais incógnitos
	5	A	Jó Dias	68	solteiro	lavrador	Pedorido	
			Francisco Coelho	31	casado	na lavoura	Pedorido	António Coelho
	6	A	Manuel Vaz	37	casado	pescador	Pedorido	Manuel Vaz
7	A	António Coelho	36	solteiro	lavrador caseiro	Pedorido	António Coelho	
Rio Mau	8	A	Maria Vieira		viúva			
		B	Joaquim do Arte	23	casado	pescador	Pedorido	Manuel do Arte
	9	A	António José	68	casado	jornaleiro	exposto	
			António José	21	solteiro	pescador	Pedorido	António José
	10	A	Domingos do Arte	43	casado	pescador	Pedorido	
	11	A	Maria de Macedo		viúva		Pedorido	
	12	A	Maria de Macedo		viúva		Pedorido	

		José Ferras	37	Solteiro	Pescador	Pedorido	Maria de Macedo
	B	Manuel Joaquim	43	Casado	Jornaleiro	São Martº de Mouros	
13	A	José da Rocha	65	Solteiro	Pescador	Pedorido	
14	A	António Nogueira	38	casado	Pescador	Pedorido	Manuel Franco Nogueira
15	A	Manuel Ferraz	65	casado	pescador	Pedorido	
16	A	José da Silva	41	casado	lavrador caseiro	Pedorido	
17	A	António Martins	53	casado	pescador	Pedorido	
		José Martins	23	solteiro	pescador	Pedorido	António Martins
18	A	Domingos Dias	51	casado	pescador	Pedorido	
	B	Manuel Dias	22	casado	pescador	Pedorido	Domingos Dias
19	A	António de Sousa	50	casado	pescador	Pedorido	
20	A	José Vaz	29	casado	pescador	Pedorido	Manuel Vaz
21	A	Domingos de Sousa	33	casado	pescador	Pedorido	António de Sousa
22	A	Manuel Martins	57	viúvo	pescador	Pedorido	
23	A	Joaquim de Sousa	23	casado	marinheiro do rio	Torrão	Manuel de Sousa
24	A	José Vieira	43	casado	pescador	Pedorido	
25	A	Manuel Moreira	68	casado	lavrador	Pedorido	
		Francisco Moreira	36	solteiro	na lavoura	Pedorido	Manuel Moreira

		Inácio Moreira	16	solteiro	na lavoura	Pedorido	Manuel Moreira
26	A	José Martins	72	viúvo	lavrador	Pedorido	
		Manuel Martins	43	solteiro	na lavoura	Pedorido	José Martins
		Domingos Martins	35	viúvo	na lavoura	Pedorido	José Martins
		António Soares	18	solteiro	moleiro	Porto	exposto
27	A	José Gonçalves	47	casado	lavrador	Pedorido	
		Bernardino	25	solteiro	criado de lavoura	Pedorido	Manuel Vieira
28	A	António de Almeida	57	casado	jornaleiro	Cambra	
		José de Almeida	25	solteiro	pescador	Pedorido	António de Almeida
29	A	Maria Francisca		viúva		Pedorido	
30	A	Maria Peixoto		solteiro		Pedorido	
31	A	José de Sousa	68	casado	lavrador caseiro	Pedorido	
		António de Sousa	40	solteiro	na lavoura	Pedorido	[José de Sousa]
	B	Joaquim de Sousa	32	casado	lavrador caseiro	Pedorido	José de Sousa
32	A	Manuel Lopes	53	viúvo	lavrador	Canelas	
		Henrique Lopes	30	solteiro	na lavoura	Pedorido	Manuel Lopes
33	A	José Moreira	43	casado	pescador	Pedorido	
34	A	Joaquim Gonçalves	36	casado	sapateiro	Pedorido	Joaquim Gonçalves

35	A	João Gonçalves	69	casado	pescador	Pedorido	
36	A	Henrique do Arte	23	casado	pescador	Pedorido	Manuel do Arte
37	A	José Dias	40	solteiro	pescador	Pedorido	
38	A	José Ribeiro	54	casado	pescador	Sardoura	
39	A	António Moreira	68	casado	pescador	Pedorido	
	B	Manuel de souza	48	casado	pescador	Pedorido	
		Manuel de Sousa	22	solteiro	pescador	Pedorido	Manuel de Sousa
	C	Dionísio de Sousa	26	casado	pescador	Pedorido	Manuel de Sousa
40	A	Manuel de Sousa	27	casado	pescador	Pedorido	Maria de Sousa viúva
41	A	Manuel de Sousa Novo	48	casado	pescador	Pedorido	
42	A	José de Silva	65	casado	pescador	Pedorido	
	B	Manuel da Silva	36	casado	pescador	Pedorido	José da Silva
43	A	Manuel da Silva	64	viúvo	mendigo	Pedorido	
44	A	António de Oliveira	51	casado	pescador	Pedorido	
45	A	Manuel Francisco	36	casado	pescador	Pedorido	Manuel Francisco
46	A	António Vieira	38	casado	marinheiro	Raiva	Luís Vieira
47	A	Libório de Sousa	38	casado	jornaleiro	Canelas	Custódio de Sousa
48	A	Albânia? de Sousa		viúva		Pedorido	

		Manuel de souza	15	solteiro	marinheiro	Pedorido	Albania? de Sousa
49	A	José da Conceição	35	casado	jornaleiro	Santa Marª do Vale	António da Conceição
50	A	Antónia de Sousa		solteira		Pedorido	
51	A	Francisco de Silva	43	casado	pescador	Pedorido	
52	A	Maria rodrigues				Pedorido	
53	A	Manuel Moreira	51	solteiro	pescador	Pedorido	
54	A	Manuel da Fonseca	29	casado	pescador	Pedorido	José Fonseca
55	A	Maria da Silva		viúva		Pedorido	
		Manuel de Sousa	29	solteiro	marinheiro	Pedorido	Maria da Silva
		Domingos de Sousa	26	casado	arraís	Pedorido	Maria da Silva
		José de Sousa	20	casado	marinheiro	Pedorido	Maria da Silva
56	A	desabitada					
57	A	Maria Francisca		viúva		Lomba	
		António de Sousa	29	solteiro	marinheiro	Pedorido	Maria Francisca viúva
58	A	Manuel Coelho	53	casado	vendedor	Pedorido	
		Manuel Coelho	15	solteiro	pescador	Pedorido	Manuel Coelho
59	A	Manuel da Cunha	72	casado	barqueiro	Pedorido	
		Manuel da Cunha	15	solteiro	marinheiro	Pedorido	Manuel da Cunha

60	A	José de Sousa	42	casado	pescador	Pedorido	
		Joaquim de Sousa	17	solteiro	pescador	Pedorido	José de Sousa
		Manuel de Sousa	15	solteiro	marinheiro	Pedorido	José de Sousa
61	A	Inácio de Sousa	34	casado	arraís	Pedorido	Manuel de Sousa
62	A	desabitada					
63	A	Manuel da Rocha	43	casado	alfaiate	Raiva	
		Joaquim	18	solteiro	marinheiro	Pedorido	M <sup>a</sup> Mar <sup>a</sup> Macedo viúva
64	A	Joaquim Gonçalves	31	solteiro	pescador	Pedorido	Manuel de Sousa
65	A	José Gonçalves	38	casado	lavrador	Pedorido	Manuel Gonçalves
66	A	Maria Vieira		viúva		Pedorido	
67	A	desabitada					
68	A	Manuel Correia	43	casado	pescador	Raiva	
69	A	Manuel de Sousa	43	casado	pescador	Pedorido	
		José de Sousa	16	solteiro	pescador	Pedorido	Manuel de Sousa
70	A	Luísa de Macedo		solteira		Pedorido	
71	A	José do Arte	35	casado	pescador	Pedorido	Manuel do Arte
72	A	José de Sousa	45	casado	pescador	Pedorido	
73	A	Manuel Alves	37	casado	pescador	Pedorido	Domingos Alves

74	A	Maria de Sousa		viúva		Pedorido	
75	A	António da Cruz	44	casado	arrais	Pedorido	
76	A	Joaquim Rodrigues	22	casado	jornaleiro	Paço de Sousa	Maria Teresa viúva
77	A	José Coelho	37	casado	marinheiro	Pedorido	António Coelho
78	A	José Ferreira	49	casado	jornaleiro	Pedorido	
79	A	João Moreira	43	casado	marinheiro	Melres	
80	A	José Nogueira	43	casado	pescador	Pedorido	
81	A	José da Cruz	49	casado	pescador	Pedorido	
82	A	Manuel Ferraz	34	casado	pescador	Pedorido	Manuel Ferraz

AMPNF A 1751- Livro de Registo dos Fogos e Moradores no districto da 5ª Companhia da Capitania Mor das Ordenanças de Pena Fiel [1831]

**Tabela 1.2. Recenseamento eleitoral de 1836<sup>2</sup>**

ID	Nome	Idade	Estado civil	Profissão	Morada
1	António Joaquim Fernandes			lavrador	Sebolido
2	Jorge Lopes			pároco	Sebolido
3	Jorge Moreira			lavrador	Sebolido
4	Manuel José Vaz			lavrador	Sebolido

AMPNF A 1619 - Livro de Recenseamento a que mandou proceder o decreto de outubro 1836 para a eleição de deputados da freguesia Sebolido.

---

<sup>2</sup> Nesta data, o lugar de Rio Mau não estava ainda, efetivamente, reunido a Sebolido

**Tabela 1.3. Recenseamento eleitoral de 1879**

ID	Nome	Idade	Estado civil	Profissão	Lugar	Sabe ler ou escrever	Elegível para cargos
1	António	65	casado	lavrador	Estivada	não	
2	António Barbosa	71	viúvo	jornaleiro	Sebolido	não	
3	António Ferreira Clemência Soares	38	casado	moleiro	Rio Mau	não	
4	António Firmino Vieira	36	casado	moleiro	Rio Mau	não	
5	António Joaquim Fernandes	44	casado	lavrador	Sebolido	sim	sim
6	António Martins	63	casado	pescador	Rio Mau	não	
7	António Moreira	56	casado	pescador	Rio Mau	não	
8	António Mota	46	casado	pescador	Rio Mau	não	
9	António Peixoto	31	casado	caseiro	Rio Mau	não	
10	António Pinto	33	casado	carpinteiro	Rio Mau	não	
11	António Pinto Oliveira	41	casado	lavrador	Rio Mau	não	
12	António Ribeiro	65	casado	pescador	Rio Mau	não	
13	António Ribeiro da Silva	36	viúvo	mineiro	Cancelos	sim	sim
14	António Rocha e Sousa	72	casado		Cancelos	não	
15	António da Silva	79	casado	pescador	Rio Mau	não	
16	Bernardino Dias Lopes	34	casado	lavrador	Rio Mau	não	
17	Bernardino Martins	36	casado	jornaleiro	Sebolido	não	
18	Custódio da Rocha	54	casado	lavrador	Rio Mau	não	
19	Custódio Vieira Oliveira	58	viúvo	lavrador	Sebolido	não	
20	Crispiniano da Rocha	74	casado	lavrador	Sebolido	não	
21	Crispiniano de Sousa	44	casado	lavrador	Rio Mau	não	
22	Domingos Duarte	50	casado	pescador	Rio Mau	não	sim
23	Domingos Joaquim Gonçalves	51	casado	proprietário	Rio Mau	sim	
24	Domingos da Rocha	36	casado	carvoeiro	Sebolido	não	sim
25	Domingos de Sousa	57	casado	pescador	Rio Mau	sim	
26	Firmino da Silva	39	casado	pescador	Rio Mau	não	
27	Firmino de Barros	36	casado	barqueiro	Rio Mau	não	
28	Firmino Pereira	41	casado	jornaleiro	Rio Mau	não	
29	Firmino de Sousa	51	casado	pescador	Rio Mau	não	
30	Firmino de Sousa Carvalho	55	casado	pescador	Rio Mau	não	
31	Gabriel Gomes	36	casado	pescador	Rio Mau	não	
32	Henrique Dias Lopes	40	casado	lavrador	Rio Mau	não	
33	Henrique Duarte	41	viúvo	pescador	Rio Mau	não	sim
34	Henrique Gonçalves d'Amorim	41	casado	lavrador	Rio Mau	não	sim
35	Henrique Lopes	79	casado	lavrador	Rio Mau	não	sim
36	Henrique Sousa Soares	43	casado	pescador	Rio Mau	sim	sim
37	Henrique Coelho Moreira	44	casado	lavrador	Rio Mau	sim	sim
38	Inácio Moreira	61	casado	lavrador	Rio Mau	sim	

39	Inácio d'Oliveira	31	casado	pescador	Rio Mau	não	
40	Inácio Peixoto	51	casado	pescador	Rio Mau	não	
41	Inácio da Rocha	55	casado	lavrador	Rio Mau	não	
42	João Luís	33	casado	lavrador	Sebolido	não	
43	João Soares	58	casado	carpinteiro	Cancelos	não	
44	Joaquim Coelho	49	casado	lavrador	Estivada	não	
45	Joaquim Coelho da Rocha	36	casado	pescador	Rio Mau	não	
46	Joaquim Correia	54	casado	barqueiro	Rio Mau	não	sim
47	Joaquim da Cunha	56	casado	jornaleiro	Rio Mau	não	
48	Joaquim Dias	59	casado	lavrador	Rio Mau	não	
49	Joaquim Domingos	50	casado	barqueiro	Cancelos	não	
50	Joaquim	71	casado	pescador	Rio Mau	não	
51	Joaquim Francisco Lopes Soares	40	casado	jornaleiro	Sebolido	não	
52	Joaquim Freitas	64	casado		Rio Mau	sim	
53	Joaquim Gonçalves d'Amorim	70	viúvo	lavrador	Rio Mau	sim	
54	Joaquim Gonçalves Fernandes	38	casado	pescador	Rio Mau	sim	
55	Joaquim Lopes Martins	91	solteiro	proprietário	Sebolido	sim	
56	Joaquim Lopes da Rocha	48	casado	lavrador	Sebolido	sim	
57	Joaquim Pinto	36	casado	barqueiro	Cancelos	não	
58	Joaquim Pinto Ribeiro	30	casado	moleiro	Rio Mau	não	
59	Joaquim Rodrigues	58	casado	lavrador	Rio Mau	não	
60	Joaquim da Silva Coelho	54	casado	caseiro	Sebolido	sim	
61	Joaquim de Sousa	44	casado	pescador	Casa Nova	não	
62	Joaquim de Sousa	71	casado	lavrador	Rio Mau	não	
63	Joaquim de Sousa Carvalho	56	viúvo	pescador	Rio Mau	sim	
64	Joaquim de Sousa	55	casado	pescador	Rio Mau	sim	
65	Joaquim de Sousa Morgado	63	casado	moleiro	Rio Mau	sim	
66	José	35	viúvo	lavrador	Rio Mau	não	sim
67	José Barbosa	40	solteiro	barqueiro	Cancelos	não	
68	José Correia	42	casado	barqueiro	Cancelos	não	
69	José Costa	49	casado	barqueiro	Cancelos	não	
70	José	36	casado	pescador	Rio Mau	não	
71	José Ferreira	30	solteiro	carpinteiro	Sebolido	não	
72	José Ferreira da Conceição	34	casado		Rio Mau	não	
73	José Ferreira Lopes	41	casado	barqueiro	Cancelos	não	
74	José Gonçalves	35	casado	lavrador	Cancelos	não	
75	José Gonçalves da Silva	44	casado	lavrador	Rio Mau	sim	sim
76	José Lopes	31	casado	pescador	Cancelos	não	
77	José Luís Soares	48	casado	lavrador	Sebolido	não	
78	José Maria Cardoso Pinto Soares	34	solteiro	proprietário	Sebolido	sim	sim
79	José Martins	61	casado	pescador	Rio Mau	não	
80	José Mota	41	casado	barqueiro	Cancelos	não	
81	José Nogueira	56	viúvo	jornaleiro	Sebolido	não	

82	José Oliveira Araújo	41	casado	lavrador	Rio Mau	não	
83	José Pereira	62	casado	lavrador	Sebolido	sim	sim
84	José Pinto	51	casado	jornaleiro	Sebolido	não	
85	José da Rocha e Sousa	69	viúvo	caseiro	Abitureira	não	
86	José Rodrigues da Cunha	53		pescador	Sebolido	sim	sim
87	José Silva	64	casado	pescador	Rio Mau	não	
88	José Sousa Barreiro	54	casado	lavrador	Rio Mau	não	
89	José Sousa Soares	36	casado	pescador	Rio Mau	não	
90	José Teixeira	63	casado	pescador	Rio Mau	não	
91	Luís Correia	42	casado	lavrador	Cancelos	não	
92	Luís Pinto	41	casado	marchantes		não	
93	Luís Sousa	31	casado	pescador	Rio Mau	não	
94	Manuel Neves	56	casado	alfaiate	Rio Mau	não	
95	Manuel Rocha e Sousa	59	casado	lavrador	Rio Mau	não	
96	Manuel Coelho	60	casado	jornaleiro	Rio Mau	não	
97	Manuel Dias Lopes	71	viúvo	lavrador	Rio Mau	não	
98	Manuel Dias Lopes	61	casado	pescador	Rio Mau	não	
99	Manuel Dias Lopes	38	casado	lavrador	Rio Mau	não	
100	Manuel Ferreira	33	casado	lavrador	Sebolido	não	
101	Manuel Duarte	51	casado	pescador	Sebolido	não	
102	Manuel Francisco da Conceição	78	casado	pedreiro	Cancelos	não	
103	Manuel Gonçalves	35	casado	jornaleiro	Sebolido	não	sim
104	Manuel Joaquim Gonçalves	46	casado	lavrador	Rio Mau	não	
105	Manuel Joaquim de Sá	33	casado	proprietário	Sebolido	sim	
106	Manuel José Vaz	74	viúvo	proprietário	Sebolido	não	
107	Manuel Lopes da Rocha	29	solteiro	moleiro	Sebolido	sim	
108	Manuel Moreira	55	casado	carpinteiro	Sebolido	sim	
109	Manuel d' Oliveira	56	casado	jornaleiro	Sebolido	não	
110	Manuel d' Oliveira	54	casado	pescador	Rio Mau	não	
111	Manuel Pereira	53	casado	caseiro	Sebolido	sim	
112	Manuel Pinto	64	casado	caseiro	Sebolido	não	
113	Manuel Pinto	68	casado		Estivada	não	
114	Manuel Pinto	34	casado	jornaleiro	Sebolido	sim	
115	Manuel da Rocha	54	casado	lavrador	Sebolido	não	
116	Manuel Rodrigues	52	casado	caseiro	Estivada	sim	
117	Manuel Rodrigues da Cunha	61	casado	proprietário	Sebolido	sim	
118	Manuel da Silva	34	casado		Rio Mau	não	
119	Manuel Soares	33	casado	jornaleiro	Cancelos	não	
120	Manuel de Sousa	28	casado	pescador	Rio Mau	não	
121	Manuel Sousa	51	casado	pescador	Rio Mau	não	
122	Manuel Sousa Carvalho	40	casado	lavrador	Rio Mau	não	
123	Manuel Sousa Martins	64	viúvo	lavrador	Rio Mau	sim	
124	Manuel Teixeira	50	casado	caseiro	Sebolido	não	

125	Manuel Teixeira Pinto	54	casado	pescador	Sebolido	não	
126	Martinho de Sousa	41	casado	lavrador	Rio Mau	não	
127	Maximiliano de Sousa	38	casado	lavrador	Rio Mau	não	
128	Narciso da Rocha	54	casado	lavrador	Rio Mau	não	
129	Serafim Barbosa	41	casado	jornaleiro	Cancelos	não	
130	Vitorino Gonçalves	24	casado	jornaleiro	Cancelos	não	
131	Francisco	32	casado	pescador	Rio Mau	não	
132	Joaquim Gonçalves da Silva	30	casado	jornaleiro	Rio Mau	sim	sim
133	José Sousa	68	casado	jornaleiro	Sebolido	não	
134	Manuel Coelho	26	casado	negociante	Rio Mau	sim	sim
135	Manuel Teixeira Ferreira	22	casado	jornaleiro	Cancelos	não	

AMPNF A 1641 – Caderno de recenseamento de eleitores e elegíveis (S. Paio), 1879.

**Tabela 1.4. Recenseamento eleitoral (Juntas de Freguesia e Câmara Municipal) de 1936**

**Freguesia de Sebolido: lugares de Sebolido e Cancelos**

Nome	Idade	Estado Civil	Profissão	Morada
Abílio Mário Rodrigues de Sá	27	solteiro	proprietário	Sebolido
Albertino Soares da Silva	25	solteiro	jornaleiro	Sebolido
Albina Martins		viúva	doméstica	Sebolido
Albino dos Santos	57	viúvo	proprietário	Sebolido
Alfredo Correia da Rocha	30	casado	lavrador	Sebolido
Alfredo Gomes	53	casado	lavrador	Sebolido
Alfredo da Rocha Vieira	67	casado	proprietário	Sebolido
António Alves	51	casado	jornaleiro	Sebolido
António Alves Correia	29	casado	lavrador	Sebolido
António Cardoso da Cunha	51	solteiro	pároco	Sebolido
António da Costa	35	casado	jornaleiro	Sebolido
António Gomes	26	solteiro	lavrador	Sebolido
António Moreira Rodrigues	79	solteiro	proprietário	Sebolido
António Pereira Sobrinho	43	casado	proprietário	Sebolido
António Vieira	23	solteiro	lavrador	Sebolido
António Marques	45	solteiro	jornaleiro	Sebolido
Augusto Ribeiro	35	casado	marinheiro	Sebolido
Daniel Barbosa	54	casado	lavrador	Sebolido
Daniel Lourenço	37	casado	lavrador	Sebolido
Donzília Augusta da Silva Guedes	42	casada	professora	Sebolido
Francisco Soares Pinheiro	55	casado	lavrador	Sebolido
Joaquim Moreira	44	casado	lavrador	Sebolido
José Maria Rodrigues	27	solteiro	jornaleiro	Sebolido
José Maria Vieira	24	casado	lavrador	Sebolido
José Miguel Pires	58	casado	reformado	Sebolido
José Nogueira da Trindade	85	casado	proprietário	Sebolido
José Rodrigues	26	solteiro	jornaleiro	Sebolido
José da Rocha Vieira	69	casado	proprietário	Sebolido
José Vieira da Rocha	69	casado	proprietário	Sebolido
Justino Martins de Sousa	37	viúvo	proprietário	Sebolido
Luiz Alves da Rocha	63	viúvo	proprietário	Sebolido
Manuel Alves	42	casado	lavrador	Sebolido
Manuel Francisco Ferreira	55	casado	lavrador	Sebolido
Manuel Francisco Ferreira	24	casado	jornaleiro	Sebolido
Manuel Gomes	32	casado	lavrador	Sebolido
Manuel da Rocha Martins	33	solteiro	pescador	Sebolido
Manuel Tavares Vinagreiro	45	casado	lavrador	Sebolido

Manuel do Vale	42	solteiro	proprietário	Sebolido
Maria da Assunção do Vale Peixoto	44	solteira	proprietária	Sebolido
Maria José Rodrigues	54	casada	linho	Sebolido
Maria Luíza Cardoso	68	viúva	proprietária	Sebolido
Adelaide Rodrigues	41	solteira	linheira	Cancelos
Albano Fernandes Gonçalves	38	casado	marinheiro	Cancelos
Alfredo de Sousa Silva	36	casado	marinheiro	Cancelos
Ana da Costa Pereira	46	casada	proprietária	Cancelos
Ana Rodrigues	83	viúva	linho	Cancelos
António Correia	39	casado	jornaleiro	Cancelos
António Pereira	73	casado	proprietário	Cancelos
António da Rocha Pedro	59	casado	proprietário	Cancelos
António da Silva Oliveira	46	casado	marinheiro	Cancelos
António Soares da Silva	43	casado	mineiro	Cancelos
António Teixeira	25	casado	jornaleiro	Cancelos
António Vieira Silva	50	casado	reformado	Cancelos
Conceição da Silva Caetano	53	casada	doméstica	Cancelos
Francelina Maria	37	casado	doméstica	Cancelos
Federico Lopes Pereira	33	casado	pescador	Cancelos
Joaquim Pereira	37	casado	pescador	Cancelos
Joaquim Soares da Rocha	59	casado	marinheiro	Cancelos
José Francisco Lopes	47	casado	proprietário	Cancelos
José Gonçalves da Costa	66	casado	jornaleiro	Cancelos
José Pinto de Oliveira	59	casado	barqueiro	Cancelos
Laurinda Rodrigues	33	casada	linho	Cancelos
Luiz de Oliveira	51	casado	mineiro	Cancelos
Manuel Francisco Lopes	55	casado	proprietário	Cancelos
Manuel da Rocha	60	casado	lenhador	Cancelos
Manuel Rodrigues	32	casado	pescador	Cancelos
Manuel Rodrigues Gomes	24	solteiro	lenhador	Cancelos
Maria Augusta	34	casada	doméstica	Cancelos
Maria Augusta da Silva	44	solteira	proprietária	Cancelos
Maria? José Moreira	38	solteira	proprietária	Cancelos
Maria Rodrigues	57	viúva	linho	Cancelos
Olivia de Oliveira	54	casada	proprietária	Cancelos
Pedro Azevedo Correia	39	casado	carvoeiro	Cancelos
Venâncio Pereira	38	casado	comerciante	Cancelos

**Fonte:** AMPNF A 1672 - Livro de Recenseamento eleitoral: Juntas de Freguesia e Câmara Municipal, 1936

**Tabela 1.5. Recenseamento eleitoral (Juntas de Freguesia e Câmara Municipal) de 1940**

**Freguesia de Sebolido: lugares de Sebolido e Cancelos**

Nome	Idade	Estado Civil	Profissão	Morada
Abel Lopes Teixeira	43	casado	lavrador	Sebolido
Abílio Mário Rodrigues de Sá	43	solteiro	proprietário	Sebolido
Albertino Soares da Silva	29	solteiro	jornaleiro	Sebolido
Albina Martins	76	viúva	doméstica	Sebolido
Albino dos Santos	62	casado	proprietário	Sebolido
Alfredo Correia da Rocha	32	casado	lavrador	Sebolido
Alfredo Gomes	62	casado	lavrador	Sebolido
Alfredo da Rocha Vieira	69	casado	proprietário	Sebolido
António Alves	52	casado	jornaleiro	Sebolido
António Alves Correia	30	casado	lavrador	Sebolido
António Cardoso da Cunha	55	solteiro	pároco	Sebolido
António da Costa	37	casado	jornaleiro	Sebolido
António Gomes	28	solteiro	lavrador	Sebolido
António Pereira Sobrinho	47	casado	proprietário	Sebolido
Augusta Rosa	53	viúva	doméstica	Sebolido
Constantino Rodrigues Mota	41	casado	jornaleiro	Sebolido
Cristiniano Rodrigues	30	casado	jornaleiro	Sebolido
Joaquim Moreira Martins	32	casado	lavrador	Sebolido
José Maria Vieira	28	casado	lavrador	Sebolido
José Rocha	48	casado	lavrador	Sebolido
José Rodrigues	30	solteiro	jornaleiro	Sebolido
José da Rocha Vieira	71	solteiro	proprietário	Sebolido
Justino Martins de Sousa	41	casado	proprietário	Sebolido
Luiz Alves da Rocha	67	viúva	proprietário	Sebolido
Manuel Alves	46	casado	jornaleiro	Sebolido
Manuel Francisco Ferreira	59	casado	lavrador	Sebolido
Manuel Gomes	36	casado	lavrador	Sebolido
Manuel Joaquim Alves de Sá	30	solteiro	proprietário	Sebolido
Manuel da Rocha	64	casado	jornaleiro	Sebolido
Manuel do Vale Peixoto	46	solteiro	proprietário	Sebolido
Maria Assunção do Vale Peixoto	48	solteira	proprietária	Sebolido
Maria José Rodrigues	59	casada	linho	Sebolido
Maria Rodrigues	61	viúva	linho	Sebolido
Alfredo Soares da Silva	39	casado	marinheiro	Cancelos
Almiro João Pires	28	casado	trabalhador	Cancelos
Ana Rodrigues	84	viúva	linho	Cancelos

António Correia	41	casado	jornaleiro	Cancelos
António Pereira	76	casado	proprietário	Cancelos
António da Rocha Pedro	62	casado	arrais	Cancelos
António da Silva Oliveira	50	casado	lavrador	Cancelos
António Soares da Silva	44	casado	mineiro	Cancelos
António Teixeira	26	casado	jornaleiro	Cancelos
Artur Pereira	29	casado	marinheiro	Cancelos
Avelino Gonçalves Correia	50	casado	marinheiro	Cancelos
Cândida Rodrigues	40	casada	linho	Cancelos
Francelina Maria	43	casada	doméstica	Cancelos
Federico Lopes Pereira	38	casado	pescador	Cancelos
Joaquim Pereira	40	casado	pescador	Cancelos
Joaquim Soares da Rocha	63	casado	marinheiro	Cancelos
Laurinda Rodrigues	37	casada	Mineiro(SIC)	Cancelos
Luiz de Oliveira	55	casado	mineiro	Cancelos
Manuel Francisco Lopes	50	casado	proprietário	Cancelos
Manuel de Oliveira Araújo	69	casado	proprietário	Cancelos
Manuel da Rocha Oliveira	35	casado	linho	Cancelos
Manuel Rodrigues	26	casado	jornaleiro	Cancelos
Manuel Teixeira de Oliveira	26	casado	jornaleiro	Cancelos
Maria Augusta Pimenta	40	casada	doméstica	Cancelos
Maria Augusta da Silva	47	solteira	doméstica	Cancelos
Maria Correia	68	viúva	doméstica	Cancelos
Maria José Moreira	42	solteira	proprietário	Cancelos
Maria Rodrigues	61	viúva	linho	Cancelos
Pedro Azevedo Correia	43	casado	carvoeiro	Cancelos
Venâncio Pereira	43	casado	marinheiro	Cancelos

Fonte: AMPNF A 1676 - Livro de Recenseamento eleitoral: Juntas de Freguesia e Câmara Municipal, 1940

**Tabela 1.6. Recenseamento eleitoral (Juntas de Freguesia e Câmara Municipal) de 1945**

**Freguesia de Sebolido: lugares de Sebolido e Cancelos**

Nome	Idade	Estado Civil	Profissão	Morada
Albino Ferreira	28	casado	lavrador	Sebolido
Albino dos Santos	70	viúvo	proprietário	Sebolido
Alfredo Correia da Rocha	39	casado	lenhador	Sebolido
Alfredo Gomes	70	casado	lavrador	Sebolido
Alfredo da Rocha Vieira	76	casado	proprietário	Sebolido
António Alves	60	casado	lavrador	Sebolido
António Alves Correia	37	casado	lavrador	Sebolido
António da Costa	44	casado	jornaleiro	Sebolido
António Gomes	34	solteiro	lavrador	Sebolido
António da Rocha Pedro	70	casado	arraís	Sebolido
António de Sousa Carvalho	73	viúvo	proprietário	Sebolido
Artur Ferreira	35	casado	marinheiro	Sebolido
Avelino Martins Peixoto	30	solteiro	mineiro	Sebolido
Constantino Rodrigues Mota	50	casado	jornaleiro	Sebolido
Emílio Pinto	30	casado	mineiro	Sebolido
Inácia da Silva	70	viúva	proprietária	Sebolido
Januário Moreira Lopes	56	solteiro	comerciante	Sebolido
José Martins de Sousa	46	solteiro	lavrador	Sebolido
Joaquim Moreira Martins	35	casado	barqueiro	Sebolido
Joaquim da Silva Moreira	42	casado	marinheiro	Sebolido
José Maria Vieira	35	casado	moleiro	Sebolido
José de Oliveira	40	casado	marinheiro	Sebolido
José da Rocha Vieira	80	solteiro	proprietário	Sebolido
José Soares	25	solteiro	lavrador	Sebolido
José Soares Vinagreiro	30	solteiro	jornaleiro	Sebolido
Júlio Vieira	34	casado	jornaleiro	Sebolido
Justino Martins de Sousa	47	casado	proprietário	Sebolido
Luís dos Santos	25	casado	lenhador	Sebolido
Luís da Silva Oliveira	28	solteiro	barqueiro	Sebolido
Luísa Alves da Rocha	73	viúvo	proprietário	Sebolido
Manuel Alves	44	casado	jornaleiro	Sebolido
Manuel Gomes	42	casado	lavrador	Sebolido
Manuel Moreira Dias	28	casado	operário	Sebolido
Manuel da Rocha Martins	44	solteiro	lenhador	Sebolido
Manuel Soares Vinagreiro	56	casado	lavrador	Sebolido
Manuel do Vale Peixoto	54	solteiro	proprietário	Sebolido
Maria Assunção do Vale Peixoto	56	solteira	proprietária	Sebolido

Maria Correia	40	casada	professora	Sebolido
Maria Eduarda de Pinho	40	casada	professora	Sebolido
Maria José Rodrigues	66	casada	lenheira	Sebolido
Mário Moreira	36	casado	lavrador	Sebolido
Abílio Francisco Lopes	26	casado	barqueiro	Cancelos
Abílio Teixeira	23	solteiro	barqueiro	Cancelos
Adelaide Rodrigues	63	solteira	lenheira	Cancelos
Albano Fernandes Gonçalves	54	casado	marinheiro	Cancelos
Alberto Marques da Silva	27	casado	mineiro	Cancelos
Almiro João Pires	29	casado	trabalhador	Cancelos
Amaro da Rocha Pedro	28	casado	marinheiro	Cancelos
António Correia	48	casado	jornaleiro	Cancelos
António Francisco Lopes	25	casado	proprietário	Cancelos
António Nunes Vieira	30	casado	operário	Cancelos
António da Rocha Martins	37	casado	jornaleiro	Cancelos
António Soares Vinagreiro	25	solteiro	carpinteiro	Cancelos
António Vieira	34	casado	lavrador	Cancelos
Bernardino de Sousa Carvalho	28	casado	proprietário	Cancelos
Cândida Rodrigues	46	casada	lenheira	Cancelos
Francelina Maria	50	casada	doméstica	Cancelos
Federico Lopes Pereira	45	casado	lavrador	Cancelos
Joaquim Soares Rocha	70	casado	jornaleiro	Cancelos
Joaquim Teixeira	23	casado	sapateiro	Cancelos
José Francisco Lopes	58	casado	lenhador	Cancelos
Laurinda Rodrigues	45	casada	lenheira	Cancelos
Luiz de Oliveira	62	casado	mineiro	Cancelos
Manuel Francisco Lopes	65	casado	proprietário	Cancelos
Manuel Rodrigues	41	casado	carpinteiro	Cancelos
Manuel Rodrigues Gomes	35	casado	lenhador	Cancelos
Maria Augusta Pimenta	48	casada	doméstica	Cancelos
Maria Augusta da Silva	54	solteira	doméstica	Cancelos
Maria José Moreira	48	solteira	proprietário	Cancelos
Olivia Rodrigues de Oliveira	64	casada	proprietária	Cancelos
Pedro Azevedo Correia	50	casado	carvoeiro	Cancelos

Fonte: AMPNF A 1681 - Livro de Recenseamento eleitoral: Juntas de Freguesia e Câmara Municipal, 1945

**Tabela 1.7. Recenseamento eleitoral (Juntas de Freguesia e Câmara Municipal) de 1950**

**Freguesia de Sebolido: lugares de Sebolido e Cancelos**

Nome	Idade	Estado Civil	Profissão	Morada
Alfredo Correia da Rocha	46	casado	lenhador	Sebolido
Alfredo Gomes	73	casado	lavrador	Sebolido
Alfredo da Rocha Vieira	82	casado	proprietário	Sebolido
Ana José Rodrigues de Sá	73	solteira	proprietária	Sebolido
António Alves	64	casado	lavrador	Sebolido
António Alves Correia	40	casado	lavrador	Sebolido
António da Costa	47	casado	jornaleiro	Sebolido
António Vieira	39	casado	lavrador	Sebolido
Augusta Rosa	63	viúva	doméstica	Sebolido
Bernardino de Sousa Carvalho	33	casado	proprietário	Sebolido
Carlos Coelho	27	casado	motorista	Sebolido
Carolina Augusta Rodrigues de Sá	79	solteira	proprietária	Sebolido
Constantino Rodrigues Mota	54	casado	jornaleiro	Sebolido
Crispiniano Rodrigues	39	casado	mineiro	Sebolido
Emílio Pinto	36	casado	mineiro	Sebolido
Francisco de Sousa Pinheiro	65	casado	jornaleiro	Sebolido
José Maria Vieira	39	casado	lavrador	Sebolido
José de Sá Leão e Seabra	46	casado	proprietário	Sebolido
José Soares Vinagreiro	34	casado	jornaleiro	Sebolido
Júlio Vieira	38	casado	lavrador	Sebolido
Justino Martins de Sousa	53	casado	proprietário	Sebolido
Luís Pinto	24	solteiro	jornaleiro	Sebolido
Luís dos Santos	29	casado	lenhador	Sebolido
Luísa Ferreira Alves da Rocha	78	viúvo	proprietária	Sebolido
Manuel Alves	56	casado	jornaleiro	Sebolido
Manuel Cardoso	65	casado	proprietário	Sebolido
Manuel da Cunha	44	casado	comerciante	Sebolido
Manuel Soares Vinagreiro	59	casado	lavrador	Sebolido
Manuel Teixeira	60	?	lavrador	Sebolido
Manuel do Vale Peixoto	58	solteiro	proprietário	Sebolido
Maria Assunção do Vale Peixoto	59	solteira	doméstica	Sebolido
Maria Cândida Batista Lopes	59	viúva	proprietária	Sebolido
Maria Eduarda de Pinho	49	casada	professora	Sebolido
Maria José Rodrigues	69	viúva	doméstica	Sebolido
Miguel de Sousa Pinheiro	29	solteiro	jornaleiro	Sebolido
Ramiro Pinto	47	casado	lavrador	Sebolido

Abel Gonçalves	24	solteiro	alfaiate	Cancelos
Abílio Francisco Lopes	30	casado	barqueiro	Cancelos
Adelaide Rodrigues	67	solteira	lenheira	Cancelos
Adélio Correia Azevedo	23	solteiro	carvoeiro	Cancelos
Albano Fernandes Gonçalves	59	casado	barqueiro	Cancelos
Alexandrino Pereira Pimenta	23	solteiro	operário	Cancelos
Almiro João Pires	33	casado	operário	Cancelos
Amaro da Rocha Pedro	33	casado	barqueiro	Cancelos
António Francisco Lopes	29	casado	proprietário	Cancelos
António Joaquim dos Santos	38	casado	barqueiro	Cancelos
António da Rocha Pedro	76	casado	arraís	Cancelos
António da Silva Oliveira	61	casado	jornaleiro	Cancelos
António Teixeira	38	casado	mineiro	Cancelos
Artur Pereira	40	casado	barqueiro	Cancelos
Cândida Rodrigues	56	casada	doméstica	Cancelos
Emídio da Silva Oliveira	26	solteiro	mineiro	Cancelos
Federico Lopes Pereira	48	casado	barqueiro	Cancelos
José Pereira	55	casado	lavrador	Cancelos
Laurinda Rodrigues	54	casada	doméstica	Cancelos
Luiz Barbosa	33	casado	mineiro	Cancelos
Manuel Francisco Lopes	67	casado	lavrador	Cancelos
Manuel Rodrigues	48	casado	carpinteiro	Cancelos
Maria Augusta da Silva	57	solteira	doméstica	Cancelos
Maria José Moreira	54	viúva	doméstica	Cancelos
Pedro Azevedo Correia	55	casado	carvoeiro	Cancelos
Serafim Pinto	54	casado	proprietário	Cancelos
Teresa da Silva Oliveira	62	viúva	costureira	Cancelos
Tomás Rodrigues	36	casado	barqueiro	Cancelos
Venâncio Pereira	53	casado	barqueiro	Cancelos

Fonte: AMPNF A 1685 - Livro de Recenseamento eleitoral: Juntas de Freguesia e Câmara Municipal, 1950

**Tabela 1.8. Recenseamento eleitoral (Juntas de Freguesia e Câmara Municipal) de 1955**

**Freguesia de Sebolido: lugares de Sebolido e Cancelos**

Nome	Idade	Estado Civil	Profissão	Morada
Abílio Francisco Lopes	26	casado	barqueiro	Sebolido
Abílio Teixeira	35	casado	barqueiro	Sebolido
Afonso Valentim Cardoso	46	casado	sapateiro	Sebolido
Alexandrino Pereira Pimenta	34	casado	mineiro	Sebolido
Alfredo Correia da Rocha	47	casado	lenhador	Sebolido
Alfredo da Rocha Vieira	87	casado	proprietário	Sebolido
Almiro João Pires	38	casado	trabalhador	Sebolido
Álvaro Pereira Ventura Cardoso	33	casado	industrial	Sebolido
Ana José Rodrigues de Sá	78	solteira	doméstica	Sebolido
António Abílio Alves	25	casado	jornaleiro	Sebolido
António Alves	67	casado	lavrador	Sebolido
António Alves Correia	45	casado	lavrador	Sebolido
António Augusto de Vasconcelos	29	casado	padre	Sebolido
António de Azevedo	30	casado	lavrador	Sebolido
António da Costa	52	casado	jornaleiro	Sebolido
António Fernandes Pereira	37	casado	barqueiro	Sebolido
António Rodrigues Mendes	29	solteiro	barqueiro	Sebolido
António Soares Vinagreiro	34	casado	carpinteiro	Sebolido
António Teixeira Lisboa	69	casado	lavrador	Sebolido
António Vieira	44	casado	mineiro	Sebolido
Arlindo Teixeira	37	casado	lavrador	Sebolido
Arnaldo Marques	24	casado	mineiro	Sebolido
Augusta Rosa	68	viúva	doméstica	Sebolido
Augusto Ribeiro	23	casado	mineiro	Sebolido
Bernardino de Sousa Carvalho	38	casado	funcionário	Sebolido
Carlos Coelho	32	casado	aj. motorista	Sebolido
Carolina Rodrigues de Sá	84	solteira	proprietária	Sebolido
Constantino Rodrigues Mota	59	casado	jornaleiro	Sebolido
Crispiniano Rodrigues	43	casado	jornaleiro	Sebolido
Daniel Barbosa	71	casado	lavrador	Sebolido
David da Rocha Martins	34	solteiro	operário	Sebolido
Emílio Pinto	41	casado	mineiro	Sebolido
Ernesto Correia da rocha	25	solteiro	lenhador	Sebolido
Francisco Soares Vinagreiro	34	casado	lavrador	Sebolido
Francisco de Sousa Pinheiro	70	casado	jornaleiro	Sebolido
Federico Lopes Pereira	53	casado	barqueiro	Sebolido
Geraldo de Sousa Carvalho	30	casado	barqueiro	Sebolido

Hernâni Francisco Ferreira	45	casado	lavrador	Sebolido
Januário Moreira Lopes	61	solteiro	proprietário	Sebolido
Joaquim Lourenço da Rocha	34	solteiro	trabalhador	Sebolido
José Alves	29	casado	jornaleiro	Sebolido
José António da Silva	38	casado	barqueiro	Sebolido
José Barbosa	40	casado	mineiro	Sebolido
José Gomes	29	casado	trabalhador	Sebolido
José Gonçalves	40	casado	lavrador	Sebolido
José Maria Rodrigues	48	casado	mineiro	Sebolido
José Maria Vieira	44	casado	lavrador	Sebolido
José de Sá Leão e Seabra	51	casado	jornaleiro	Sebolido
José Soares Vinagreiro	39	casado	barqueiro	Sebolido
Júlio Vieira	43	casado	jornaleiro	Sebolido
Justino Marques de Sousa	58	casado	proprietário	Sebolido
Justino Pinto	57	casado	jornaleiro	Sebolido
Lucília Maria Carneiro Carvalho	52	solteira	proprietária	Sebolido
Luís Pinto	29	casado	mineiro	Sebolido
Luís dos Santos	33	casado	operário	Sebolido
Manuel Alves	61	casado	jornaleiro	Sebolido
Manuel da Cunha	49	casado	comerciante	Sebolido
Manuel Ferreira Lisboa	56	casado	ferreiro	Sebolido
Manuel Gomes	53	casado	lavrador	Sebolido
Manuel Joaquim Alves de Sá	52	casado	proprietário	Sebolido
Manuel Moreira Tavares	29	casado	barqueiro	Sebolido
Manuel Soares Vinagreiro	64	casado	lavrador	Sebolido
Manuel Teixeira Lisboa	51	casado	serralheiro	Sebolido
Manuel Vale Peixoto	63	solteiro	proprietária	Sebolido
Maria Assunção Vale Peixoto	64	solteira	proprietária	Sebolido
Maria Augusta da Silva	68	solteira	doméstica	Sebolido
Maria Francisca das Neves	54	solteira	doméstica	Sebolido
Maria José Moreira	58	solteira	proprietária	Sebolido
Maria da Silva Amorim	50	solteira	proprietária	Sebolido
Maria da Silva Nogueira	65	viúva	proprietária	Sebolido
Miguel de Sousa Pinheiro	34	casado	mineiro	Sebolido
Ramiro Pinto	52	casado	lavrador	Sebolido
Vitorino Pereira	51	casado	comerciante	Sebolido
Abel Gonçalves	29	casado	alfaiate	Cancelos
Adelaide Rodrigues	72	casado	lenheira	Cancelos
Adélio Correia de Azevedo	28	casado	carvoeiro	Cancelos
Agostinho Soares da Rocha	33	casado	barqueiro	Cancelos
Albano Fernandes Gonçalves	42	casado	trabalhador	Cancelos
Amaro da Rocha Pedro	38	casado	comerciante	Cancelos
António Francisco Lopes	34	casado	trabalhador	Cancelos

António Joaquim dos Santos	33	casado	barqueiro	Cancelos
António da Rocha Pedro	81	casado	lavrador	Cancelos
António da Silva Oliveira	66	casado	proprietário	Cancelos
António Soares da Rocha	33	casado	barqueiro	Cancelos
Artur Teixeira	45	casado	barqueiro	Cancelos
Cândida Rodrigues	61	casada	doméstica	Cancelos
Ismael Pereira	25	casado	mineiro	Cancelos
Joaquim de Paiva	33	casado	mineiro	Cancelos
Joaquim Soares da Rocha	81	casado	barqueiro	Cancelos
Joaquim Teixeira	32	casado	barqueiro	Cancelos
José Correia	35	casado	lenhador	Cancelos
José Francisco Lopes	67	casado	proprietário	Cancelos
José Maria Moreira de Barros	34	casado	cantoneiro	Cancelos
Laurinda Rodrigues	59	viúvo	doméstica	Cancelos
Luís Barbosa	38	casado	mineiro	Cancelos
Luís da Silva Oliveira	37	casado	barqueiro	Cancelos
Manuel Francisco Lopes	72	casado	proprietário	Cancelos
Manuel Marques da Silva	67	casado	jornaleiro	Cancelos
Manuel Marques da Silva, Filho	38	casado	barqueiro	Cancelos
Manuel Rodrigues	41	casado	lavrador	Cancelos
Manuel Rodrigues Gomes	45	casado	lenhador	Cancelos
Manuel dos Santos Silva	35	casado	barqueiro	Cancelos
Manuel Teixeira Oliveira	38	casado	lavrador	Cancelos
Maria José Rodrigues Moreira	52	viúva	doméstica	Cancelos
Martinho de Sousa Oliveira	27	casado	faxina	Cancelos
Pedro de Azevedo Correia	60	casado	carvoeiro	Cancelos
Serafim Pinto	59	casado	proprietária	Cancelos
Teófilo Teixeira	37	solteiro	barqueiro	Cancelos
Teresa da Silva Oliveira	67	viúva	costureira	Cancelos
Tomás Rodrigues	41	casado	barqueiro	Cancelos

Fonte: AMPNF A 1690 - Livro de Recenseamento eleitoral: Juntas de Freguesia e Câmara Municipal, 1955

**Tabela 1.9. Recenseamento eleitoral (Juntas de Freguesia e Câmara Municipal) de 1960**

**Freguesia de Sebolido: lugares de Sebolido e Cancelos**

Nome	Idade	Estado Civil	Profissão	Morada
Abel Francisco Lopes	39	casado	barqueiro	Sebolido
Abílio Teixeira	39	casado	barqueiro	Sebolido
Abílio Vieira da Rocha	65	casado	lenhador	Sebolido
Acácio da Costa Rodrigues	25	casado	mineiro	Sebolido
Afonso Valentim Cardoso	50	casado	sapateiro	Sebolido
Agostinho Alves	28	casado	mineiro	Sebolido
Alcino Macedo Vieira da Rocha	25	casado	proprietário	Sebolido
Alfredo Correia da Rocha	51	casado	lenhador	Sebolido
Alfredo da Rocha Vieira	91	casado	proprietário	Sebolido
Almiro João Pires	42	casado	trabalhador	Sebolido
Álvaro Pereira Ventura Cardoso	37	casado	industrial	Sebolido
Ana José Rodrigues de Sá	82	casada	proprietária	Sebolido
António Abílio Alves	29	casado	jornaleiro	Sebolido
António Alberto da Cruz Franco	47	casado	viajante	Sebolido
António Alves	71	casado	lavrador	Sebolido
António	49	casado	lavrador	Sebolido
António Augusto Vasconcelos	33	solteiro	padre	Sebolido
António da Costa	56	casado	jornaleiro	Sebolido
António Rodrigues	85	casado	agricultor	Sebolido
António Soares Vinagreiro	37	casado	carpinteiro	Sebolido
António Vieira da rocha	33	casado	mineiro	Sebolido
Arnaldo Marques	29	casado	mineiro	Sebolido
Augusto Ribeiro	28	casado	mineiro	Sebolido
Bernardino de Sousa Carvalho	43	casado	funcionário	Sebolido
Cândida Rodrigues	66	casada	doméstica	Sebolido
Conceição Rodrigues de Sá	89	casada	proprietária	Sebolido
Constantino Rodrigues Mota	64	casado	jornaleiro	Sebolido
Crispiniano Rodrigues	48	casado	jornaleiro	Sebolido
David da Rocha	39	casado	guarda	Sebolido
Emídio Pinto	46	casado	mineiro	Sebolido
Fernando Ribeiro	33	casado	mineiro	Sebolido
Francisco Soares Vinagreiro	39	casado	agricultor	Sebolido
Francisco de Sousa Pinheiro	75	casado	jornaleiro	Sebolido
Federico Lopes Pereira	58	casado	reformado	Sebolido
Geraldo de Sousa Carvalho	35	casado	agricultor	Sebolido
Ilídio Correia de Sousa	26	casado	pedreiro	Sebolido
Joaquim Alves	26	casado	mineiro	Sebolido

Joaquim Alves Correia	34	casado	mineiro	Sebolido
Joaquim Teixeira	37	casado	barqueiro	Sebolido
José Alves	34	casado	jornaleiro	Sebolido
José António da Silva	43	casado	barqueiro	Sebolido
José Gomes	34	casado	trabalhador	Sebolido
José Gonçalves	45	casado	agricultor	Sebolido
José Maria da Costa Rodrigues	26	casado	mineiro	Sebolido
José Maria Rodrigues	53	casado	mineiro	Sebolido
José Maria Vieira	39	casado	agricultor	Sebolido
José Soares Vinagreiro	44	casado	jornaleiro	Sebolido
Júlio Vieira	48	casado	agricultor	Sebolido
Justino Martins de Sousa	63	casado	proprietário	Sebolido
Justino Pinto	62	casado	reformado	Sebolido
Justino de Sousa Rodrigues	27	casado	mineiro	Sebolido
Lucinda Maria Carneiro Carvalho	57	solteira	proprietária	Sebolido
Luís Pinto	34	casado	mineiro	Sebolido
Luís dos Santos	38	casado	serralheiro	Sebolido
Manuel Alves	66	casado	jornaleiro	Sebolido
Manuel da Cunha	54	casado	comerciante	Sebolido
Manuel Gomes	58	casado	agricultor	Sebolido
Manuel Joaquim Alves de Sá	48	casado	proprietário	Sebolido
Manuel Joaquim Gomes	33	casado	trabalhador	Sebolido
Manuel Lopes Pereira	33	casado	mineiro	Sebolido
Manuel Soares Vinagreiro	69	casado	agricultor	Sebolido
Manuel do Val Peixoto	68	casado	proprietário	Sebolido
Margarida de Jesus dos Santos Franco	47	casada	professora	Sebolido
Maria de Assunção do Val Peixoto	69	solteira	proprietária	Sebolido
Maria Augusta da Silva	73	solteira	doméstica	Sebolido
Maria Cândida Batista Lopes	69	viúva	proprietária	Sebolido
Maria José Rodrigues	79	viúva	doméstica	Sebolido
Maria José Rodrigues Moreira	57	viúva	doméstica	Sebolido
Vitorino Pereira	56	casado	comerciante	Sebolido
Abel Gonçalves	43	casado	alfaiate	Cancelos
Adelaide Rodrigues	76	solteira	lenhadeira	Cancelos
Adélio Correia de Azevedo	32	casado	barqueiro	Cancelos
Agostinho Soares da Rocha	37	casado	barqueiro	Cancelos
Albano Fernandes Gonçalves	46	casado	trabalhador	Cancelos
Amaro Rocha Pedro	42	casado	comerciante	Cancelos
António Fernandes Pereira	41	casado	barqueiro	Cancelos
António Francisco Lopes	38	casado	trabalhador	Cancelos
António Joaquim dos Santos Silva	44	casado	barqueiro	Cancelos
António da Silva Oliveira	70	casado	jornaleiro	Cancelos
António Soares da Rocha	28	casado	barqueiro	Cancelos

António Teixeira	48	casado	barqueiro	Cancelos
António Vieira	41	casado	mineiro	Cancelos
Armando Pereira	28	casado	barqueiro	Cancelos
Artur Pereira	50	casado	reformado	Cancelos
Ismael Pereira	30	casado	mineiro	Cancelos
Joaquim de Paiva	38	casado	mineiro	Cancelos
Joaquim Soares da Rocha	86	casado	trabalhador	Cancelos
José Barbosa	45	casado	mineiro	Cancelos
José Correia	40	casado	carpinteiro	Cancelos
José Francisco Lopes	72	casado	proprietário	Cancelos
José Maria Moreira de Barros	37	casado	cantoneiro	Cancelos
Laurinda Rodrigues	64	viúva	doméstica	Cancelos
Luís Barbosa	43	casado	mineiro	Cancelos
Luís da Silva Oliveira	42	casado	barqueiro	Cancelos
Manuel Marques da Silva	71	casado	s/profissão	Cancelos
Manuel Marques da Silva (Filho)	35	casado	mineiro	Cancelos
Manuel Rodrigues	58	casado	carpinteiro	Cancelos
Manuel da Rocha Soares	35	casado	barqueiro	Cancelos
Manuel Rodrigues Gomes	50	casado	lenhador	Cancelos
Manuel da Silva	40	casado	barqueiro	Cancelos
Manuel Teixeira de Oliveira	43	casado	trabalhador	Cancelos
Mário de Freitas	31	casado	barqueiro	Cancelos
Martinho de Azevedo Correia	35	casado	lenhador	Cancelos
Pedro de Azevedo Correia	65	casado	carvoeiro	Cancelos
Serafim Pinto	64	casado	proprietária	Cancelos
Teresa da Silva Oliveira	72	viúva	costureira	Cancelos
Teófilo Teixeira	42	casado	barqueiro	Cancelos
Tomás Rodrigues	46	casado	barqueiro	Cancelos

Fonte: AMPNF A 1695 - Livro de Recenseamento eleitoral: Juntas de Freguesia e Câmara Municipal, 1960

**Tabela 1.10. Recenseamento eleitoral (Juntas de Freguesia e Câmara Municipal) de 1965**

**Freguesia de Sebolido: lugares de Sebolido e Cancelos**

Nome	Idade	Estado Civil	Profissão	Morada
Alcino Vieira da Rocha	31	casado	mineiro	Sebolido
Alfredo Correia da Rocha	56	casado	trabalhador	Sebolido
Almiro João Pires	47	casado	trabalhador	Sebolido
Amaro da Rocha Pedro	47	casado	comerciante	Sebolido
Ana José Rodrigues de Sá	87	solteira	proprietária	Sebolido
António Alves	34	casado	trabalhador	Sebolido
António Alves	76	casado	lavrador	Sebolido
António Alves Correia	54	casado	lavrador	Sebolido
António Augusto de Vasconcelos	38	solteiro	pároco	Sebolido
António da Costa	61	casado	jornaleiro	Sebolido
António Rodrigues	89	casado	agricultor	Sebolido
António Soares Vinagreiro	42	casado	carpinteiro	Sebolido
Arnaldo Marques	34	casado	mineiro	Sebolido
Augusto Ribeiro	33	casado	mineiro	Sebolido
Belmira da Cunha	43	casado	mineiro	Sebolido
Belmiro Correia de Azevedo	48	casado	proprietário	Sebolido
Carlos Coelho	42	casado	mineiro	Sebolido
Constantino Rodrigues Mota	69	casado	jornaleiro	Sebolido
Crispiniano Rodrigues	53	casado	reformado	Sebolido
David da Rocha	44	casado	guarda	Sebolido
Emílio Pinto	51	viúva	minério	Sebolido
Fernando Pereira Pedro	24	casado	motorista	Sebolido
Fernando Ribeiro	38	casado	mineiro	Sebolido
Francisco Soares Vinagreiro	44	casado	agricultor	Sebolido
Isac José Araújo Pinto	39	casado	emp. bancário	Sebolido
Joaquim Alves	31	casado	mineiro	Sebolido
Joaquim Alves Correia	39	casado	mineiro	Sebolido
Joaquim Teixeira	42	casado	barqueiro	Sebolido
José Alves	39	casado	trabalhador	Sebolido
José António da Silva	48	casado	barqueiro	Sebolido
José Gomes	39	casado	trabalhador	Sebolido
José Gonçalves	45	casado	mineiro	Sebolido
José Luís da Rocha	31	casado	aj. p. socorros	Sebolido
José Maria	58	casado	mineiro	Sebolido
José Maria da Costa Rodrigues	31	casado	mineiro	Sebolido
José Maria da Rocha Cerqueira	28	casado	mineiro	Sebolido
José Maria Vieira	44	casado	agricultor	Sebolido

José Soares Vinagreiro	60	casado	agricultor	Sebolido
Júlio Vieira	53	casado	agricultor	Sebolido
Justino Pinto	67	casado	reformado	Sebolido
Justino de Sousa Rodrigues	32	casado	mineiro	Sebolido
Lucília Maria Carneiro Carvalho	75	solteira	proprietária	Sebolido
Luís Pinto	39	casado	mineiro	Sebolido
Luís dos Santos	43	casado	guarda	Sebolido
Manuel Alves	71	casado	jornaleiro	Sebolido
Manuel da Cunha	59	casado	comerciante	Sebolido
Manuel Gomes	63	casado	agricultor	Sebolido
Manuel Joaquim Alves de Sá	53	casado	proprietário	Sebolido
Manuel Joaquim Gomes	38	casado	mineiro	Sebolido
Manuel Joaquim da Silva Rocha	31	casado	mineiro	Sebolido
Manuel Lopes Pereira	40	casado	mineiro	Sebolido
Manuel Moreira Soares	30	casado	encarregado	Sebolido
Manuel Soares Vinagreiro	74	casado	agricultor	Sebolido
Manuel Vale Peixoto	73	casado	proprietário	Sebolido
Maria Augusta da Silva	68	solteira	doméstica	Sebolido
Maria José Rodrigues Moreira	62	viúva	doméstica	Sebolido
Orlando Pinto	31	casado	trabalhador	Sebolido
Pedro de Azevedo Correia	70	casado	comerciante	Sebolido
Vitorino Pereira	61	casado	comerciante	Sebolido
António Teixeira	53	casado	reformado	Cancelos
António Fernandes Pereira	46	casado	barqueiro	Cancelos
António Francisco Lopes	43	casado	trabalhador	Cancelos
António Joaquim dos Santos e Silva	49	casado	barqueiro	Cancelos
António Ribeiro Pires	23	casado	mineiro	Cancelos
António da Silva Oliveira	76	casado	trabalhador	Cancelos
António Soares da Rocha	33	casado	barqueiro	Cancelos
António Vieira	46	casado	mineiro	Cancelos
Armando Pereira	33	viúvo	barqueiro	Cancelos
António Vieira	46	casado	mineiro	Cancelos
Armando Pereira	33	viúvo	barqueiro	Cancelos
Cândida Rodrigues	71	casada	doméstica	Cancelos
José Barbosa	50	casado	reformado	Cancelos
José Correia	45	casado	carpinteiro	Cancelos
José Francisco Lopes	77	casado	proprietário	Cancelos
Laurinda Rodrigues	69	viúva	doméstica	Cancelos
Luís Barbosa	48	casado	mineiro	Cancelos
Luís da Silva Oliveira	47	casado	barqueiro	Cancelos
Manuel Marques da Silva	40	casado	mineiro	Cancelos
Manuel da Rocha Soares	50	casado	carpinteiro	Cancelos
Manuel Rodrigues	62	casado	reformado	Cancelos

Manuel Rodrigues Gomes	55	casado	trabalhador	Cancelos
Manuel de Sousa	30	casado	mineiro	Cancelos
Manuel Teixeira de Oliveira	48	casado	trabalhador	Cancelos
Mário de Freitas	36	casado	barqueiro	Cancelos
Martinho de Azevedo	40	casado	trabalhador	Cancelos
Serafim Pinto	69	casado	proprietária	Cancelos
Teófilo Teixeira	47	casado	costureira	Cancelos
Tomás Rodrigues	51	casado	sapateiro	Cancelos
Teresa da Silva Oliveira	77	viúva	trabalhadora	Cancelos

Fonte: AMPNF A 1698 - Livro de Recenseamento eleitoral: Juntas de Freguesia e Câmara Municipal, 1965

**Tabela 1.11. Recenseamento eleitoral (Juntas de Freguesia e Câmara Municipal) de 1970**

**Freguesia de Sebolido: lugares de Sebolido e Cancelos**

Nome	Idade	Estado Civil	Profissão	Morada
Abílio Francisco Lopes	50	casado	mineiro reform.	Sebolido
Abílio Teixeira	47	casado	barqueiro	Sebolido
Abílio Vieira da Rocha	64	casado	trabalhador	Sebolido
Afonso Valentim Cardoso	52	casado	sapateiro	Sebolido
Agostinho Alves	36	casado	mineiro	Sebolido
Alcino Vieira da Rocha	34	casado	mineiro	Sebolido
Amaro da Rocha Pedro	50	casado	comerciante	Sebolido
António Alves	37	casado	trabalhador	Sebolido
António Alves Correia	57	casado	trabalhador	Sebolido
António Augusto de Vasconcelos	41	solteiro	pároco	Sebolido
António da Costa	64	casado	trabalhador	Sebolido
António Martins Monteiro	30	casado	mineiro	Sebolido
António Ribeiro Pires	26	casado	mineiro	Sebolido
António Rodrigues	72	casado	agricultor	Sebolido
António Vieira	49	casado	mineiro	Sebolido
António Vinagreiro	45	casado	carpinteiro	Sebolido
Armando Marques	37	casado	mineiro	Sebolido
Augusto Ribeiro	36	casado	mineiro	Sebolido
Belmiro Correia de Azevedo	46	viúvo	mineiro	Sebolido
Bernardino de Sousa Carvalho	51	casado	empr. escritório	Sebolido
Carlos Coelho	45	casado	mineiro	Sebolido
Constantino Moreira da Silva	72	casado	trabalhador	Sebolido
Corina da Rocha Amorim Reis	54	casado	mineiro reform.	Sebolido
David de Oliveira Araújo	47	casado	guarda	Sebolido
Emílio Pinto	54	viúvo	mineiro	Sebolido
Federico Lopes Pereira	66	casado	mineiro reform.	Sebolido
Joaquim Alves	34	casado	mineiro	Sebolido
Joaquim Alves Correia	42	casado	mineiro	Sebolido
Joaquim Pereira	45	casado	barqueiro	Sebolido
José Alves	42	casado	trabalhador	Sebolido
José António da Silva	51	casado	mineiro reform.	Sebolido
José Gonçalves	48	casado	mineiro	Sebolido
José Luís Rocha	34	casado	crivador	Sebolido
José Maria	61	casado	mineiro	Sebolido
José Maria da Costa Rodrigues	34	casado	mineiro	Sebolido
José Maria Monteiro de Barros	45	casado	cantoneiro	Sebolido
José Maria da Rocha Cerqueira	31	casado	mineiro	Sebolido

José Maria Vieira	47	casado	agricultor	Sebolido
José Soares Vinagreiro	63	casado	agricultor	Sebolido
Júlio Vieira	36	casado	agricultor	Sebolido
Justino Pinto	70	casado	mineiro reform.	Sebolido
Justino de Sousa Rodrigues	35	casado	mineiro	Sebolido
Lucília Maria Carneiro Carvalho	78	solteiro	proprietária	Sebolido
Luís Pinto	42	casado	mineiro	Sebolido
Luís dos Santos	46	casado	guarda da ECD	Sebolido
Manuel da Cunha	62	casado	comerciante	Sebolido
Manuel Joaquim da Silva Monteiro	56	casado	proprietário	Sebolido
Manuel Joaquim Mota	41	casado	mineiro reform.	Sebolido
Manuel José de Sousa	43	casado	mineiro	Sebolido
Manuel Moreira Soares	33	casado	encarregado min.	Sebolido
Manuel da Silva Gonçalves	25	casado	mineiro	Sebolido
Manuel de Vale Peixoto	76	casado	proprietário	Sebolido
Mário Rodrigues Teixeira	30	casado	trabalhador	Sebolido
Orlando Pinto	34	casado	serralheiro	Sebolido
Pedro de Azevedo Correia	79	casado	comerciante	Sebolido
Abel Gonçalves	53	casado	alfaiate	Cancelos
Adelaide Rodrigues	84	solteiro	doméstica	Cancelos
Adélio Correia de Azevedo	40	casado	barqueiro	Cancelos
Albano Fernandes Gonçalves	54	casado	trabalhador	Cancelos
António Francisco Lopes	46	casado	trabalhador	Cancelos
António Joaquim dos Santos Silva	52	casado	barqueiro	Cancelos
António da Silva Oliveira	78	casado	trabalhador	Cancelos
António Soares da Rocha	36	casado	mineiro reform.	Cancelos
Henrique Santos Silva	49	casado	agricultor	Cancelos
José Barbosa	53	casado	mineiro reform.	Cancelos
José Francisco Lopes	80	casado	proprietário	Cancelos
José Moreira de Sousa	27	casado	serralheiro	Cancelos
Luís Barbosa	51	casado	mineiro	Cancelos
Luís da Silva Oliveira	50	casado	barqueiro	Cancelos
Manuel Marques da Silva	43	casado	mineiro	Cancelos
Manuel de Sousa	33	casado	mineiro	Cancelos
Mário de Freitas	39	casado	barqueiro	Cancelos
Martinho de Azevedo Correia	43	casado	trabalhador	Cancelos
Serafim Pinto	72	casado	proprietário	Cancelos
Teófilo Teixeira	50	casado	barqueiro	Cancelos
Tomaz Ferreira de Sousa	42	casado	mineiro	Cancelos

Fonte: AMPNF A 1702 - Livro de Recenseamento eleitoral: Juntas de Freguesia e Câmara Municipal, 1970

## Anexo II. Relatos Orais

Em 1982, Manuel Pinheiro<sup>3</sup>, habitante de Sebolido, registou informações valiosas sobre a vida, trabalho, quotidiano e lazer da população de Sebolido e Rio Mau. Através dos seus relatos, podemos ter uma visão detalhada do modo de vida dessas pessoas, naquela época.

Sebolido e Rio Mau, localizados no norte de Portugal, eram comunidades rurais, onde a agricultura era a principal atividade económica. A população dessas aldeias vivia em estreita relação com a natureza e as suas tradições.

Os relatos registados por Manuel Pinheiro oferecem-nos uma perspetiva singular sobre como era a vida nessas comunidades, desde as rotinas diárias de trabalho nos campos até às celebrações festivas e as formas de entretenimento preferidas pela população local. As histórias contadas pelos moradores de Sebolido e Rio Mau oferecem uma visão única sobre a riqueza cultural histórica dessas comunidades.

### Margarida Pereira

*A Sr. Margarida Pereira, de 85 anos relata as suas idas diárias à pesca, onde deitava a rede para a apanhar o peixe, durante todo o dia, por vezes nem dormia. Enquanto que os seus irmãos iam lavras os campos. Eram tempos conturbados, onde tudo o que apanhavam desta atividade era o que consumiam. A sua habitação era podre, onde atravessavam pelos buracos grandes cobras, e outros bichos.*

### Olivia Pereira

*A Sr. Olivia Pereira de 65 anos recorda a cantiga que cantavam durante as tardes de trabalho.*

*Minha caninha verde*

*Vende cana de encanar*

---

<sup>3</sup> Divulgação autorizada: informações registadas por Manuel Pinheiro

*Morreram os velhos todos  
Já não à quem tolhe o ar.*

#### António Gomes

*O Sr. António Gomes de 77 anos trabalhou a vida toda com lavrador. Relata que uma grande parte da população trabalhava á semana e aos domingos, nos campos a apanhar fenos para os bois. De manhã bebia aguardente e comia pão ao pequeno almoço, nunca passando muita fome.*

#### Joaquina Ribeiro

*A Sra. Joaquina Ribeiro de 72 anos era muito envergonhada, nem namorar queria até que uma vez foi á St. Luzia com 20 anos de idade, conta-Os rapazes começaram a meter-se comigo e eu metia-me atrás dos sócios das pessoas que estavam comigo já la vão cinquenta e dois anos, eram apenas uns namoricos muito bonitos, mas nós não tínhamos grande liberdade. A minha mãe era muito severa e dava-nos muita cossa.*

#### Francelina da Silva

*A Sra. Francelina da Silva relata que na sua altura dançava, cantava e trabalhava nos campos. Fiava o linho, como tratava da vida de casa, indo á fonte buscar água para cozinhar, toda contente, com o caneco á cabeça. Eram tempos muito difíceis, onde se faziam romarias.*

*No inverno fiava-se o linho, esta só não sabia tece-lo. Nas desfolhadas cantavam e dançavam, juntando-se com as outras raparigas da aldeia das fontes onde um tocador tocava a sua viola. Relata que trabalhava muito no linho, e na casa dos grandes senhores para ganhar algum dinheiro.*

#### Luís Duarte

*O Sr. Luís Duarte conta episódios da sua vida, era barqueiro, trabalhando com barcos desde os seus 12 anos. Ia de Midões para o Porto com José e Luís carregar o barco com lenha e paralelos.*

#### Laurinda do Carmo

*A Sra. Laurinda do Carmo de 56 anos conta que saía de manhã para ir á queiró para os recolher, indo vende-los aos Senhores do Porto. Aos seus 15 anos desempenhou funções de doméstica, trabalhou nos campos dos grandes Senhores a semear batatas, milho. Porventura, passava a maioria do seu tempo no monte para fazer os molinhos de Carqueijo.*

#### Elisa do Carmo

*A Sra. Elisa do Carmo relata que saía casa para ir ao queiró, ganhar algum dinheiro. Aos 5 anos começou a trabalhar no campo com a sua mãe no monte, indo para Midões e pra Cancelos nos tempos livres dançar. No campo desde muito cedo semeou batatas e milho. Descreve os tempos difíceis onde trabalhava muito e ganhava pouco.*

#### Maria do Carmo

*A Sra. Maria do Carmo de 83 anos, trabalhava na lavoura. Em janeiro iniciava-se o cultivo do centeio, em fevereiro o do milho, permeando até março. Recorda-se de cortar a erva para alimentar os bois. Divertia-se nas festas da St Amora e St. Luzia. Era uma vida cheia de trabalho, onde passava com os carros de bois, que carregavam lenha, descreve-se como escrava do tempo.*

#### Maria Elisa Pereira

*A Sr. Elisa de 52 anos trabalhou 7 anos na pesca do sável, sendo o seu maior alimento. Depois de se casar fez vários trabalhos a jorna para ganhar algum dinheiro para o sustento da família. Recorda os seus domingos de romaria, onde namoriscava, dançava e cantava durante o dia, sendo que à noite tinha de recolher obrigatório. Eram outros tempos, onde a liberdade era restringida.*

### Maria Rodrigues

*A Sra. Maria Rodrigues de 82 anos já não falava muito apenas cantava a música da sua infância.*

*Lá em cima está o tiroliroliro  
Cá em baixo está o tirolioló  
Juntavam-se os dois à esquina  
A tocar a concertina  
E a dançar o solidó*

### José Vieira

*O Sr. José de 74 anos foi lavrador a sua vida inteira, trabalhando nos campos a semear milho, batatas, centeio. Recordar-se das suas idas às eiras para as desfolhadas, onde cantavam e dançavam.*

*Seguimos todos abante  
Rapazes da nossa aldeia  
Mostrando a nossa renda  
E a nossa fina meia*

### Luiza da Rocha

*A Sra. Luiza da Rocha de 74 anos, conta que semeava ao linho, para posteriormente o ripar após a sua recolha, mantido em moinhos para o povo depois o levar para o engenho. Descreve-se como uma enghoca, fazendo do linho, bonecas de trapos. Reforça que eram*

*tempos duros, trabalhando muito e ganhando pouco, uma vida dedicada ao linho e aos campos.*

#### António Rodrigues

*O Sr. António Rodrigues de 61 anos, casou-se novo, aos 25 anos, desenvolvendo a função de barqueiro. Passado 4 anos do desenvolvimento da sua profissão passou a efetivo, tendo algumas desavenças no decorrer do tempo, despedindo-se. Após este término desenvolveu trabalhos à jorna, dedicando-se mais à pesca na apanha do sável.*

*Aproveitava os seus poucos tempos livres para ir dar um pé de dança e namoriscar, afirmando que namorou para muitas raparigas da aldeia.*

#### Manuel Rodrigues Gomes

*O Sr. Manuel Rodrigues Gomes de 73 anos era quem animava as fetas nas romarias de Midões, com o seu cavaquinho. Dedicava-se ao artesanato, demonstrando o gosto em desenvolver esta atividade, fazendo bonecos para a entrada da Igreja, em tempo de festa. Recorda o trabalho na apanha de lenha nos montes, para ganhar algum dinheiro, recordando a fome que passava, descrevendo o tempo como miséria.*

#### Maria Rodrigues

*A Sra. Maria Rodrigues de 82 anos recorda uma música no seu desabafo do tempo.*

*Meu amor vai-te deitar*

*Vai dormir que eu já dormi*

*Agora vai-te gavear*

*Que eu de inocente caí*

*Trabalhou diariamente na pesca em Cancelos, a apanhar o sável, dormindo diversas vezes no rio, nas noites geladas da terra. Nas horas vagas trabalhava no monte na apanha da lenha, para ganhar algum, já que se viviam tempos de fome.*

Margarida Rodrigues

*A Sra. Margarida Rodrigues de 63 anos recorda as canções que cantava.*

*Do lado de além do rio  
Do outro lado de além  
Meu pai tem um laranjal  
Que muita laranja tem*

*Dei um lenço ao meu amor  
Sem a minha mãe saber  
Dei um lenço ao meu amor  
Que já lo foram dizer*

*Fostes dizer ao meu pai  
Que eu andava coradinha  
Bem te enganas meu amor  
Que essa cor foi sempre minha*

*O barco vai para o Porto  
Leva-me senhor arrais  
Que eu sou levezinha  
Peso dezoito quintoís*

*Ó meu amor vai e vem  
Espalhas as tuas saudades  
As minhas vão e aumentam  
E as causas tu bem o sabes*

Maria Jesus Silva

*A Sra. Maria Jesus Silva de 76 anos trabalhou na lavoura. Recorda o trabalho de segunda a sexta, tirando o domingo para as romarias.*

*Lembra os tempos de fome, onde comia uma batata, uma couve e uma sardinha, quando havia dinheiro para comprar estes alimentos. Trabalhava muito no linho, na desfolhada, cantando e dançando com o resto das amigas.*

*Ao final do dia, ia sempre ao monte buscar lenha para cozinhar as refeições.*

*Água leva o regadinho*

*Água leva ó regador*

*Enquanto rega ou não rega*

*Vão falar ao meu amor*

*No alto daquela serra*

*Á um lenço de mil cores*

*Está dizendo Viva Viva*

*Viva quem tem amores*

*E quem não os tem*

*Viva também*

#### António Lourenço da Rocha

*O Sr. António Lourenço da Rocha de 70 anos, trabalhava nos montes a cortar lenha para levar para os barcos, que estavam no rio. Viveu na casa do Sr. António Pereira e da Sra. Valentina doze anos, trabalhando nos seus campos, ganhando 5 tostões ao dia. Recorda os 12 anos a trabalhar na lavoura, e os 33 anos de trabalho nas minas do Pejão.*

#### Belmiro Correia de Azevedo (64 anos)

*Recorda, “O meu pai era negociante de madeiras e eu ainda andava na escola, já ia pra monte trabalhar, era madeireiro e queimava carvão. Aos 24 anos fui trabalhar para as minas do Pejão, fui o primeiro mineiro de primeira, e depois fui encarregado. Trabalhei de segunda a sábado. Gostava muito de ir para as romarias de St. Luzia e das Amoras, onde comia e bebia até cair.”*

### Geraldo de Sousa Carvalho

*O Sr. Geraldo de Sousa Carvalho de 62 anos, recorda que aos 7 anos começou a chamar os bois na quinta da Marta em rio mau, levando muitas calcadelas. Até os 17 anos desempenhou trabalho na lavoura, sendo que posteriormente foi trabalhar nas vagas durante 12 anos.*

*Lembra os tempos que trabalhou no duro, numa quinta em Melres, na lavoura, e aos 5 anos ia para a eira engordar as vacas, para a sua venda. Eram tempos sem máquinas, onde todo o trabalho era feito com as mãos e auxílio dos animais.*

*Em Rio Mau carregava pipas de vinho para a venda das mesmas, aos grandes Senhores, e a outras terras.*

### Manuel Marques

*O Sr. Manuel Marques de 72 anos, desde muito novo desempenhou trabalhos à jorna, fazendo a lavoura, o trabalho nas minas, e no monte na apanha da lenha. Na quinta de Vilarinho, Melres, trabalhou desde muito miúdo, onde apanhava a carqueja no monte, sendo que cada molhe custava BH 50. Os molhos eram entregues ao Sr. Paio, dono da quinta.*

*A escola ficou de parte, sendo que passava o seu tempo todo a trabalhar, para levar dinheiro para a casa da sua família.*

### Maria Alice Rodrigues

*A Sra. Maria Rodrigues, de 61 anos, recorda os tempos de peixeira, onde vendia muito peixe, e tinha de acordar às cinco da manhã. O seu marido, que lembra com ternura, trabalhava nas minas do Pejão, ficando com uma reforma de 12 contos e 500. Ressalva que o seu marido passou tanto, trabalhava descalço, cheio de frio durante o Inverno, para ficar com uma reforma tão pequenina.*

*Ao domingo não parava, indo para a pesca, para durante a semana vender o seu produto.*

### José Maria Moreira de Barros

*O Sr. José Maria de Barros de 66 anos, trabalhou anos nos barcos, com 14 anos de idade até aos 31 anos. Levava nos seus barcos chamiças, toros de madeira e carvão para as padarias da grande cidade, Porto.*

*Desde 1951 foi para cantoneiro já junta, trabalhando à jorna na construção de estradas. Lembra que muito saibro pós no pavimento, que requeria um grande esforço físico. Nos seus tempos livres aproveitava para ir à caça e pescar, divertindo-se também nos tascos a beber uns copos.*

### Bernardino de Sousa Carvalho

*O Sr. Bernardino, de 69 anos, aos 7 anos de idade era sacristão do capelão em Rio Mau, montando posteriormente uma oficina de apicultura onde começou a ganhar uns escudos. Este trabalho desempenhou até ingressar na tropa. Em 1948, para a artilharia ligeira, em Vila Nova de Gaia. Em 1943, quando a Alemanha declarou guerra foi para as manobras militares, em Vendas Novas.*

*Quando voltou à terra, desempenhou trabalhos na mina do Pejão, como secretário, durante 22 anos.*

*Recorda com tristeza que só veio para a reforma, devido à morte do seu filho, onde passou tempos de mágoa e dor.*

### Luís Pinto

*O Sr. Luís Pinto, de 60 anos, aos 7 anos começou a trabalhar na agricultura e ajudava o padre da freguesia na igreja. Recorda- Eu andava descalço quase sempre, porque não havia dinheiro para comprar quase nada. Passei também muita fome, eram tempos muito maus,*

*sai à segunda para trabalhar e só voltava no sábado. Andei a trabalhar na marginal e na mina do Peirão, durante 22 anos. Andei 12 anos a cobrador na gondomareense.*

*Eram tempos em que eu trabalhava muito para ter sempre alguma coisa, e agora estou reformado, mas o dinheiro chega sempre para comer.*

### Valentina da Silva

*Lembra- Trabalhei muito na lavoura com os meus pais para cultivar sempre alguma coisa. Depois andei no monte, para ganhar algum dinheiro. Eu tive 6 filhos, estão todos casados, só a mais nova está solteira.*

*Também passei muita fome, eu trabalhava muito, eram tempos muito maus. Ao Domingo namorava um pouco quando tinha um pouco de tempo livre. Eu passava muito mal eram tempos em que se trabalhava muito para ganhar pouco dinheiro.*

*la também às romarias a S. das Amoras, à St. Luzia, eram tempos bons e divertia-me muito. Antigamente ia à desfolhada, onde cantava e dançava, eu gostei muito desses tempos.*

### Glória

*A Sr. Glória tem 68 anos, trabalhou a sua vida toda na lavoura, e recorda os maus tempos que passou, onde trabalhava muito e o dinheiro era pouco, destaca os tempos de fome que passou.*

*Lembra- Trabalhei no linho e ia a Penafiel descalça e voltava. O meu homem chegou muitas vezes a dar-lhe ataques de fome, porque comia mal. Só comíamos a malguinha de caldo e assim se ficava. Eu e os meus filhos só tomávamos café no Natal, eram tempos muito difíceis.*

*O linho dava-me muito que fazer, nós tínhamos camisas feitas de linho e calças, depois aquilo fazia uma comichão que eu sei lá.*

*Eu trabalhava de noite e de dia, os meus pais foram sempre pobres e então nós tínhamos que trabalhar, para ter algo para comer.*

### Maria de Lurdes Moreira

*A Sra. Maria de Lurdes Moreira de 52 anos lembra- Eu comecei a trabalhar muito cedo, os meus pais eram lavradores caseiros onde tínhamos muita dificuldade no viver, passávamos muito mal. Não tenho saudades destes tempos! Quando eu era novita andava no monte a olhar o gado e vimos as primeiras vezes as tropas no monte, deixamos o gado no monte e fugimos com medo, era para ver como os filhos dos pobres viviam.*

*Eu tenho muita pena de não saber ler!*

### Laura Correia de Azevedo

*A Sra. Laura Azevedo de 60 anos lembra- Trabalhei muito nos montes a fazer cabos de carvão, enchíamos os sacos para vender, porque as pessoas não tinham eletricidade e o carvão era para o ferro de engomar e para outras coisas.*

*Passava-se muito mal! Andei também nos montes a fazer molhinhos de carqueja, fui também padeira e vendia o trigo pelas portas.*

*Eu era filha única, mas trabalhava muito para ajudar os meus pais.*

### Ester Cardoso da Cunha

*A Sra. Ester de 60 anos lembra- Eu comecei a trabalhar tinha eu 8 anos, pescava e cortava lenha para levar para o rio. Nós íamos com um carro de bois a cortar lenha, axas, para o rio, porque naquela altura não haviam estradas. Trabalhei muito só ao Domingo é que ia um bocado para as romarias. Quando eu era nova, dava doutrina às crianças.*

### Maria Isabel Rodrigues Teixeira

*A Sra. Maria Teixeira de 50 anos, aos 15 anos andava há pesca no areio dortes e midões. Pescava sável, lampreia e savelha. Aos 20 anos andava na lenha do monte para levar ao rio.*

### António Joaquim dos Santos

*O Sr. António Santos de 72 anos, lembra- trabalhei toda a vida a barqueiro, ganhava 15.00 por dia, fazia uma vida de escravo. Andei em Arouca a trabalhar a queimar lenha para cartar para o Porto. Não tinha hora de apegar, tanto apegava às 11 horas como à meia noite. Tive dias que saia à segunda feira e chegava na outra semana.*

Segundo os relatos de Manuel Pinheiro, a comunidade de Sebolido era bastante habilidosa em diversas atividades artesanais, utilizando matérias-primas como o linho e a madeira para produzir objetos úteis para o dia a dia. Entre as atividades artesanais mais conhecidas da região estava a tecelagem, que permitia a produção de roupas e outros itens têxteis. Além da tecelagem, os *artistas* também se dedicavam à marcenaria, produzindo utensílios domésticos e objetos decorativos em madeira.

Atualmente, embora essas atividades artesanais já não sejam tão comuns em Sebolido, é possível encontrar alguns artesãos na região que ainda mantêm essas tradições vivas, produzindo itens de alta qualidade e preservando parte da cultura e história local. Isso é importante para manter viva a memória das tradições e para valorizar o trabalho manual, que muitas vezes é substituído por produções em massa e industrializadas.

É interessante saber que a comunidade de Sebolido também tinha habilidades em outras técnicas artesanais, como o crochê e a confecção de redes de pesca. O linho, que era uma das matérias-primas utilizadas para a tecelagem, também era usado na confecção dessas redes, uma atividade importante para a subsistência, já que Sebolido está localizada em uma região ribeirinha e a pesca era uma das principais atividades económicas. Para produzir as redes, utilizavam-se agulhas de madeira e moldes, além do fio.

### Margarida Soares Pereira

*A Sr. Margarida de 34 anos relata “Eu fazia camisolas à mão de lá nos tempos livres, para casa”*

Elvira Sousa Rocha

*Fazia renda e camisolas de lá à mão. A roupa que eu usava era as que as pessoas usavam na maré.*

António Joaquim dos Santos Silva

*Eu quando era nova fazia redes e pescava à pesca da lampreia. Fazia a rede com uma agulha de madeira uma forma e fio. As camisas eram de estofa, as calças eram de ganga. As calças eram largas uns sacos rabelos e usava umas ceroulas.*

Maria Lucinda Rodrigues dos Santos

*Eu bordava nas horas vagas. Pescava e compunha redes. Usava saias simples, as blusas eram de várias cores e o pano era de chita e umas sandálias.*

Maria Lúcia Pereira Gonçalves

*Usava uma saia vulgar comprida de cor rosa ou branca, as blusas eram de chita.*

José Barbosa

*As calças eram de estofa, as camisas também eram de estofa. Fazia-se calças de serguilha com esta roupa ia-se para o campo. A calça de cotim era par levar à missa. Porque quem não tivesse umas alparcatas não andava na moda.*

Fernando Amaro Pereira Barbosa

*Um calças pretas, uma camisa branca um colete vermelho e uma fajã vermelha, um chapéu, esta roupa era quando eu ia a zonas.*

Fernanda da Conceição Sousa Monteiro

*Eu faço renda, camisolas à mão de lá e também bordava panos e lençõs.*

Diamantina Pereira Alves Teixeira

*Faço crochê e malha. Quando eu andava a servir usava uma farda, mas quando vinha para casa ou para a rua usava calças largas de linho. Usava uma mini saia.*

Constantina Gonçalves Pereira

*Fazia rede com uma agulha de madeira, uma forma e fio. A roupa era a que se usava na maré.*

Margarida Rodrigues

*Eu bordava e fazia renda. Espadelava o linho num cortiço como espadelava era feito de tábua.*

Olivia Rodrigues Pereira Azevedo

*Eu fazia rendas, malhas a mais para casa, a roupa que eu usava era uma saia travada uma camisa de linho, uns chinelos.*

Maria Pereira Barbosa

*Fazia rede para as pescas. Pescava o sável, a savelha, a lampreia. Enquanto estava à espera para deitar eu bordava. As saias eram compridas e de roda, por dentro usava-se um saiote, as blusas eram de chita. Na cabeça usava-se um lenço chinês. O calçado eram umas sapatinhinhas de apertar ao lado com um botão. Os camisolões eram pano e flanela. Quando ia à festa levava uma camisa branca e calças de ganga, o calçado era uns sacos ou botas.*

Natalina da Silva Azevedo

*Eu fazia renda e ainda faço.*

Teófilo Teixeira

*Fazia redes à mão. A rede era feita com fios de linho e fiava-se, depois é que era feito o fio, e fazia-se a rede com agulha e uma forma.*

Amaro de Sousa

*Botava-se o esterco na terra, depois semeava-se, depois arrancava-se ripava-se, e depois molhava-se, e depois lavava-se, para o rio e metia-se a secar, depois de seco tirava-se do moinho e ia para espadelar, depois ia-se assedá-lo, para fazer as redes.*

Maria Augusta da Silva Azevedo

*Eu faço renda e camisolas à mão.*

Josefa Ferreira de Sousa

*Fiava linho.*

Maria Rodrigues

*Fazia redes com uma agulha de madeira, uma forma e fio. Essas redes era para a pesca da lampreia.*

Maria Rosa Lopes Vinagreiro

*Faço renda, costuro e bordo. A roupa que eu usava era uma saia travada. Os vestidos são simples e as blusas são lisas ou de folhas. O calçado é umas sandálias, uns chinelos ou uns sapatos.*

Maria Bernardete Lopes Teixeira

*As roupas que eu usava era uma saia de roda ou de pregas. As camisolas eram de folhas, bordadas ou lisas. O calçado era uns chinelos, uns sapatos ou umas sandálias*

Maria Jerónimo Soares Vinagreiro

*Fazia rede de arame com uma máquina manual, também faço aguardente do bagulho e faço carpintaria.*

Maria Rosa Moreira

*Fiava linho com uma roca e com um foso, também fazia meias com quatro agulhas, e meias de calcanhar.*

Maria das Graças Santos Cardoso

*Faço renda, malhas, bordo e faço bonecos de pano e cestas.*

Orlando Pinto

*Um martelo, serrote na madeira para deitar ao leilão do menino Jesus. Fiz casas de passarinhos, fiz um fogão com chapas de ferro.*

<https://www.facebook.com/watch/?v=1944520785751482&ref=sharing>

<https://www.facebook.com/juventudesebolidense22/posts/pfbid0ew5nrbtTmzmwrvhKN>

<https://www.facebook.com/juventudesebolidense22/posts/pfbid0cunsiwJWhwYHqptfTd>

<https://www.facebook.com/juventudesebolidense22/posts/pfbid0cunsiwJWhwYHqptfTd>

<https://www.facebook.com/juventudesebolidense22/posts/pfbid0cunsiwJWhwYHqptfTd>

## **Anexo III. Documentação Transcrita**

### **AMPNF A1356 Pasta contendo processos de aforamento**

**1848, out, 18 – Sebolido [lugar de Vila Nova]**

«Illustrissimos Senhores

Dizem Manuel d'Oliveira, e mulher, do lugar de Vila Nova, Manuel Barbosa, e mulher do mesmo lugar, Antonio Francisco, e mulher, Joaquim da Costa, e mulher, Antonio Jose, e mulher, Manuel da Conceição, e mulher, Manoel Pinto, e mulher, Maria Barbosa Vieira, Manoel da Silva, e mulher, Jose da Silva, e mulher, Manoel Martins Moreira, e mulher, Antonio Joaquim Fernandes, e mulher, Antonio de Sousa, e mulher, Francisco da Motta, e mulher, Dionisio de Freitas, e mulher, e Francisco Coelho, e mulher, todos do mesmo lugar de Vila Nova, freguesia de Sebolido, que há tempos redusirão a cultura, e edificarão casas no dito lugar e freguesia, no monte maninho, que he do Dominio Directo deste Municipio, sem que esta occupação prejudicasse algumas servidões, ou Logradouros da Freguesia, porque estando há annos de posse, ainda ninguem se tem queixado, e porque não he justo, que os supplicantes sendo quasi toos pobres e tendo feito despesas, fiquem privados de suas benfeitorias, nem elles pretendem prejudicar esta Camara de suas rendas, e por esta causa requerem que Vossas Senhorias lhes fação Aforamento das ditas propriedades, sendo lhes arbitrada o Fôro competente por Louvados, cujo Foro as suplicantes se sujeitao a pagar anualmente a esta Camara, a quem reconhecem por directa Senhoria.

P. a. V. I.<sup>as</sup> se designem assim a mandar, e que todas as Vedorias fiquem em hum sô prazo, para evitar despesas as supplicantes que são pobres. E. R. M.<sup>Ce</sup>

Auto de Vederia, Medição, e Apegação

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos quarenta e oito, aos dezoito dias do mês de Outubro de oito anno, neste logar de Villa nova, que hé da Freguezia de S. Paulo de Sebolido, jugado dos cidade de Penafiel, aonde eu Escrivão eleito para esta Vedoria nomeado e no fim declarado e assignado vim, para effeito de se proceder á presente Vedoria, medição e apegação de certas terras, e propriedades edificadas no monte maninho, citas na dita freguesia de S. Paulo de Sebolido o mesmo julgado de

Penafiel, as quais propriedades possuem os foreiros ao diante declarados, e no fim desta assignados na forma do requerimento nesta copiado, do qual o seu theor de verbo ad verbum hé o seguinte [...] Despacho = Atendendo que os supplicantes possuem há muito tempo, sem queixa de pessoa alguma os terrenos, que pertendem aforar, e a quem neles edificado suas casas; a que provisão de vinte e dois de dezembro de mil setecentos e sessenta e sete, permita afurar para edificar casas sem as sullemnidades para aforamentos em geral; e attendendo mais a que esta Camara já se acha para isso autorizada por deliberação do concelho do districto seis de abril deste anno deferem à pretensão com o laudémio de quarenta, hum, e foro que lhes for arbitado por louvados; procedasse à Vedoria, e arbitramento do foro, para o que nomeamos José Pinto Barboza da Freguesia da Cabeça Santa deste Concelho, para em nosso nome poder fazer vedorias, e nomeamos para louvado pela nossa parte a António Ferreira do lugar de Fonte Carreira, freguesia de Cabeça Santa deste Concelho, e de combinação se nomeará hum terceiro para desempate e feita que seja a vedoria, e aprovação do Concelho de Districto, e lavrará a escriptura de emprezamento, pagando os requerentes toda a despeza – Penafiel em Camara de seis de maio de mil oitocentos quarenta e oito. [...]

E logo ahi no dito lugar de Villa Nova da Freguezia de S. Paulo de Sebolido, appareceram presentes todos os foreiros declarados no requerimento retro, e no fim desta vedoria vao assignados. [...] Medição da terra que possui o Manuel de Oliveira e mulher, do lugar de Villa Nova. E tem, huma tapada que medido de nascente ao poente tem trinta e quatro varas, e no Norte ao Sul tem quatorze varas, confronta do nascente com o Rio Douro, pelo Poente com a Serra, pelo Norte com terra de Manuel Barbosa, e por sul com terras de José da Costa, e disseram elles foreiros, que elles nada mais possuem pertencente ao monte maninho do que acima medido e confrontado; e que reconhecão a illustrissima Camara por sua directa senhoria, e que ficam a pagar annualmente o foro de oitenta reis, e de laudémio de quarenta hum, e assignarão no fim da vedoria. – Medição de mais terra, pertença do monte maninho, que possuem Manuel Barbosa, e mulher, do Logar de Villa Nova. E tem, huma tapada, que medida do Nascente ao Poente tem trinta varas, e do Norte ao Sul, tem cinquenta e huma varas: confronta pelo Nascente com o Rio Douro, e pelo Norte, poente e Sul, com a Serra, terra fragosa. E disseram eles foreiros que elles nada mais possuem,

pertencente ao monte maninho, do que a cima medido e confrontado e que reconhecião a Ilustrissima Camara por sua direta Senhoria e que ficão a pagar-lhes annualmente o foro de cento e vinte reis, e de lodemio de quarenta e hum e assignarão no fim da vedoria. = Medição de mais terras pertença do monte maninho, que possuem António Francisco, e sua mulher, do logar de Villa Nova. E tem, humas tapadas, que medida do Nascente ao Poente tem cinco varas, e do Norte ao Sul, tem dez varas, confronta da Nascente com o Rio Douro, de Poente com a estrada, e do Norte ao Sul com a Serra, terra fragosa. E disserão elles foreiros, que elles nada mais possuem, pertencente ao monte maninho, do que acima medido, e confrontado, e que reconhecião a Ilustrissima Camara por sua directa senhoria, e que ficam a pagar annualmente o foro de vinte reis, e de laudemio de quarenta hum, e assignado no fim da Vedoria. – Medição de mais terra que possuem Joaquim da Costa, e mulher do logar de Villa Nova. E tem, huma tapada, que medida do Nascente ao Poente tem vinte varas, e do Norte ao Sul, tem desenove confronta do Nascente com o Rio Douro, do Poente com António José, do Norte em Manoel de Oliveira, e do Sul com Antonio Jose: terra fragosa. E disseram eles foreiros que elles nada mais possuem, pertencente ao monte maninho, do que acima medido e confrontado e que reconhecião a Ilustrissima Camara por sua direta Senhoria e que ficão a pagar-lhes annualmente o foro de sessenta reis e de laudemio de quarenta hum: e assignarão no fim da vedoria. – Medição de mais terra pertença de monte maninho, que possuem António José, e mulher, do logar de Villa Nova. E tem, huma tapada que medida do Nascente ao Poente tem quarenta hua varas, e do Norte ao Sul, tem desoito varas, confronte do Nascente com o Rio Douro, do Poente com a estrada, e do Norte e Sul com a Serra, terra fragosa. E disseram eles foreiros que elles nada mais possuem, pertencente ao monte maninho, do que a cima medido e confrontado e que reconhecião a Ilustrissima Camara por sua direta Senhoria e que ficão a pagar-lhes annualmente o foro de quarenta e hum, e assignarão no fim da vedoria. – Medição de mais terra pertença ao monte maninho, que possuem Manuel da Conceição e mulher, do logar de Villa Nova. E tem, huma tapada, que medida do Nascente ao Poente tem vinte e cinco varas, e do Norte ao Sul, tem trinta huma varas, confronta do Nascente com a entrada, do Poente com Manoel Pinto, do Norte e Sul com o mesmo, terra fragosa. E disseram eles foreiros que elles nada mais possuem, pertencente ao monte maninho, do que a cima medido e confrontado e que reconhecião a Ilustrissima Camara por sua direta Senhoria e

que ficão a pagar-lhes annualmente o foro de cento e vinte reis, e de laudemio de quarenta hum: e assignarão no fim da vedoria. – Medição de mais terra pertença do monte maninho que possuem Manoel Pinto, e mulher, do logar de Villa Nova. E tem, huma tapada que medida do Nascente ao Poente, tem vinte e duas varas, e do Norte ao Sul, tem vinte e nove varas, confronta por todas as partes com a serra, terra fragosa. E disseram eles foreiros que elles nada mais possuem, pertencente ao monte maninho, do que acima medido e confrontado e que reconhecião a Ilustrissima Camara por sua direta Senhoria e que ficão a pagar-lhes annualmente o foro de sessenta, e de laudemio de quarenta hum, e assignarão no fim da vedoria. – Medição de mais terra, pertença do monte maninho que possuem Maria Barbosa, viúva, do Logar de Villa Nova. Item, huma tapada que medida do Nascente ao Poente, tem vinte varas, e do Norte ao Sul tem dezoito varas; confronta por todas as partes com a serra, terra fragosa. E disseram eles foreiros que elles nada mais possuem, pertencente ao monte maninho, do que a cima medido e confrontado e que reconhecião a Ilustrissima Camara por sua direta Senhoria e que ficão a pagar-lhes annualmente o foro de quarenta reis, e de laudemio quarenta e hum, e assignarão no fim da vedoria. – Medição de mais terra pertença do monte maninho que possuem Manoel da Silva, e mulher, do logar de Villa Nova. E tem, huma tapada que medida do Nascente ao Poente, tem vinte e duas varas, e do Norte ao Sul, tem onze varas, confronta por todas as partes com a serra, terra fragosa. E disseram eles foreiros que elles nada mais possuem, pertencente ao monte maninho, do que a cima medido e confrontado e que reconhecião a Ilustrissima Camara por sua direta Senhoria e que ficão a pagar-lhes annualmente o foro de quarenta reis, e de laudemio de quarenta hum, e assignarão no fim da vedoria. – Medição de mais terra, pertença do monte maninho que possuem José da Silva, e mulher, do Logar de Villa Nova. Item, huma tapada que medida do Nascente ao Poente, tem vinte e cinco varas, e do Norte ao Sul tem dezoito varas; confronta por todas as partes com a serra, terra fragosa. E disseram eles foreiros que elles nada mais possuem, pertencente ao monte maninho, do que a cima medido e confrontado e que reconhecião a Ilustrissima Camara por sua direta Senhoria e que ficão a pagar-lhes annualmente o foro de sessenta reis, e de laudemio quarenta e hum, e assignarão no fim da vedoria. – Medição de mais terra, pertença do monte maninho que possuem Manoel Martins Moreira e mulher do Logar de Villa Nova. E tem, huma tapada que medida do Nascente ao Poente, tem doze varas, e do Norte ao Sul

tem trinta e duas varas; confronta pelo Nascente com Antonio de Sousa, pelo Poente e Sul com a quinta da Moura, pelo Norte com a estrada. E disseram eles foreiros que elles nada mais possuem, pertencente ao monte maninho, do que acima medido e confrontado e que reconhecirão a Ilustrissima Camara por sua direta Senhoria e que ficão a pagar-lhes annualmente o foro de cem reis, e de laudemio quarenta e hum, e assignarão no fim da vedoria. – Medição de mais terra pertença do monte maninho que possuem António Joaquim Fernandes, e mulher do logar de Villa Nova. E tem, huma tapada que medida do Nascente ao Poente, tem dez varas, e do Norte ao Sul, tem trinta varas, confronta de Nascente com a terra de Manoel Martins Moreira, do Norte, Poente e sul, com a serra, terra fragosa. E disseram eles foreiros que elles nada mais possuem, pertencente ao monte maninho, do que acima medido e confrontado e que reconhecirão a Ilustrissima Camara por sua direta Senhoria e que ficão a pagar-lhes annualmente o foro de oitenta, e de laudemio de quarenta hum, e assignarão no fim da vedoria. – Medição de mais terra pertença do monte maninho que possuem António de Sousa, e mulher, do logar de Villa Nova. E tem, huma tapada que medida do Nascente ao Poente, tem vinte varas, e do Norte ao Sul, tem trinta varas, confronta do Nascente com Manoel Martins, do Poente com a Quinta da Moura, e do Norte e Sul com a estrada. E tem, o mesmo foreiro António de Sousa, e mulher, tem outra tapada, que medida do Nascente ao Poente, tem vinte e cinco varas, e do Norte ao Sul, tem desanove varas, confronta do Nascente com Francisco de Gondarem, do Poente e Sul com Manoel Martins, e do Norte com a estrada. E disseram eles foreiros que elles nada mais possuem, pertencente ao monte maninho, do que a cima medido e confrontado e que reconhecirão a Ilustrissima Camara por sua direta Senhoria e que ficão a pagar-lhes annualmente o foro de cento e vinte reaia e assignarão no fim da vedoria. – Medição de mais terra pertença do monte maninho que possuem Francisco da Motta, e mulher, do logar de Villa Nova. E tem, huma tapada que medida do Nascente ao Poente tem des varas, e do Norte ao Sul, tem cinte e huma varas, confronta do Nascente a Poente, digo, do Nascente e Sul com a estrada, do Norte a poente com António da Silva. E disseram eles foreiros que elles nada mais possuem, pertencente ao monte maninho, do que acima medido e confrontado e que reconhecirão a Ilustrissima Camara por sua direta Senhoria e que ficão a pagar-lhes annualmente o foro de quarenta reis e de laudemio de quarenta hum, e assignarão no fim da vedoria. – Medição de mais terra pertença do monte maninho

que possuem Dionisio de Freitas, e mulher, do logar de Villa Nova. E tem, huma tapada que medida do Nascente ao Poente, tem quinze varas, e do Norte ao Sul, tem cinco varas, confronta do Nascente com o Rio Douro, e do Norte, Poente, e sul da Quinta da Moura. E disseram eles foreiros que elles nada mais possuem, pertencente ao monte maninho, do que acima medido e confrontado e que reconhecião a Ilustrissima Camara por sua direta Senhoria e que ficão a pagar-lhes annualmente o foro de vinte reais, e de laudemio de quarenta hum, e assignarão no fim da vedoria. – Medição de mais terra pertença do monte maninho que possuem Francisco Coelho, e mulher, do logar de Villa Nova. E tem, huma tapada que medida do Nascente ao Poente tem sessenta varas, e do Norte a Sul, tem vinte e quatro varas, confronta a Nascente com o Rio Douro, e do Norte, Poente e Sul, com a Quinta da Moura. E disseram eles foreiros que elles nada mais possuem, pertencente ao monte maninho, do que acima medido e confrontado e que reconhecião a Ilustrissima Camara por sua direta Senhoria e que ficão a pagar-lhes annualmente o foro de duzentos e quarenta reis e de laudemio de quarenta hum, e assignarão no fim da vedoria. [...]"

Nota: a 6 de Novembro de 1848, a Câmara aceitou o pedido de aforamento.

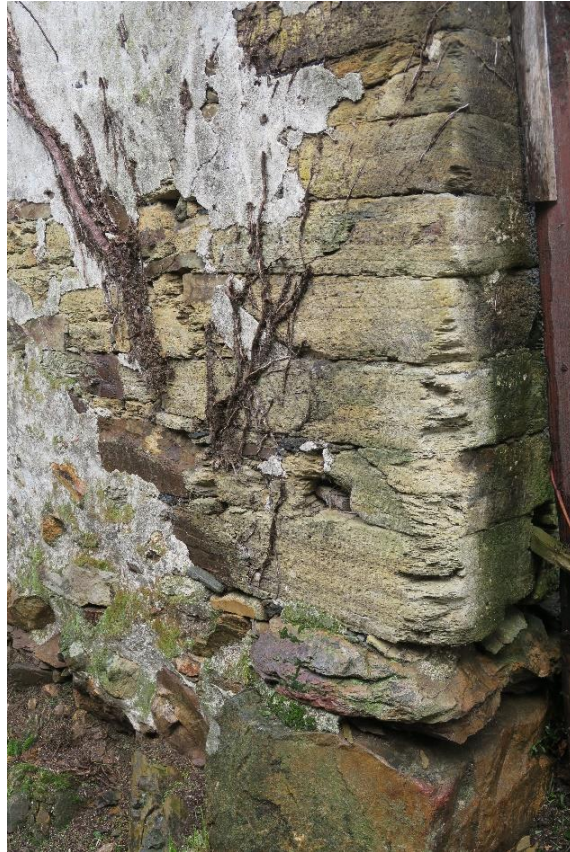
## Anexo IV. Registos Fotográficos



**Fig. 1.** Casa de lavoura (Sebolido) (Fot. Inês Lopes, 2023)



**Fig. 2.** Rua principal que atravessa o povoado, conduzindo à igreja (Fot. Inês Lopes, 2023)



**Fig. 3.** Aparelho assente a seco, com revestimento de argamassa (Fot. Inês Lopes, 2023)



**Fig. 4 e 5.** Muros de xistos com várias tonalidades, assentes a seco ou com argamassa. As pedras não são aparelhadas resultando as faces irregulares (Fot. Inês Lopes, 2023)



**Fig. 6.** Frechal de telhado, com estrutura em treliça e vigas de madeira (Fot. Inês Lopes, 2023)



**Fig.7.** Lintel de porta da casa da Moreirinha, com data inscrita (Fot. Inês Lopes, 2023)



**Fig. 8.** Parte inferior das ombreiras com esquinas boleadas, para facilitar entrada de carro dos bois  
(Fot. Inês Lopes, 2023)



**Fig.9.** Nicho incrustado na frontaria da casa (Fot. Inês Lopes, 2023)



**Fig. 10.** Porta carral com padieira e ombreiras em granito (Fot. Inês Lopes, 2023)



**Fig. 11 e 12.** Poço com boca quadrangular em granito (esquerda), e lagar com peças inteiras, em granito (direita) (Fot. Inês Lopes, 2023)



**Fig 13.** Casa da Moreirinha, varanda apoiada em prumos, e com soalho, ambos em madeira. O acesso à varanda e ao sobrado é feito pelas escadas capeadas com placas de xisto (Fot. Inês Lopes, 2023)



**Fig. 14.** Fachada cega de casa de lavoura, em xisto de várias tonalidades, na qual se abre apenas uma estreita fresta (Fot. Inês Lopes, 2023)



**Fig. 15.** Fresta estruturada com padieira em xisto, e reutilizando peça de alfaia em ferro como elemento de gradeamento (Fot. Inês Lopes, 2023)



**Fig. 16.** Fachada em xisto, com pedra de dimensões e coloração diversificadas. A abertura da janela está apoiada num grande bloco quadrangular em xisto, que lhe serve de soleira. A padieira é modesta, uma vez que a janela quase toca no beiral (Fot. Inês Lopes, 2023)



**Fig. 17.** Interior de uma cozinha, com forno e copeiras. Exemplo de utilização de placas de lousa como elementos estruturais dos vãos (Fot. Inês Lopes, 2023)



**Fig. 18.** Exemplos de aplicação da alvenaria de pedra aparelhada, e seqüências construtivas (Fot. Inês Lopes, 2023)



**Fig. 19.** Espigueiro com estrutura em madeira (Fot. Inês Lopes, 2023)

## Anexo V. Inventário do Património Edificado

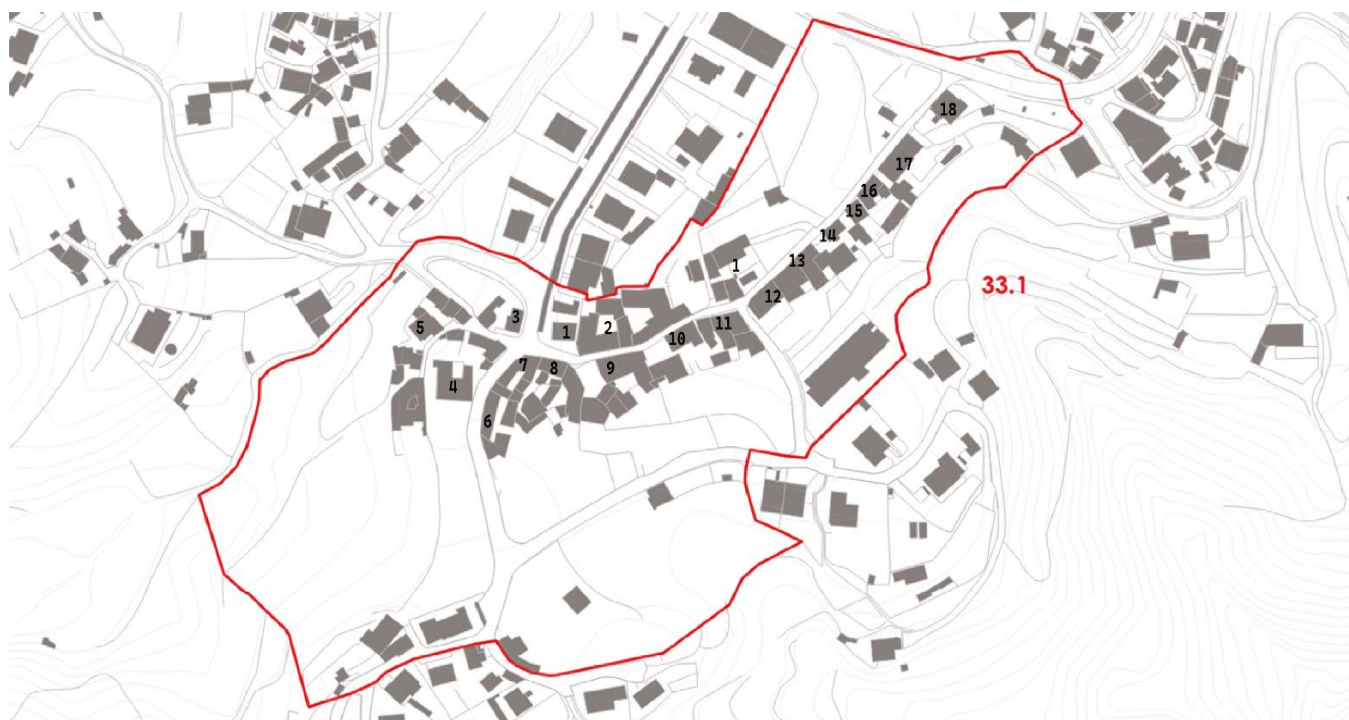
### Núcleo de Sebolido (Penafiel)

#### Lista de Património Edificado

Código de Inventário	Nº Localização Geográfica	Tipo de Ocorrência
H_01	1	Habitação
H_02	2	Habitação
H_03	3	Habitação
H_04	4	Habitação
H_05	5	Habitação
H_06	6	Habitação
H_07	7	Habitação
H_08	8	Habitação
H_09	9	Habitação
H_10	10	Habitação
H_11	11	Habitação
H_12	12	Habitação
H_13	13	Habitação
H_14	14	Habitação
h_15	15	Habitação
H_16	16	Habitação
H_17	17	Habitação
H_18	18	Habitação
F_19	19	Fonte e Tanque
F_20	20	Fonte

H_21	21	Habitação
H_22	22	Habitação
H_23	23	Habitação
H_24	24	Habitação
H_25	25	Habitação
H_26	26	Habitação
H_27	27	Habitação
H_28	28	Habitação
H_29	29	Habitação
H_30	30	Tanque
E_31	31	Espigueiro

### Núcleo de Sebolido



Fonte: MMPNF, 33.1\_EP001-1

<b>Número de Localização Geográfica</b>	1
<b>Código de Inventário</b>	H_1

<b>Designação</b>	Casa dos Sá de Cima
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa, Chapa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Abandono + Engenho de Sebolido

<b>Descrição Sumária</b>
<p>A casa dos Sá de Cima na sua fachada apresenta uma cruz gravada, não sendo perceptível o ano da sua construção, devido ao desgaste da inscrição. Na sua construção usou-se a técnica de alvenaria de xisto, placas tabulares de pedra local colocadas na horizontal, em seco, e em alguns casos, com argamassas pobres. Os Vãos e Cunhais estruturam-se com blocos de xisto, a pedra local, proveniente da serra da Boneca, no entanto, também é perceptível a utilização de barrotes de madeira nas vergas, nas portas, nas janelas, e, nas lajes. O telhado era coberto de telha, sendo que o suporte que a segurava era visível, rematado com um forro de madeira. As espessas paredes são feitas de lascas de xisto e somente os cunhais têm pedras maiores, por norma, mais rijas. No caso das paredes dos antigos módulos interiores, estas ficavam a nu, ou seja, sem qualquer tipo de revestimento. Nas padieiras e ombreiras aproveitam-se as lajes de xisto, nestas afeiçoam os tranqueiros, cavando-lhes um leve rebaixo para a porta. As padieiras da porta da entrada são feitas de pedra de grão de granito, porém as portas de divisão das lojas, situadas no pátio, são em lousa, devido a não aguentarem tanto peso e, sobretudo, a um menor valor de ostentação.</p> <p>A casa está implantada em terreno de forte declive e tem dois pisos, um com acesso direto da rua, outro com escadas a partir do pátio. A ocupação desses dois pisos é claramente diferenciada, com o rés do chão para animais, lojas e lagar, e o piso superior, com a zona da habitação e a sala onde se guardava o milho. O piso superior é circundado pela varanda, que é revestida com chapa, e o chão de madeira, onde se situam a cozinha, os quartos, a retrete, e a sala, onde se reunia a família em ocasiões de cariz religioso, como as comunhões.</p>

A autonomia da casa era representada pelo forno onde se cozia o pão, o qual é uma estrutura assente em blocos de granito, com um vão ao centro, para arrumar a lenha. A lareira representada na foto ao lado do forno, estava embutida na parede, feita também com blocos de granito, incluindo uma chaminé, o que poderia representar o maior poder económico da família. Segundo a gente da terra, a família Sá era grande proprietária, empregando a maioria da população a trabalhar nas suas terras.

O acesso ao sobrado era feito pelas escadas de degraus de granito, que vão dar à varanda, onde se encontravam as cortes, o celeiro, os tanques. À volta do pátio dispõe-se a eira, onde o piso inferior destinava-se ao palheiro, sendo que não existe um nome atribuído ao piso superior. Ao lado da habitação percorriam os longos campos de agricultura.

O lagar de azeite data 1864, pertence à Casa dos Sá de Cima, consistindo num engenho de feixe de varas, com pio de galga de tração animal. O lagar era composto por uma prensa tradicional que continha o feixe (tronco de sobreiro) colocado por cima da linha média do lagar, com um dos topos embutidos na parede, girando sobre um eixo de madeira que passa em duas argolas abertas em pedras, também presas na parede. Perto do outro extremo, este feixe é vazado dando passagem a um parafuso em madeira, ajustando num sistema macho fêmea -as conchas. O parafuso, por sua vez, liga-se na extremidade a um peso troncocónico de granito, furado ao centro segundo o eixo vertical para deixar passar o veio de ferro com sapata a que fica preso por uma chaveta. Em descanso, o peso permanece no chão e o braço da prensa apoiado sobre o lagar, num toro de madeira, sendo que, para funcionar prende-se ao parafuso e apertam-se as conchas onde vai rodar. O azeite, amontado debaixo do braço da prensa, é coberto por um tampo, iniciando-se a rodagem do parafuso, empurrando por uma vara que o atravessa junto do peso. À medida que a rosca vai rodando, o feixe desce e pressiona os malhais sobre o tampo, quando este ponto se torna forte, o rodar do parafuso acaba por levantar o peso, que assim suspenso aumenta a pressão, até pousar no chão.

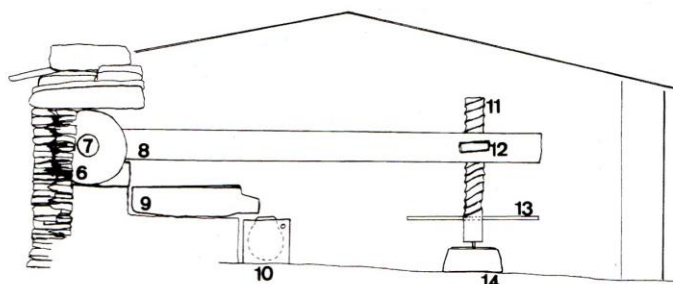
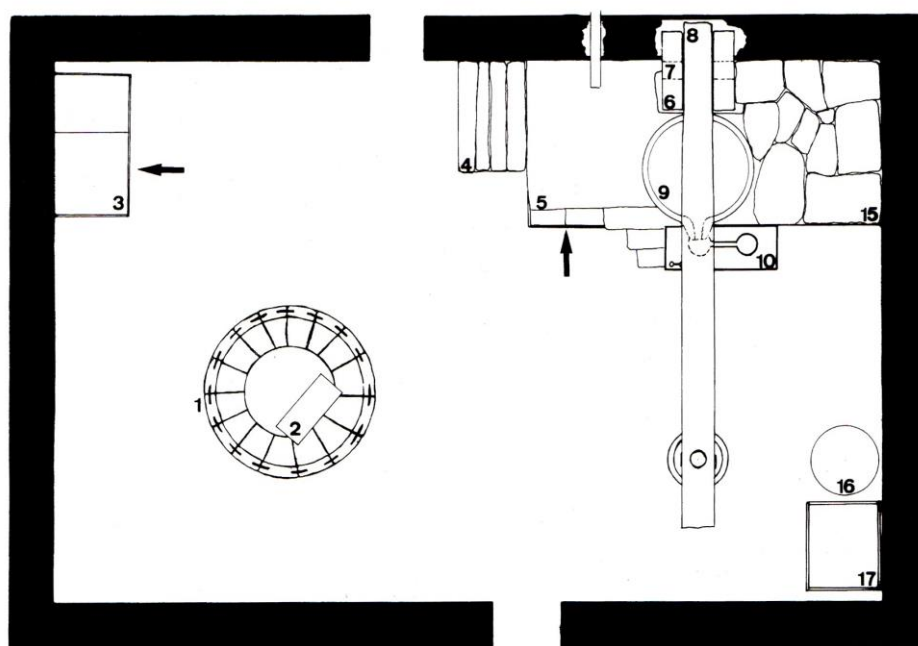
A casa pertencia à Sra. Maria do Céu (cunhada dos senhorios da casa dos Sás de baixo), e ao Sr. Herculano.

#### Registo Fotográfico





Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023



- |              |             |              |
|--------------|-------------|--------------|
| 1. pio       | 7. ratoeiro | 13. tranca   |
| 2. mó        | 8. feixe    | 14. peso     |
| 3. alambique | 9. sertã    | 15. praça    |
| 4. tarimba   | 10. potes   | 16. prensa   |
| 5. caldeira  | 11. fuso    | 17. depósito |
| 6. virgens   | 12. concha  | de bagulho   |

Lagar de azeite da Casa de Sá, Sebolido, datado de 1864

<sup>4</sup> SOEIRO, Teresa (1996-1997) - "Lagares de azeite no concelho de Penafiel", Portugalia, nova série, Vol.XVII- XVIII, pág.238

<b>Número de Localização Geográfica</b>	2
<b>Código de Inventário</b>	H_2

<b>Designação</b>	Casa da Lavoura
<b>Tipologia</b>	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa, Chapa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Habitação

<b>Descrição Sumária</b>
<p>Trata-se de uma casa pátio, que data na sua fachada do ano 1864. Observa-se a técnica de alvenaria de xisto na construção da casa, onde posteriormente existiu uma cobertura com argamassa para tapar a parede de xisto. Nas ombreiras da porta de entrada são visíveis uns chanfros, executados para facilitar a entrada dos carros de bois. As padieiras e ombreiras eram feitas de granito, nestas afeiçãoam os tranqueiros, cavando-lhes um leve rebaixo de madeira para a janela. Na janela de cima inclui-se um varandim, feito de ferro, não sabendo a função do cómodo ao qual pertencia, supõe-se que fosse à sala da família. Nas ombreiras da porta de entrada são visíveis uns chanfros, executados para facilitar a entrada dos carros de bois.</p> <p>A casa pertencia à família Rocha, nomeadamente à Sra. Maria Augusta Macedo e o Sr. Alfredo.</p>

<b>Registo Fotográfico</b>
----------------------------



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

<b>Número de Localização Geográfica</b>	<b>3</b>
<b>Código de Inventário</b>	<b>H_3</b>

<b>Designação</b>	<b>Casa da lavoura</b>
<b>Tipologia</b>	<b>Habitação</b>

### Caracterização

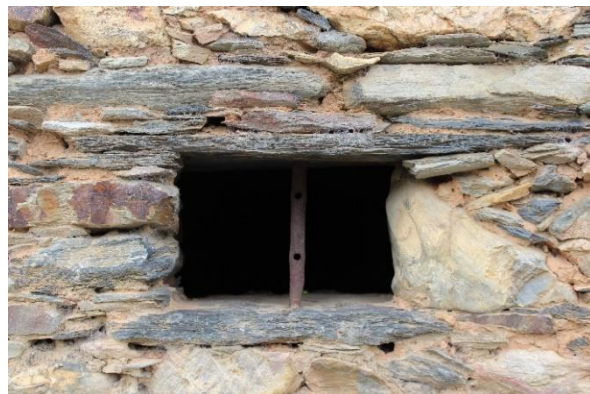
<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Abandono

### Descrição Sumária

Trata-se de uma casa de lavoura, seguindo as características da casa pátio, toda feita segundo a técnica da alvenaria de xisto. Esta casa encontra-se em péssimo estado de conservação, sendo ainda possível ver a sua estrutura, nomeadamente as padieiras da janela feitas em xisto e o ser revestimento em madeira. Na foto dois, da primeira tabela conseguimos ver os ferros onde se prendiam as juntas dos bois, ficando situado no piso de baixo onde se localizavam as lojas, concluindo que esta família de lavradores criava bois. As outras divisões, que se apresentam danificadas pelo tempo, eram compostas por varandas cobertas por chapa e barrotes de madeira.

Nota-se que era uma casa onde a família que a habitava tinha poucas posses, em comparação às restantes casas com alcunhas que as identificam. A cozinha enquanto compartimento essencial na vida quotidiana, localizava-se no segundo piso, sendo retangular, com apenas uma abertura, que era a porta. A cobertura assenta sobre a armação simples de madeira, sem forro, apenas com telha. A cozinha possuía uma chaminé que permitia escoar o fumo. O forno era todo revestido com pedra mole, tendo na sua base uma grande laje de xisto. As outras divisões do piso superior reservavam-se aos quartos e retrete. A casa pertencia à família Fonseca, sendo a sua proprietária a Sra. Teresa Fonseca.

Registo Fotográfico



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Número de Localização Geográfica	4
Código de Inventário	H_4

Designação	Casa dos Rocha
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Habitação

<b>Descrição Sumária</b>
<p>A casa dos Rocha encontra-se atualmente completamente remodelada, restando do edificado antigo apenas as eiras onde se vê a aplicação da alvenaria de xisto, pedra característica da freguesia, proveniente da serra da Boneca. A eira faz a curvatura da estrada, servindo para a reserva de todos os produtos provenientes da terra. A outra eira presente na foto era quadrangular tendo a mesma função, sendo que a padieira da janela era feita de granito. As ombreiras e padieiras das janelas e portas eram feitas de madeira (sobreiro), sendo visíveis a olho nu os tranqueiros (barrotes de madeira) para suporte, devido a não aguentarem tanto peso e, sobretudo, a um menor valor de ostentação. O telhado era revestido com telha. A família da Rocha era proprietária desta casa, de nome, Sra. Maria Augusta Macedo, e o Sr. Alfredo.</p>

<b>Registo Fotográfico</b>
----------------------------





Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Número de Localização Geográfica	5
Código de Inventário	H_5

Designação	Casa dos Carvalhos
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria da pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Habitação

### Descrição Sumária

A casa dos Carvalhos tem inscrita na sua fachada a data de 1900, ornamentada com uma cruz cravada na pedra. A parede da entrada é toda revestida de argamassa, vendo-se só no seu interior a técnica de alvenaria de xisto. É uma das casas características de casa pátio, onde o primeiro piso era destinado às lojas, destinadas aos animais, entre eles, touros, porcos, vacas, que serviam tanto para consumo próprio, como para venda na grande feira em Entre os Rios (relatos feitos pelo Senhor Bernardino Carvalho, filho de um dos proprietários). As portas das lojas eram revestidas a chapa, e assim permanecem até aos dias de hoje, mas com outras funções. Na entrada encontra-se um comprido caminho, que vai dar à zona dos campos de agricultura, extensos, ao tanque, e à pequena loja exterior que se destinava a reserva do milho, e de outros produtos provenientes da terra. No percorrer do caminho deparei-me com uma porta, onde se localiza um lagar de vinho, utilizado pela família Carvalho.

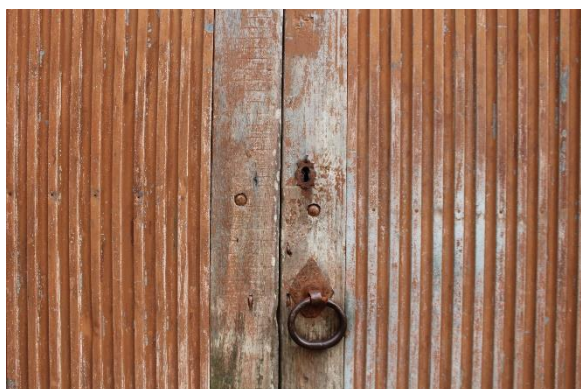
O piso superior, todo ele cercado pela varanda, destinava-se ao descanso da família, onde tínhamos os quartos, a cozinha, onde se vê o forno que ilustra a independência desta família, ou seja, produzia tudo dentro do seu recanto. Percorrendo o segundo piso encontramos a retrete, nome dado pela gente da terra, o escritório do dono da casa, Sr. Bernardino Carvalho, que além do seu trabalho nas minas do Pejão, realizava os registos de nascimento, óbitos e casamentos de toda a freguesia, encaminhando os documentos para a grande cidade, Penafiel. Uma das salas servia para a reserva e conservação dos rojões, sendo que o cuidado dos leitões/porcos era uma atividade necessária desta família, pois ganhavam algum dinheiro com a venda deste produto.

Trata-se de uma família numerosa, de nove irmãos onde os quartos eram partilhados pelo casal, pelos filhos e pela avó Margarida Carvalho, que ficou a seus cuidados.

As espessas paredes são feitas de lascas de xisto e somente os cunhais têm pedras maiores, por norma, mais rijas. No caso das paredes dos antigos módulos interiores, estas ficavam a nu, ou seja, sem qualquer tipo de revestimento. Nas padieiras e ombreiras aproveitam-se as lajes de xisto, e nestas afeiçoam os tranqueiros, cavando-lhes um leve rebaixo para a porta. As padieiras da porta da entrada são feitas de pedra de grão de granito, porém as portas de divisão das lojas, situadas no pátio, são em chapa e lousa, devido a não aguentarem tanto peso e, sobretudo, a um menor valor de ostentação. O poço era todo ele revestido em granito, tal como o lagar de vinho, à exceção do engenho de feixe de varas, que era de madeira. O lagar era quadrangular, feito de pedra, com tábuas justas, calafetadas em caixa aberta sob o suporte de traves, encimando a vara do lagar, que estava apoiada por uma porca,

onde vem um parafuso de madeira, ligado a um bloco de pedra. A vara suspendia-se ao levantar-se o parafuso, transforando a vara, atuando assim como reforço, permitindo sair o vinho.

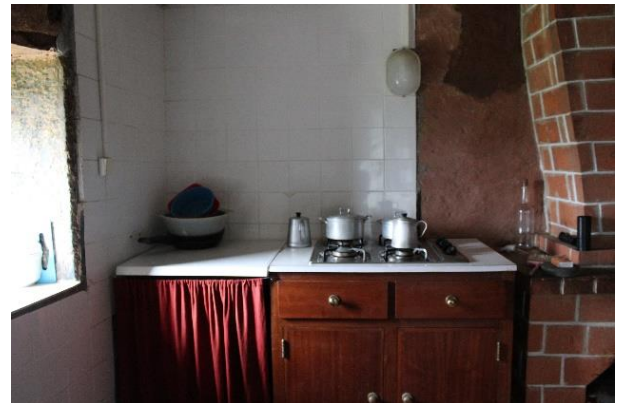
### Registo Fotográfico







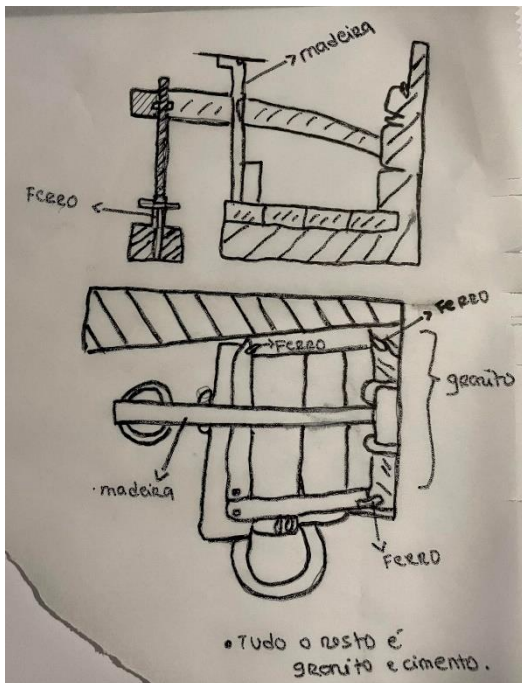
~





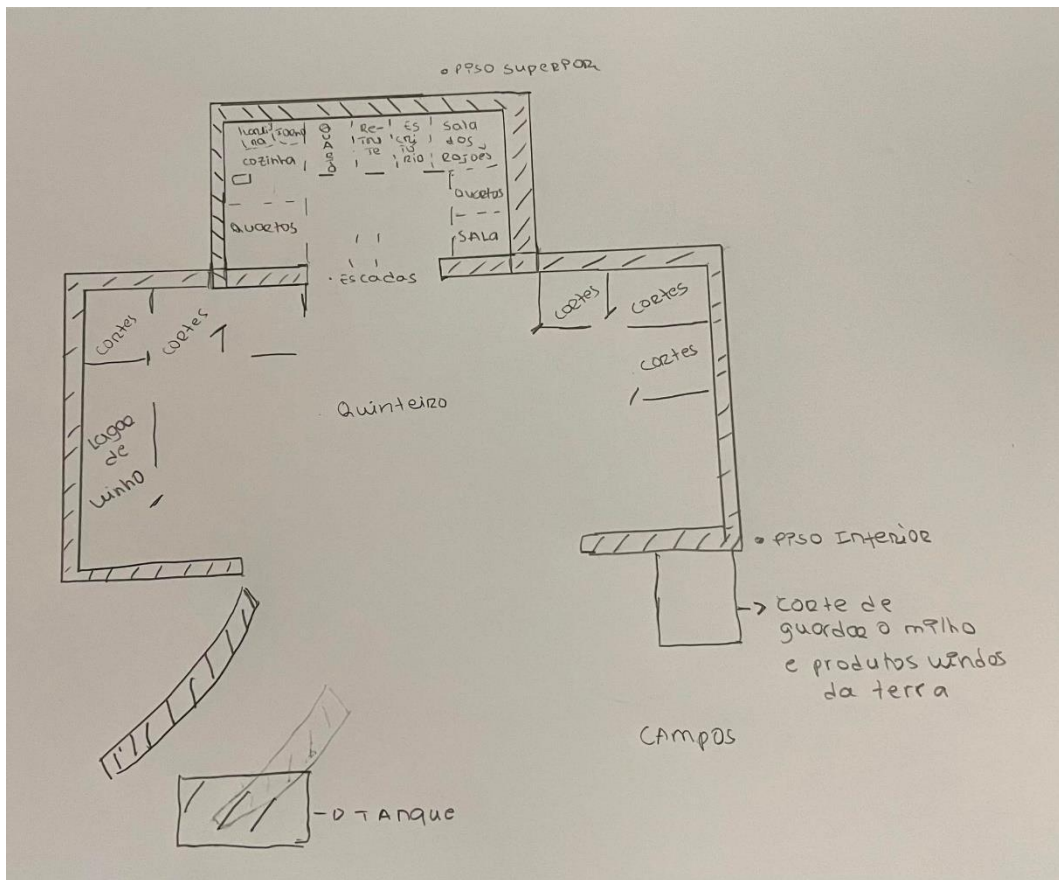
Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Esboço do Lagar de Vinho



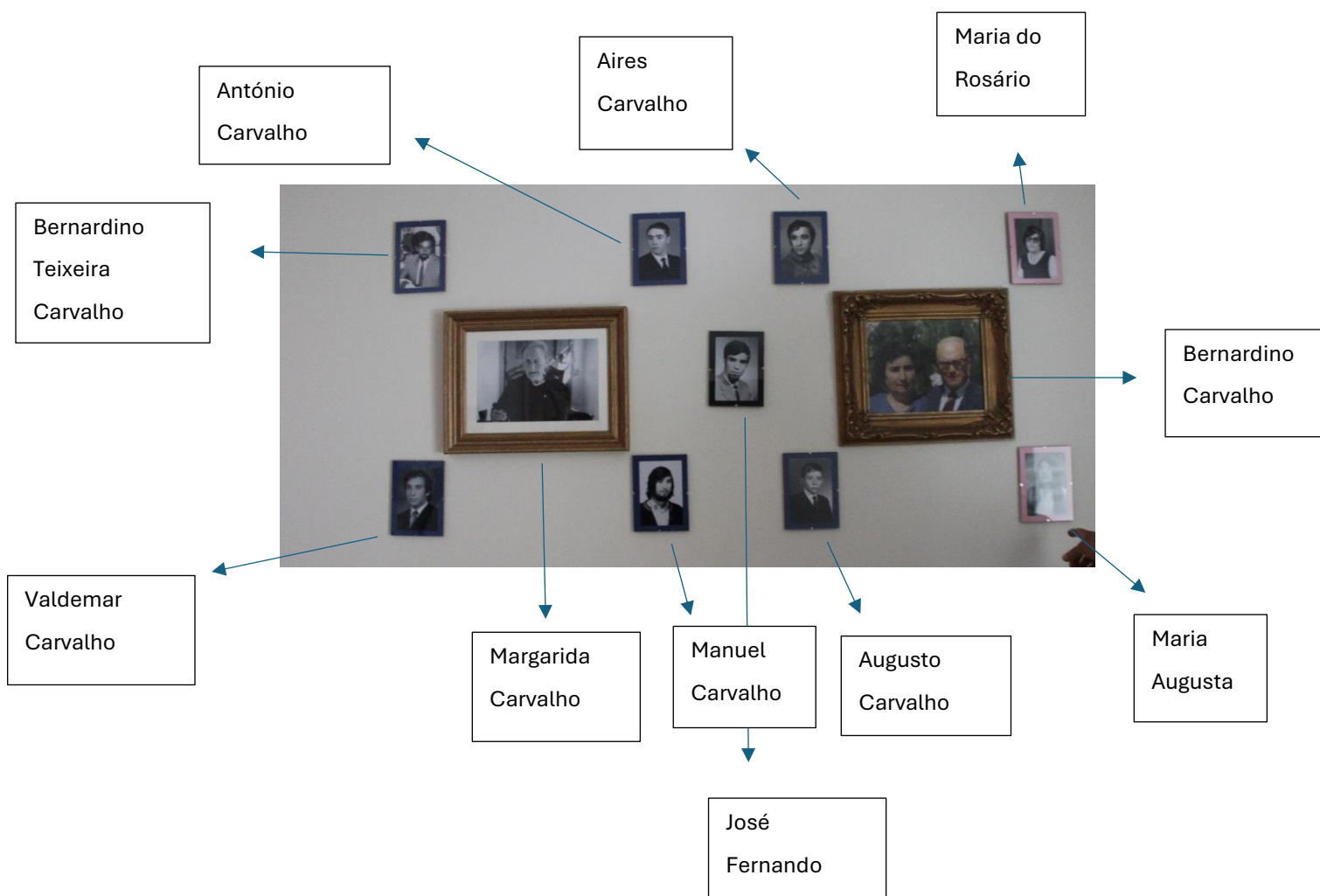
Fonte: Inês Lopes, 2023

Esboço da Estrutura da Casa



Fonte: Inês Lopes, 2023

Árvore Genológica da Família Carvalho



**Pai:**

Bernardino Carvalho - Trabalhava na empresa cooperativa das Minas do Pejão, e realizava os registos de nascimento, óbitos e casamentos da freguesia;

**Filhos (Do mais velho para o mais novo):**

Bernardino Carvalho- Estudou para padre, mas acabou por desistir, indo posteriormente para o serviço militar;

António Carvalho- Motorista da Gondomarenses

Aires Carvalho- Fazia o trabalho da jorna, não se especificando em nenhuma área, no entanto, percorreu várias partes do mundo, como o Brasil, Moçambique, Angola;

Maria do Rosário- Doméstica

José Fernando- Faleceu na tropa, a cumprir o serviço militar;

Valdemar Carvalho- Alfeire oficial da tropa;

Manuel Carvalho- Motorista e Soldador;

Augusto Carvalho- Formado em Economia;

Maria Augusta- Comerciante, vendia a retalho.

Número de Localização Geográfica	6
Código de Inventário	H_6

Designação	Casa dos Carvalho
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Abandono

### Descrição Sumária

Trata-se de uma casa da lavoura cujo interior se encontra atualmente destruído, e sem nenhuma divisão.

A sua construção segue a técnica de alvenaria de xisto, sendo possível verificar na imagem três, da coluna dois, que as casas não se tocavam entre si, existindo um pequeno espaço. As padieiras e ombreiras **das janelas** eram feitas de madeira de sobreiro, e o telhado revestido com telha.

### Registo Fotográfico





Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Número de Localização Geográfica	7
Código de Inventário	H_7

Designação	Casa dos Sá de Baixo
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Habitação

<b>Descrição Sumária</b>
<p>A casa dos Sá de Baixo data de 1828, não tendo mais nenhum pormenor ornamental na sua fachada. O telhado é coberto por telha, as padeiras e ombreiras são feitas de granito. A porta principal (entrada) é em chapa, no entanto esta substituiu a original que era em madeira, incluindo as ombreiras.</p> <p>A casa segue a tipologia da casa pátio. Ao nível do rés do chão, além da entrada, a fachada possui apenas duas frestas que arejariam as cortes e lojas. A casa está implantada em terreno de forte declive e tem dois pisos, um com acesso direto da rua, outro com escadas a partir do pátio. A ocupação desses dois pisos é claramente diferenciada, sendo o rés do chão para animais, lojas e lagar, e o piso superior para habitação, e a sala onde se guardava o milho.</p> <p>A casa pertencia ao Sr. Manuel de Sá, e sua esposa, Sra. Maria Luísa Seabra.</p>

<b>Registo Fotográfico</b>
----------------------------



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Número de Localização Geográfica	8
Código de Inventário	H_8

Designação	Casa de Lavoura
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Abandono

### Descrição Sumária

Trata-se de uma casa da lavoura do estilo casa pátio, com uma data na sua fachada: 1901. A fachada tem uma cruz de pedra embutida na parede, que segue a técnica de alvenaria de xisto, que posteriormente foi revestida com argila. O telhado é coberto por telha.

As padieiras e ombreiras da janela são de madeira, e as ombreiras da porta são de granito. No seu interior encontra-se tudo desmoronado, apenas ficaram de pé as paredes de entrada no pátio.

A casa pertencia à família Silveira, sendo também conhecida pela casa da Eira.

### Registo Fotográfico



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Número de Localização Geográfica	9
Código de Inventário	H_9

Designação	Casa da Igreja
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Abandono

<b>Descrição Sumária</b>
<p>Trata-se de uma casa da lavoura que foi doada pela família dos Laranjeira ao Padre da aldeia. O padre alimentava-se/sobrevivia com o que a população lhe oferecia.</p> <p>A casa encontra-se completamente destruída, sendo visível na sua fachada uma cruz gravada, embutida na parede, que é feita segundo a técnica de alvenaria de xisto, revestida de argamassa. As ombreiras da porta são de granito, e a porta de madeira de sobreiro.</p>

<b>Registo Fotográfico</b>
----------------------------



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Número de Localização Geográfica	10
Código de Inventário	H_10

Designação	Casa da Moreirinha
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Restauração/ Habitação

#### Descrição Sumária

A casa da Moreirinha apresenta data na sua fachada -1778. Observa-se o cuidado da sua aparência exterior, tendo em granito as molduras das janelas e do portal, e as mísulas que ladeiam aquelas, o que enaltece o poder económico desta família e diferencia esta das outras habitações. Nas ombreiras da porta de entrada são visíveis uns chanfros, executados para facilitar a entrada dos carros de bois. Na sua fachada está representado um nicho, onde por norma se coloca um santo (que ainda não identificamos), neste caso iluminado por um lampião em ferro. Ao nível do rés do chão, além da entrada, a fachada apresenta apenas duas frestas que arejariam as cortes e lojas. A casa está implantada em terreno de forte declive e tem dois pisos, um com acesso direto da rua, outro com escadas a partir do pátio. A ocupação desses dois pisos é claramente diferenciada, com o rés do chão para animais, lojas e lagar, e o piso superior para zona de habitação e a sala onde se guardava o milho. A cozinha seria de dimensões sensivelmente iguais às da sala, porém não é possível descreve-la devido a ter sofrido grandes alterações, sendo que o local, nos dias de hoje, foi transformado num restaurante. A sala é quadrada, com duas janelas voltadas para o exterior, visíveis na fachada da casa, e a porta virada para a varanda. A colocação da escada de acesso ao andar superior, ou mais concretamente à varanda, varia conforme a planta da casa e o declive do terreno. Neste caso as escadas estão encostadas à parede e a varanda dá acesso às portas da cozinha, da sala, e dos quartos. A parede interior da varanda, a todo o seu comprimento, é sempre de pedra.

A varanda circundava toda a zona do pátio, apoiada no corpo da parede e maciço das escadas, sendo antigamente construída de madeira, em parte sobre pontas salientes dos barrotes do soalho. Ressalvo que as paredes tinham uma espessura considerável, sendo constituídas por pequenas lascas de xisto,

e apenas os cunhais revelam pedras maiores e mais rijas. As padieiras são de xisto, de modo a encher toda a espessura da parede.

O acesso ao sobrado é feito por escadas, com degraus de xisto, que terminam nas varandas, que eram anteriormente de madeira, cobertas pelo prolongamento das abas do telhado, e apoiadas em prumos de pedra. Por baixo deste sobrado ficam todos os anexos descritos anteriormente, sendo que ao lado da casa fica a horta, como uma extensão do pátio, onde se encontra o poço. Uma das salas destinava-se à tecelagem do linho.

O lagar e o poço eram feitos de granito, com a pedra perfeitamente aparelhada, tal como a das molduras e elementos decorativos em granito da fachada. As paredes interiores são construídas em xisto, com a pedra bem aparelhada, onde são perceptíveis as lajes de xisto duro e as ardósias, tal como nas escadas e no pavimento.

De acordo com a descrição de Ernesto Veiga de Oliveira acima mencionada, saliento a tipologia do pátio fechado, ou seja, o pátio tornou-se numa vantagem nítida na casa da Moreirinha, como retiro do gado e espaço dos animais de capoeira, também para acumulação de outros bens, pela vigilância direta dos proprietários da casa da lavoura. Forma um espaço fechado ao exterior, e a entrada da casa faz-se por um corredor cujo chão apresenta lajes de xisto, que irá de encontro ao pátio, limitado pelos edifícios ao seu redor. O sobrado é destinado à zona de conforto (cozinha, quartos e sala), de pouco comprimento (OLIVEIRA, 1992, p.103).

As espessas paredes são feitas de lascas de xisto e somente os cunhais têm pedras maiores, por norma mais rijas. No caso das paredes dos antigos módulos interiores, estas ficavam a nu, ou seja, sem qualquer tipo de revestimento. Nas padieiras e ombreiras aproveitam-se as lajes de xisto, e nestas afeiçoam os tranqueiros, cavando-lhes um leve rebaixo para a porta. As padieiras da porta da entrada são feitas de pedra de grão de granito. Porém, as portas de divisão das lojas, situadas no pátio, são em lousa, devido a não aguentarem tanto peso e, sobretudo, a um menor valor de ostentação.

O dono da casa da Moreirinha era o mesmo da Quinta da Moura, o Sr. Manuel de Vale Peixoto, e a sua esposa, Sra. Maria de Jesus da Silva.

#### **Registo Fotográfico**



Sebolido em registo. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/sebolido.emregistro>. Acesso em: 25 jun. 2024.

Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Número de Localização Geográfica	11
Código de Inventário	H_11

Designação	Casa da lavoura
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Habitação

### Descrição Sumária

Trata-se de uma casa da lavoura, que foi completamente renovada no seu interior, não mantendo a estrutura antiga de casa pátio, e apenas nos é perceptível a sua fachada construída em alvenaria de xisto. As ombreiras da porta são grossas lajes de xisto.

A casa pertencia à família Filão, que era natural de Rio Mau.

### Registo Fotográfico



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Número de Localização Geográfica	12
Código de Inventário	H_12

Designação	Casa da Lavoura
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Abandono

<b>Descrição Sumária</b>
<p>Trata-se de uma casa de lavoura, abandonada, onde a sua fachada é revestida por xisto, seguindo a técnica da alvenaria de xisto, a parte interior está desabada, mas segundo os relatos orais da população, tratava-se de uma casa pátio. A padieira da janela é em madeira, estando revestida por chapa. As ombreiras da porta também se encontram com madeira e lajes de xisto, sendo a porta feita em madeira. Na parede da casa existe um grafito de uma flor, que poderá simbolizar o milho.</p> <p>A casa pertencia à família Silveira, que habitava no Porto, sendo proprietário o Sr. Almiro.</p>

<b>Registo Fotográfico</b>
----------------------------





Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

<b>Número de Localização Geográfica</b>	<b>13</b>
<b>Código de Inventário</b>	H_13

Designação	Casa da Lavoura
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Abandono

<b>Descrição Sumária</b>
<p>Trata-se de uma casa de lavoura, feita segundo a técnica da alvenaria de xisto, e revestida com argamassa. A casa segue o modelo das casas pátio, onde o piso inferior se destinava às cortes para os animais, e os produtos provenientes do campo. A zona superior, destinava-se à cozinha, retrete e quartos. Estamos a falar de uma casa de um lavrador com pequenas possibilidades, sendo de dimensão mais reduzida. A estrutura do telhado era em barrotes de madeira.</p> <p>A casa pertencia ao Sr. José Sequeira e à Sr. Rosa Sequeira.</p>

<b>Registo Fotográfico</b>
----------------------------



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023



Número de Localização Geográfica	14
Código de Inventário	H_14

Designação	Casa da Lavoura
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Abandono

### Descrição Sumária

Trata-se de uma casa de lavoura, abandonada, onde apenas se consegue identificar a sua fachada feita em alvenaria de xisto. As ombreiras das portas são em granito, e as padieiras das janelas feitas em madeira. Ago exuberante nesta casa são as escadas que se encontram no lado de fora da habitação, pormenor incomum nas restantes casas da lavoura da freguesia de Sebolido.

### Registo Fotográfico





Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Número de Localização Geográfica	15
Código de Inventário	H_15

Designação	Casa da Lavoura
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Habitação

### Descrição Sumária

Trata-se de uma casa de lavoura, que foi completamente renovada no seu interior, não mantendo a estrutura antiga de casa pátio. Apenas nos é perceptível a sua fachada em alvenaria de xisto, sendo as ombreiras da porta também em lajes de xisto.

### Registo Fotográfico



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Número de Localização Geográfica	16
Código de Inventário	H_16

Designação	Casa da Lavoura
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Habitação
<b>Descrição Sumária</b>	
Trata-se de uma casa de lavoura, que foi completamente renovada no seu interior, não mantendo a estrutura antiga de casa pátio, vendo-se a sua fachada em alvenaria de xisto. As ombreiras da porta são feitas com lajes de xisto, tal como as padieiras das janelas. Na parte da fachada conseguimos ver uma antiga janela da arquitetura primordial da casa, que foi tapada com betão.	

### Registo Fotográfico



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Número de Localização Geográfica	17
Código de Inventário	H_17

Designação	Casa da Lavoura
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Habitação

### Descrição Sumária

Trata-se de uma casa de lavoura, que foi completamente renovada no seu interior, não mantendo a estrutura antiga de casa pátio, sendo apenas perceptível a sua fachada em alvenaria de xisto. As ombreiras da porta são em lajes de xisto, tal como as padieiras das janelas.

### Registo Fotográfico



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Número de Localização Geográfica	18
Código de Inventário	H_18

Designação	Quinta do Solar
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Habitação

### Descrição Sumária

Trata-se de uma casa de lavoura construída no século XVIII, que foi renovada em 2012 para turismo rural. Caracteriza-se pela sua dimensão, tendo no piso superior seis divisões para quartos, cozinha e sala. Na parte da fachada apenas conseguimos ver as padieiras das janelas que eram feitas em granito, juntamente com os degraus de entrada da casa, tudo o resto está modificado. Esta casa distingue-se pela sua ligação direta ao rio Douro.

A casa também era conhecida pela gente da terra, como Casa dos Lobo, que eram donos da Quinta de Santa Cruz, em Canelas.

### Registo Fotográfico





Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023



Número de Localização Geográfica	-----
Código de Inventário	F_19

Designação	Tanque e Fonte
Tipologia	Tanque

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Granito
<b>Utilização Inicial</b>	Tanque e Fonte
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria insossa
<b>Última Utilização</b>	Fonte de água e local para lavar roupa

<b>Descrição Sumária</b>
A fonte data do ano 1933, servindo para consumo de toda a aldeia, que aqui se abastecia de água, e utilizando o tanque para lavar as suas roupas. Ambas as construções são feitas em granito.

<b>Registo Fotográfico</b>
----------------------------



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Número de Localização Geográfica	-----
Código de Inventário	F_20

Designação	Fonte
Tipologia	Fonte

### Caracterização

Materiais de Construção	Granito
Utilização Inicial	Fonte
Técnicas Construtivas	Alvenaria insossa
Última Utilização	Fonte de água

Descrição Sumária
A fonte data do ano 1952, servindo para abastecer toda a aldeia de água, sendo feita em granito.

### Registo Fotográfico



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Número de Localização Geográfica	21
Código de Inventário	H_21

Designação	Casa da lavoura
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Vivenda
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Abandono

<b>Descrição Sumária</b>
Trata-se da Vivenda de Sebolido, atualmente abandonada. A sua fachada era toda feita em granito. As padieiras das janelas eram de madeira de sobreiro, tal como a porta, sobressaindo as vidraças no seu topo.

Registo Fotográfico
---------------------



Sebolido em registo. Disponível em:

<https://www.facebook.com/sebolido.emregistro>. Acesso em: 25 jun. 2024.



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Número de Localização Geográfica	22
Código de Inventário	H_22

Designação	Casa da lavoura
Tipologia	Habitação

### Caracterização

Materiais de Construção	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
Utilização Inicial	Habitação
Técnicas Construtivas	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
Última Utilização	Abandono

<b>Descrição Sumária</b>
Trata-se de uma casa de lavoura, divergindo do esquema das antigas casas pátio, sendo uma casa de bloco com dois pisos, revestida por pedra e argamassa. As padieiras e ombreiras tanto das portas, como das janelas eram feitas em madeira. Ao lado da casa situavam-se alguns campos agrícolas, servindo assim apenas para consumo próprio. O interior da casa encontra-se vazio, sendo provável que o espaço térreo fosse dedicado às cortes dos animais e produtos da terra, e o sobrado há habitação da família.

<b>Registo Fotográfico</b>
----------------------------



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

<b>Número de Localização</b>	23
<b>Geográfica</b>	
Código de Inventário	H_23

Designação	Casa da lavoura
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Abandono

<b>Descrição Sumária</b>
Trata-se de uma casa de lavoura, completamente destruída, onde nos é perceptível apenas a sua construção em alvenaria de xisto.

<b>Registo Fotográfico</b>
----------------------------



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Número de Localização Geográfica	24
Código de Inventário	H_24

Designação	Casa da lavoura
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Abandono

<b>Descrição Sumária</b>
<p>Todas estas casas de lavoura pertenciam ao Sr. António Lopes. A primeira de cor amarela, caracteriza-se pela fachada revestida com argamassa, sendo uma casa-bloco, térrea. As ombreiras das portas e janelas eram de lajes de xisto. Nota-se na zona da cozinha a existência da chaminé, e o telhado é feito de lajes. Ao pé da casa encontra-se um tanque, onde se colocavam as lampreias apanhadas no rio, sendo que esta casa se localiza perto da praia dos pescadores, em Cancelos.</p> <p>As outras casas eram em alvenaria de xisto, sendo que as suas cortes se localizavam no piso de baixo para guardar os produtos provenientes do campo e albergar os animais. As obreiras e padieiras eram feitas com grandes lajes, e o telhado também ele revestido com esse material.</p>

<b>Registo Fotográfico</b>
----------------------------





Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

<b>Número de Localização Geográfica</b>	25
Código de Inventário	H_25

Designação	Casa de lavoura
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Abandono
<b>Descrição Sumária</b>	
<p>A casa de lavoura pertencia ao Sr. Joaquim Paiva, sendo toda ela em granito, e o telhado coberto com telha. As portas eram de chapa, e as janelas revestidas com pedra e ferro.</p> <p>Na zona inferior, é visível o espaço onde se guardava os alimentos provenientes do campo, notando-se as prateleiras feitas em madeira.</p>	

Registo Fotográfico
---------------------



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Número de Localização Geográfica	26
Código de Inventário	H_26

Designação	Casa de lavoura
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Abandono
<b>Descrição Sumária</b>	
Tratava-se de uma casa de lavoura, localizada em CANCELLOS, junto à praia dos pescadores. A casa, toda ela é em alvenaria de xisto. As ombreiras e padieiras eram de madeira, e o telhado todo coberto com telha, estando o interior da casa presentemente destruído.	

### Registo Fotográfico



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

<b>Número de Localização Geográfica</b>	27
Código de Inventário	H_27

Designação	Casa de lavoura
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Abandono

<b>Descrição Sumária</b>
Tratava-se de uma casa da lavoura, localizada em Cancelos, junto à praia dos pescadores. A totalidade da casa é em alvenaria de xisto, sendo coberta por argamassa pobre. As ombreiras e padieiras eram de xisto. O interior da casa está destruído.

<b>Registo Fotográfica</b>
----------------------------



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Número de Localização Geográfica	28
Código de Inventário	H_28

Designação	Casa de lavoura
Tipologia	Habitação

### Caracterização

<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Habitação
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
<b>Última Utilização</b>	Abandono

<b>Descrição Sumária</b>
Tratava-se de uma casa de lavoura, localizada em CANCELLOS, junto à praia dos pescadores. A casa é toda em alvenaria de xisto, sendo coberta por argamassa pobre. As ombreiras e padieiras eram de xisto. O interior da casa está destruído. Nota-se que tem piso térreo e sobrado, sendo o primeiro destinado aos animais, e o armazenamento dos produtos, e o piso superior à habitação da família.

<b>Registo Fotográfico</b>
----------------------------



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Número de Localização Geográfica	29
Código de Inventário	H_29

Designação	Quinta da Moura
Tipologia	Habitação

### Caracterização

Materiais de Construção	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
Utilização Inicial	Habitação
Técnicas Construtivas	Alvenaria de aparelho rústico, Alvenaria de pedra aparelhada, Alvenaria Ordinária, Alvenaria de pedra seca.
Última Utilização	Habitação

#### Descrição Sumária

A Quinta da Moura data 1875, sendo que recentemente foi completamente renovada, restando apenas o portão da arquitetura original. Era uma casa toda ela em alvenaria de xisto, com 5 quartos no piso superior e a cozinha.

As ombreiras e padieiras eram feitas de granito. Existe uma capela com uma santa neste local, que provem desde o séc. XVIII.

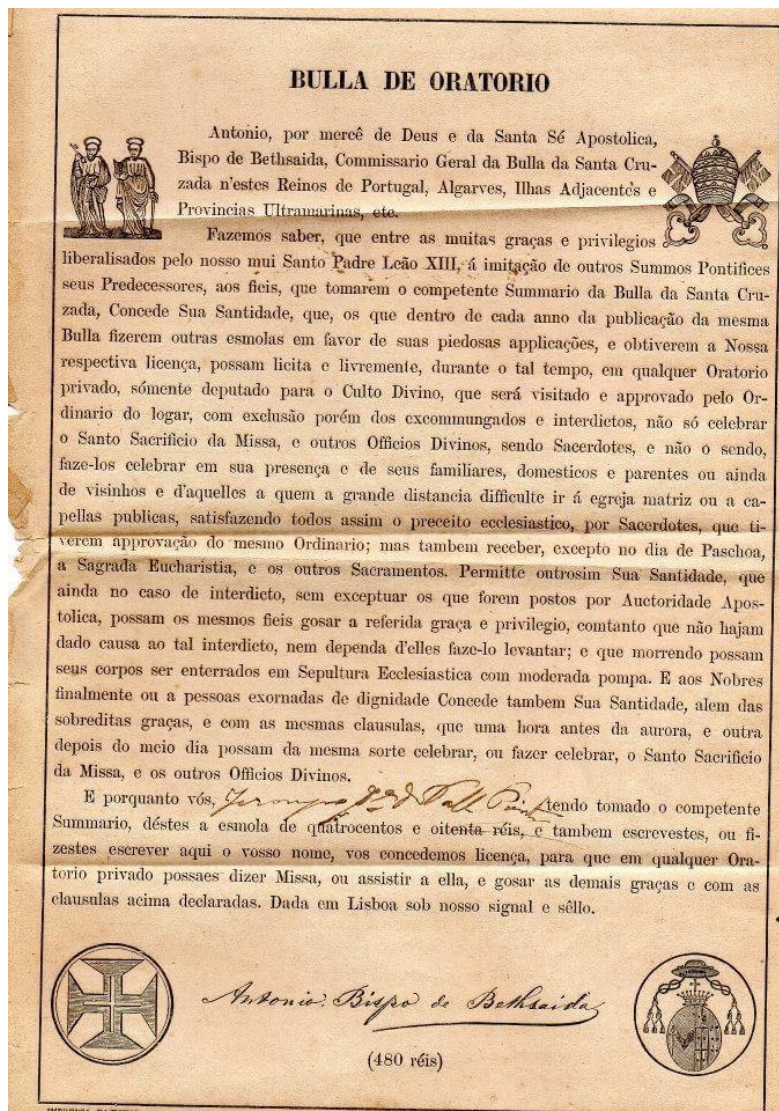
Esta casa pertencia à Sra. Maria Jesus da Silva e ao Sr. Manuel do Vale Peixoto, tendo sido uma herança de família. O nome Moura da casa é, segundo as lendas contadas pelos habitantes, referência de lá terem habitado os mouros.

A Bula, apresentada em baixo, foi concedida pelo Papa Leão XIII a Jerónimo José Vale Peixoto, autorizando-o a celebrar a Missa em oratórios privados, mediante o pagamento pela bula de 480 reais. Jerónimo Peixoto foi o primeiro dono da quinta da moura a conseguir que na capela da quinta da Moura, fossem rezadas missas.

#### Registo Fotográfico



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023



Sebolido em registo. Disponível em: <https://www.facebook.com/sebolido.emregistro>. Acesso em: 25 jun. 2024.

Número de Localização Geográfica	30
Código de Inventário	H_30

Designação	Tanque
Tipologia	Tanque

### Caracterização

Materiais de Construção	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
Utilização Inicial	Tanque
Técnicas Construtivas	Alvenaria insossa
Última Utilização	Lavagem de roupa

Descrição Sumária
O tanque é feito em granito, com cobertura de chapa apoiada em dois barrotes de madeira.

Registo Fotográfico
---------------------



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Número de Localização Geográfica	31
Código de Inventário	E_31

Designação	Espigueiro
Tipologia	Espigueiro

### Caracterização

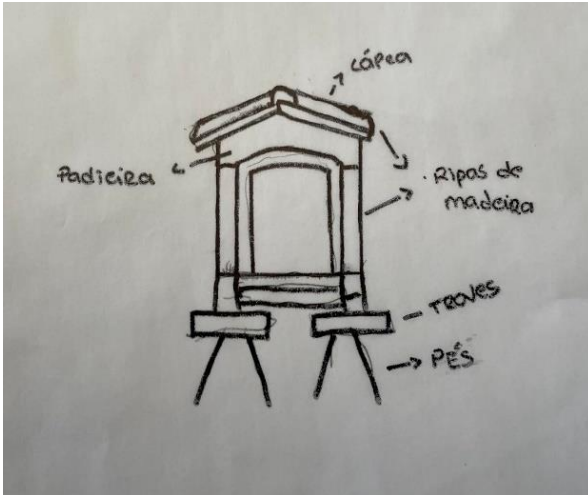
<b>Materiais de Construção</b>	Xisto, Blocos de Quartzito, Blocos de Grauvaque, Lousa.
<b>Utilização Inicial</b>	Armazenamento do milho
<b>Técnicas Construtivas</b>	Alvenaria insossa
<b>Última Utilização</b>	Não existe
Descrição Sumária	
<p>O espigueiro servia para a recolha e armazenamento de espigas, destinado a proteger o milho da humidade do solo, bem assim como dos roedores e aves. É uma estrutura estreita e alongada, onde o corpo lateral possui frestas entre as ripas verticais de madeira para permitir a circulação do ar através do cereal. A estrutura é elevada em relação ao solo, sendo apoiada em espeques, ou pés.</p> <p>As padieiras são feitas em madeira e a cápea de chapa. As traves também são de madeira, à exceção dos pés que são em granito.</p>	

Registo Fotográfico



Fonte: Fot. Inês Lopes, 2023

Esboço do Espigueiro



Fonte: Inês Lopes, 2023